

LAYSE VENTURA COUTINHO AMARAL

**A CRISE DOS JORNAIS IMPRESSOS E O CAPITAL SOCIAL:
DIÁLOGOS PELA PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Monguilhott Remor

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Amaral, Layse Ventura Coutinho
A crise dos jornais impressos e o capital social
: diálogos pela perspectiva da complexidade / Layse
Ventura Coutinho Amaral ; orientador, Francisco
Antonio Pereira Fialho; coorientador, Carlos
Augusto Monguilhott Remor - SC, 2017.
127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós
Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2.
Jornal Impresso. 3. Capital Social. 4. Jornalismo.
I. Fialho, Francisco Antonio Pereira. II. Remor,
Carlos Augusto Monguilhott. III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Engenharia e Gestão do Conhecimento. IV. Título.

Layse Ventura Coutinho Amaral

**A CRISE DOS JORNAIS IMPRESSOS E O CAPITAL SOCIAL:
DIÁLOGOS PELA PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 16 de março de 2017.

Prof. Gertrudes Aparecida Dandolini, Dr.^a
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Maria José Baldessar, Dr.^a
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof. Marcio Vieira de Souza, Dr.
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof. Nilson Lemos Lage, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus avós. Aos maternos, apoiadores incondicionais de minhas aventuras. Aos paternos (*in memoriam*), inspirações angelicais de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só foi possível com o envolvimento ativo de algumas pessoas. Eu agradeço todos os dias por elas terem acreditado em mim, terem escutado minhas dúvidas e me apontado o caminho.

As primeiras pessoas que preciso agradecer são meus orientadores. Em especial, agradeço ao professor Fialho por todo apoio e incentivo.

Também quero agradecer a todo o corpo docente do departamento pelas aulas maravilhosas e os ensinamentos que me proporcionaram. Em especial, quero agradecer à professora Maria José Baldessar por ter sido a primeira pessoa a acreditar no projeto, à professora Marina Nakayama e ao professor Gregório Varvakis pelos conselhos.

Quero aproveitar ainda para agradecer as minhas eternas chefas Cristina e Taís por todo apoio logístico e emocional para conciliar trabalho e vida acadêmica apaixonantes.

Esses agradecimentos não estariam completos sem reconhecer o amor incondicional da minha família, dos meus amigos e do meu companheiro. Cada um, de seu jeito, compartilhou esse sonho comigo. Realmente, sou grata de termos nos encontrado nesta vida.

Um jornal é um conselheiro que não se tem necessidade de ir procurar mas que se apresenta a si mesmo e que nos fala todos os dias, em poucas palavras, do negócio comum, sem nos desviar dos negócios particulares. Por isso, os jornais se tornam mais necessários à medida que os homens são mais iguais e o individualismo mais temível. Seria diminuir a sua importância, acreditar que só servem para garantir a liberdade; os jornais conservam a civilização.

(Alexis de Tocqueville, 1840)

RESUMO

As transformações observadas nos jornais impressos têm consequências para a sociedade. Embora as pesquisas na área de Jornalismo tenham se dedicado a investigar aspectos econômicos e tecnológicos dessas mudanças, estudos no campo de Capital Social apontaram que as consequências podem se manifestar para além dessas duas dimensões. Por isso, esta dissertação teve como objetivo analisar como a crise dos jornais impressos se relacionava com o capital social. Neste trabalho, utilizou-se o paradigma da complexidade. Portanto, a metodologia foi estabelecida pela religação dos saberes, pelo pensamento dialógico, pelo processo recursivo e pelo princípio *hologramático*. De forma complementar, a metodologia de pesquisa pode ser definida pela abordagem qualitativa, de resultado teórico, objetivo geral exploratório e delineamento de pesquisa bibliográfica. A coleta de dados foi feita por meio de revisão de literatura sistemática integrativa e entrevistas em profundidade com seis especialistas. Já para a análise dos relatos utilizou-se o método de comparação constante. As entrevistas evidenciaram três eixos principais de transformações. Primeiro, as mudanças no produto decorrentes de pressões econômicas, tecnológicas e ideológicas. Essas pressões foram percebidas quanto à queda de receita publicitária, a competição pela notícia imediata com a internet e as alterações nos ideais profissionais. Segundo, as relações com o Estado marcadas pela interdependência entre os dois atores. Por um lado, o Estado se tornou o principal anunciante em muitas publicações. Por outro, o jornal assumiu um papel de mediação que pode tanto promover o capital social quanto controlar o fluxo de informações. Terceiro, as relações de comunicação tradicionais com os leitores podem se tornar mais horizontais, baseadas na mútua influência. Essas transformações pressionam o jornal a ocupar um novo espaço informativo. Para o jornal, esse lugar deverá ser marcado pela análise e curadoria de informações. Para o jornalista, poderá significar maiores especialização e cultura. Para o leitor, poderá se traduzir em maior poder de voz. Como o consumo de jornal foi ligado aos indicadores associados ao capital social, a proposta da formação de comunidades de informação – estruturadas em redes horizontais entre o jornal e os leitores – surge como alternativa para fomentar a cooperação e evitar que a ligação positiva já estabelecida com o capital social seja perdida.

Palavras-chave: Jornal Impresso. Capital Social. Jornalismo.

ABSTRACT

The observed transformations seen in printed newspapers have consequences for society. Although researches in the Journalism field have been dedicated to investigate economic and technological aspects of those changes, social capital researchers show that losses go beyond those two dimensions. Thus, this master thesis has the purpose to analyze the relation between the printed newspaper crisis and social capital from the perspective of the Complexity Theory, by the means of a methodology based on the interdisciplinary knowledge and on the principles of dialogical thinking along with recursive process and holographic principle. Furthermore, the research methodology used here can be defined as qualitative approach, pure research, exploratory research and bibliographic approach. Data collection was carried out through integrative review of literature along with in-depth interviews with six specialists, and the analysis method used consisted of constant comparative method. The interview results showed three main lines of transformation. The first one, changes that were identified in the product due to economic, technological and ideological pressures perceived on the advertising revenue drop, on the competition for breaking news with the internet and on the recent changes in journalism values. The second one, the interdependence found between the newspapers and the State, where, on the one hand, the State has become the main advertiser in many publications, and on the other hand, newspapers assumed a mediating role that can either promote social capital or control the flow of information. And the third one, traditional communication with readers that nowadays can be considered tending more to horizontal communication, based on mutual influence. These three transformations have influenced newspapers to occupy a new informative place in society: for the newspapers, it will mean to be permeated by the analysis and content curation. For the journalists, it can mean greater specialization and culture. For the readers, it can be translated into greater voice power. As newspapers consumption has been linked to social capital indicators, the proposal to create information communities – horizontal networks structured around newspapers and readers – appears as an alternative to foster cooperation and prevent the established positive connection between newspapers and social capital from being lost.

Keywords: Printed newspaper. Social Capital. Journalism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações e teses do PPG-EGC pertinentes à pesquisa .	28
Quadro 2 – Entrevistados selecionados intencionalmente	40
Quadro 3 – Crise dos jornais: artigos recuperados na primeira rodada de buscas na base de dados <i>Scopus</i>	48
Quadro 4 – Crise dos jornais: artigos recuperados na primeira rodada de buscas na base de dados <i>Web of Science</i>	48
Quadro 5 – Crise dos jornais: artigos recuperados na segunda rodada de buscas na base de dados <i>Scopus</i>	49
Quadro 6 – Crise dos jornais: artigos recuperados na segunda rodada de buscas na base de dados <i>Web of Science</i>	49
Quadro 7 – Capital social: artigos recuperados na primeira rodada de buscas na base de dados <i>Scopus</i> e <i>WoS</i>	50
Quadro 8 – Capital social: artigos recuperados na segunda rodada de buscas na base de dados <i>Scopus</i>	51
Quadro 9 – Capital social: artigos recuperados na segunda rodada de buscas na base de dados <i>Web of Science</i>	51
Quadro 10 – Categorias, subcategorias, propriedades e dimensões dos relatos das entrevistas	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IAB – *Interactive Advertising Bureau*

IVC – Instituto Verificador de Comunicação

PPG-EGC – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento

PWC – *PricewaterhouseCoopers*

WAN-IFRA – *World Association of Newspapers and News Publishers*

WoS – *Web of Science*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
1.1 OBJETIVOS.....	24
1.2 JUSTIFICATIVA.....	24
1.3 QUESTÃO DE PESQUISA.....	25
1.4 DELIMITAÇÃO.....	25
1.5 ADERÊNCIA AO PPG-EGC.....	26
1.6 PARADIGMA E MÉTODOS DE PESQUISA.....	29
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	30
2 PARADIGMA E MÉTODO DE PESQUISA.....	33
2.1 PARADIGMA DA COMPLEXIDADE.....	33
2.1.1 Pressupostos Ontológicos.....	34
2.1.2 Pressupostos Epistemológicos.....	35
2.1.3 Pressupostos Metodológicos.....	36
2.2 MÉTODO DE PESQUISA.....	37
2.2.1 Levantamento Bibliográfico.....	38
2.2.2 Entrevistas.....	38
2.2.3 Transcrição das Entrevistas.....	40
2.2.4 Análise dos Dados.....	41
2.3 CRITÉRIOS DE CONFIABILIDADE.....	42
2.3.1 Credibilidade.....	42
2.3.2 Consistência.....	42
2.3.3 “Transferibilidade”.....	43
2.4 DISCUSSÕES E CONCLUSÃO.....	43
3 REVISÃO SISTEMÁTICA INTEGRATIVA.....	45
3.1 A CRISE DO JORNAL IMPRESSO.....	47
3.2 O USO DE JORNAIS IMPRESSOS E O CAPITAL SOCIAL.....	49
4 A CRISE DOS JORNAIS IMPRESSOS.....	53
4.1 AS CAUSAS DA CRISE.....	53
4.2 AS CONSEQUÊNCIAS DA CRISE.....	55
4.3 OS EFEITOS EM EDITORIAS.....	56
4.4 A QUALIDADE DO CONTEÚDO.....	57
4.5 A PRESSÃO SOBRE OS JORNALISTAS.....	58
4.6 JORNAL IMPRESSO E JORNAL ONLINE: PREFERÊNCIAS E DIFERENÇAS.....	59
4.7 A INTERPRETAÇÃO DOS JORNALISTAS.....	60
4.8 DISCUSSÕES E CONCLUSÃO.....	61

5 O USO DE JORNAL IMPRESSO E O CAPITAL SOCIAL.....	63
5.1 O QUE É CAPITAL SOCIAL?	63
5.1.1 Normas	65
5.1.2 Confiança	65
5.1.3 Rede Social	67
5.1.4 Participação Cívica e Política	68
5.2 O JORNAL E O DESENVOLVIMENTO DE CAPITAL SOCIAL	69
5.2.1 Modelo de efeitos	70
5.2.1.1 Normas.....	70
5.2.1.2 Confiança.....	71
5.2.1.3 Rede Social.....	72
5.2.1.4 Participação Cívica e Política.....	73
5.2.2 Modelo de exposição seletiva	75
5.3 DISCUSSÕES E CONCLUSÃO	75
6 A CRISE DOS JORNAIS IMPRESSOS E O CAPITAL SOCIAL	79
6.1 TRANSFORMAÇÕES NO PRODUTO	82
6.1.1 Forças econômicas	82
6.1.2 Forças tecnológicas	83
6.1.3 Forças ideológicas	85
6.2 TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES COM O ESTADO	86
6.2.1 Relação de mediação	87
6.2.2 Regulação e liberdade de imprensa	87
6.2.3 Dependência financeira e ideológica	87
6.2.4 Garantia da existência dos jornais	88
6.3 TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES COM OS LEITORES	88
6.3.1 Consequências para a sociedade	89
6.3.2 Relação de consumo	90
6.3.3 Relação de identificação	91
6.3.4 Relação de confiança	92
6.3.5 Relação de troca com o jornal	93
6.3.6 Fomento à cooperação	95
6.4 DISCUSSÕES E CONCLUSÃO	96
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	125
APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE CONTEÚDO.....	127

1 INTRODUÇÃO

A existência de uma crise dos jornais impressos parece ser unânime no senso comum e na academia, mesmo que ela não aconteça em todos os lugares do mundo, conforme argumentaram Siles e Boczkowski (2012). Nessa linha de raciocínio, os autores sugeriram ainda que aqueles países que estavam passando por essa crise vivenciavam as transformações em graus de intensidade variados e adaptadas às heranças históricas e aos contextos próprios.

A maior parte das pesquisas nesse campo focou em uma perspectiva tecnoeconômica, apesar das ricas possibilidades que as diferenças socioculturais pudessem trazer. Isto é, a queda da receita advinda de circulação e de publicidade aliada aos desafios das tecnologias digitais, como a dificuldade de cobrar pelo conteúdo online em uma cultura da gratuidade e capitalizar em publicidade online pela audiência massiva (ACEITUNO-ACEITUNO et. al., 2014; BUSTO SALINAS, 2013; CABEZUELO-LORENZO, 2013; FORTUNATI; TAIPALE; FARINOSI, 2015; LUENGO CRUZ, 2013, 2014; MARCOS RECIO; GARCÍA-ALONSO; PARRA VALCARCE, 2014; RAMÍREZ DE LA PISCINA et al., 2014; SALAMON, 2015).

O panorama mundial apresentado pela *World Association of Newspapers and News Publishers* (WAN-IFRA) em 2015 era de que a circulação diária de jornais impressos cresceu apenas na Ásia, representando um aumento de 7,8% em relação ao ano anterior. Nas outras regiões, o registro foi de queda: Austrália e Oceania (-5,4%); América do Norte (-2,4%); América Latina (-2,7%); Oriente Médio e África (-2,6%); Europa (-4,7%).¹

No Brasil, a circulação dos jornais auditados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC)² esteve em queda entre os anos de 2014 e 2015. Todos os 25 jornais com maior circulação do país apresentaram diminuição nessa medida, como *Super Notícia* (-22,22%),

¹ Disponível em: <<http://www.wan-ifra.org/articles/2016/06/12/full-highlights-of-world-press-trends-2016-survey>>. Acesso em: 15 ago. 2016

² Em 2015, o nome do instituto mudou de Instituto Verificador de Circulações para Instituto Verificador de Comunicação. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/1600893-ivc-passa-a-sechamar-instituto-verificador-de-comunicacao.shtml>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

O Globo (-10,44%), *Folha de S. Paulo* (-17,22%), *O Estado de São Paulo* (-8,62%) e *Zero Hora* (-15,90%).³

Um comportamento de queda também foi observado com relação à publicidade. Esse segmento no impresso caiu -7.5% no mundo em 2015. A publicidade cresceu apenas modestamente na América Latina em 2015, com um aumento de 0,3% em relação ao ano anterior. Nas outras regiões, registrou-se diminuição: na Ásia e Pacífico (-9,7%); na Austrália e Oceania (-15,5%); na América do Norte (-7,2%); e na Europa (-6,2%).⁴

Entre as estratégias usadas pelas empresas para superar esses desafios, estão descontinuar a edição impressa, migrar a versão impressa para a digital e demitir jornalistas (MARCOS RECIO; GARCÍA-ALONSO; PARRA VALCARCE, 2014; SALAMON, 2015).

No Brasil, ao menos cinco jornais fecharam nos últimos anos: *Jornal da Tarde* (São Paulo, 2012); *Diário do Povo* (Campinas, 2012); *Brasil Econômico* (São Paulo, 2015); *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro, 2016); *Notícias do Dia* (Joinville, 2016). Outros cinco migraram para a internet: *Gazeta Mercantil*, depois de permanecer fechado por sete anos (São Paulo, 2016); *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro, 2010)⁵; *O Estado do Paraná* (Curitiba, 2011); *Diário do Comércio* (São Paulo, 2014); *O Sul* (Porto Alegre, 2014).⁶⁷⁸⁹

Em um levantamento feito pela agência independente *Volt Data Lab*, estima-se que no Brasil o meio jornal tenha sido responsável por

³ Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

⁴ Idem ao 1.

⁵ O jornal deve voltar a ser impresso e distribuído nas bancas em maio de 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/02/1859877-jornal-do-brasil-muda-de-controlador-e-volta-as-bancas-do-rio.shtml>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

⁶ Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/07/15/Brasil-perdeu-oito-jornais-em-6-anos.html>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

⁷ Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2016/06/29/gazeta-mercantil-renasce-em-novo-formato.html>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

⁸ Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/jornal-noticias-do-dia-deixa-de-circular-em-joinville>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

⁹ Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/04/28/jornal-do-commercio-no-rio-chega-ao-fim.html>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

49% das demissões de jornalistas entre os anos de 2012 e 2016, representando um total de 814 jornalistas.¹⁰ Nesse montante, devem ser somados ainda pelo menos 30 jornalistas dispensados em janeiro de 2017 pelos jornais *Extra* e *O Globo*, ambos com sede no Rio de Janeiro.¹¹

Diante desse cenário pouco otimista, mais do que se perguntar se os jornais impressos têm futuro, é necessário olhar para as consequências dessas transformações na vida das pessoas em sociedade. Por isso, nos propomos analisar a relação entre a crise dos jornais impressos e o capital social. Afinal, os meios de comunicação podem promover ou inibir o desenvolvimento desse ativo, conforme sustentou Putnam em seus estudos na década de 1990 (MATOS, 2009).

Desde Putnam, o conceito ganhou crescente popularidade. No entanto, não há um consenso de como defini-lo teoricamente ou medi-lo operacionalmente. Por isso, nesta pesquisa, determinamos que o capital social é a soma de recursos disponíveis por meio dos laços sociais, voltados para a cooperação entre as pessoas, de forma que elas consigam atingir objetivos e superar problemas em comum. Entre os recursos que fluem por essa rede de contatos, estão as normas, confiança, informação, apoio emocional, oportunidades de emprego, etc. (ARAUJO, 2010; BAKER, 2000; BEAUDOIN, 2011b; PUTNAM, 2005; ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

Como será possível observar no capítulo 5, o uso de jornais foi sistematicamente relacionado: à confiança interpessoal e na comunidade; à confiança no governo, instituições públicas e nos políticos; às redes sociais; e à participação política e cívica.

Por isso, é possível esperar que o fechamento de jornais, a redução no quadro de jornalistas e a migração para o ambiente digital – para enumerar alguns dos problemas enfrentados pelos impressos – possam impactar o desenvolvimento de capital social. Nesse sentido, Shaker (2014) observou que o fechamento de jornais em duas cidades norte-americanas diminuiu a participação cívica, um dos indicadores associados ao capital social.

¹⁰ Disponível em: < <http://passaralhos.voltdata.info/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

¹¹ Disponível em: < <http://portal.comunique-se.com.br/o-globo-demite-jornalistas-das-editorias-de-cultura-economia-e-esportes/>>. Acesso em 28 jan. 2017.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral desta dissertação é analisar como a crise dos jornais impressos se relaciona com o capital social. Para concluir este objetivo, vamos realizar os seguintes objetivos específicos:

- Examinar as causas e as consequências da crise dos jornais impressos;
- Esquematizar os indicadores associados ao capital social e como eles estão correlacionados com o uso do jornal impresso;
- Relacionar a crise dos jornais impressos com o capital social.

1.2 JUSTIFICATIVA

Embora haja uma unanimidade entre acadêmicos de que os jornais impressos estão em crise e um debate em curso sobre o futuro deste meio, pouco se tem feito no sentido de entender quais são as consequências dessa crise para a sociedade. Isso é importante, pois tanto a deterioração na qualidade do produto quanto o fechamento de publicações podem ter consequências diretas para os leitores que perdem uma fonte de informação e indiretas para a comunidade que tem no jornal um mediador para as questões da vida pública.

A principal preocupação dos pesquisadores identificados na revisão de literatura foi com a viabilidade econômica e financeira do jornal impresso. Conforme dito anteriormente, esse meio registra perdas nas principais fontes de receita, além de enfrentar desafios quanto ao modelo de captação de recursos na internet.

Ao mesmo tempo, apesar da importância evidente da comunicação para a construção de capital social, poucas pesquisas fizeram incursões nesse nicho. Mesmo assim, essas pesquisas mostraram como o consumo de jornal tem o potencial de promover a cooperação ao estar conectado, principalmente, aos indicadores de confiança, redes sociais e participação.

Assim, existe um ponto de encontro entre esses dois campos no que diz respeito às consequências da crise dos jornais impressos para o desenvolvimento de capital social. Por isso, buscamos sistematizar e estabelecer o diálogo entre os achados.

Pela perspectiva teórica, esta pesquisa contribui para entender como a crise dos jornais impressos pode ter implicações que ultrapassam as consequências da organização midiática e se estendem

para o dia a dia das pessoas que preferem ou dependem desse meio para se informar. Além disso, fornece apoio teórico para pensar novos caminhos para medir a influência do uso de jornal sobre os indicadores associados ao capital social. Pela perspectiva prática, estabelece um diálogo interdisciplinar entre esses campos, possibilitando que futuras pesquisas possam investigar empiricamente esses pontos de convergência.

1.3 QUESTÃO DE PESQUISA

Como a crise dos jornais impressos se relaciona com o capital social?

1.4 DELIMITAÇÃO

A relação entre a sociedade e os meios de comunicação foi estudada por diferentes áreas ao longo dos anos, como Comunicação, Ciência Política, Economia e Sociologia. Essa tradição desenvolveu algumas linhas de pesquisa, que Pollock (2013) dividiu em: pluralismo estrutural; integração comunitária; vínculo comunitário; mobilização de atores emergentes; e capital social.

De forma resumida, essas linhas de pesquisa investigam, respectivamente: a atuação dos meios de comunicação como mecanismos de “controle social”; a ligação entre a mídia e as estruturas de uma comunidade; a influência potencial dos meios sobre o senso de pertencimento dos indivíduos; a relação de atores sociais emergentes (como minorias raciais e religiosas) e políticos com os meios de comunicação; e o impacto dos meios de comunicação sobre o desenvolvimento de capital social (POLLOCK, 2013; SHAKER, 2013).

Nesta dissertação vamos abordar apenas a linha de pesquisa sobre capital social. Embora alguns acadêmicos combinem alguns desses eixos teóricos em suas pesquisas, o campo interdisciplinar entre comunicação e capital social é recente. Por isso, nos ocupamos em lançar as bases teóricas para que futuras pesquisas possam consolidar esse caminho.

O capital social é um conceito controverso, mas, por hora, é importante saber que se trata de um bem comunitário desenvolvido por meio da cooperação entre as pessoas para atingir objetivos e superar problemas coletivos. Por isso, vamos nos ater a quatro indicadores de sua presença: normas, confiança, redes sociais e participação cívica e política.

Conforme alertado por Matos (2009), o capital social pode produzir resultados negativos. Porém, o tema central deste estudo são os efeitos benéficos da ação voltada para o bem comum – como também foi sustentado por Araujo (2010).

Como os meios de comunicação podem promover ou inibir o desenvolvimento de capital social, nós investigamos como as transformações agrupadas no que se entende por “crise dos jornais impressos” pode influenciar o desenvolvimento desse ativo.

O foco recaiu sobre os jornais com finalidade comercial, em particular os caracterizados como *quality*. Essa escolha parte do entendimento de que nesses jornais o tratamento dado às notícias seguem os critérios da ideologia jornalística listados por Deuze (2005): de serviço público, objetividade, autonomia, imediatismo e ética.

Outros meios de comunicação não foram abordados, como rádio, televisão, livro e internet. Portanto, esse estudo não teve a pretensão de analisar a versão online, sites ou mídias sociais de jornais impressos.

Como o nosso interesse é nas relações que se estabelecem entre a crise dos jornais impressos e o capital social, os aspectos econômicos e tecnológicos foram inseridos em um sistema de relações, e não estudados isoladamente.

Em resumo, a nossa delimitação é mais temática do que geográfica e temporal. Apesar do alerta de que nem todos os países passavam por uma crise nos jornais impressos da mesma maneira (SILES; BOCZKOWSKI, 2012), acreditamos que existem elementos em comum suficientes para uma reflexão global sobre o tema. Geograficamente, fomos induzidos a permanecer com o recorte dos próprios artigos, já que a maior parte dos artigos focava na imprensa ocidental. Temporalmente, também fomos levados a recortar o tópico pelo momento atual. Porém, alguns estudos incorporados trouxeram densidade para o objeto de estudo ao analisarem tendências de longo prazo – como a pesquisa de Gentzkow, Shapiro e Sinkinson (2011), que analisou o mercado de jornais e a participação política entre os anos de 1869 e 2004 nos Estados Unidos.

1.5 ADERÊNCIA AO PPG-EGC

O jornal impresso informa seus leitores sobre os acontecimentos em uma sociedade crescentemente complexa. Essa função informativa alimenta os diálogos entre os indivíduos, grupos, comunidades e governos. Assim, entende-se essa comunicação como importante para o desenvolvimento de capital social.

Essa perspectiva nos aproxima da área de concentração Mídia e Conhecimento, que investiga, entre outros assuntos, o “desenho, desenvolvimento e avaliação de mídia voltada a catalisar a habilidade de grupos de pensar, comunicar, apreender, e criar conhecimento”.¹²

Ao investigar o impacto da crise dos jornais impressos no capital social, emergem questões que ultrapassam apenas a reflexão sobre o enfraquecimento de um meio de comunicação. Portanto, propomos um olhar atento para como essa transformação afeta a rede de relações cooperativas existentes na sociedade. Por isso, este estudo está inserido na linha de pesquisa “Mídia e Disseminação do Conhecimento”. O objetivo dessa linha é refletir sobre a relação entre a sociedade e os meios de comunicação.¹³

Por sua natureza interdisciplinar, a pesquisa estabelece uma relação de troca, diálogo e cooperação entre as disciplinas (MORIN, 2003; SOMMERMAN, 2006). Entre as áreas do conhecimento mais evidentes, estão Comunicação, Jornalismo e Sociologia. Essa abordagem vai ao encontro da missão do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPG-EGC) que visa “promover o ensino, pesquisa e extensão, de forma interdisciplinar, sobre o conhecimento como elemento agregador de valor para a sociedade”.¹⁴

No contexto das pesquisas realizadas anteriormente no PPG-EGC, um levantamento realizado no dia 13 de dezembro de 2015 no banco de teses e dissertações mostrou que havia 10 trabalhos de um total de 389 pertinentes a nossa investigação. As buscas não restringiram a área de concentração, mas mesmo assim todos os trabalhos recuperados foram da área de Mídia e Conhecimento.¹⁵ Ao refazer a busca na base no dia 08 de janeiro de 2017, um novo trabalho foi acrescentado aos já recuperados.

A primeira pesquisadora do programa que investigou um tema referente ao jornalismo foi Valdenise Schmitt, em 2006, com a

¹² Disponível em: <<http://www.egc.ufsc.br/pos-graduacao/programa/areas-de-concentracao>>. Acesso em: 04 fev. de 2016

¹³ Disponível em: <<http://www.egc.ufsc.br/pesquisas/linhas-de-pesquisa>>. Acesso em: 04 fev. de 2016

¹⁴ Disponível em: <<http://www.egc.ufsc.br/pos-graduacao/programa/planejamento-estrategico>>. Acesso em: 04 fev. de 2016

¹⁵ Utilizou-se a ferramenta disponível no banco de dados e procuraram-se os termos “jornalismo”, “jornalista”, “notícias”, “jornal impresso”, “jornais impressos” e “imprensa”.

dissertação “A infografia jornalística na ciência e tecnologia: um experimento com estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina”. A partir do trabalho dela, pelo menos outros dez foram publicados abordando jornalismo ou a transformação na produção e disseminação de conteúdo na atualidade.

Como pode ser observado no quadro a seguir, jornalismo é uma área de estudos do programa, principalmente em sua relação com os recursos digitais: infografia (BÚRIGO, 2014; SCHMITT, 2006;); ferramentas interativas em jornalismo participativo (SAVI, 2007); conteúdo jornalístico na internet (ACOSTA MEDEIROS, 2016; VALENTE, 2007); efeitos da internet no cotidiano do jornalista (CAVALCANTI, 2008); jornalismo comunitário (CASTILHO, 2009); a influência da mídia na percepção da violência (CRUZ, 2009); cobertura da mídia em desastres naturais (MARTINS, 2012); disseminação personalizada de conhecimento (SCHMITT, 2012); e curadoria de notícias (CASTILHO, 2015).

Quadro 1 – Dissertações e teses do PPG-EGC pertinentes à pesquisa (continua)

Autor	Título	D/T	Ano
SCHMITT, Valdenise	A infografia jornalística na ciência e tecnologia: um experimento com estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina	D	2006
SAVI, Rafael	Utilização de ferramentas interativas em Jornalismo Participativo: uma análise de casos de blogs, wikis, fóruns e podcasts em meados da primeira década do século XXI	D	2007
VALENTE, Pedro	Aplicações híbridas para a criação de conteúdo jornalístico na internet	D	2007
CAVALCANTI, Marcelo	Efeitos da mídia digital internet no cotidiano do jornalista da imprensa diária de Santa Catarina	D	2008
CASTILHO, Carlos	O processo colaborativo na produção de informações: gênese, sistemas e possíveis aplicações no Jornalismo Comunitário	D	2009
CRUZ, Tércia	A influência da mídia na percepção da violência: as comunicações e denúncias à Central de Emergência 190	D	2009

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quadro 1 – Dissertações e teses do PPG-EGC pertinentes à pesquisa (conclusão)

Autor	Título	D/T	Ano
MARTINS, Clayton	A relevância da cobertura da mídia nos desastres naturais ocorridos em 2008 no município de Ilhota – SC	D	2012
SCHMITT, Valdenise	Tendências dos jornais on-line na disseminação personalizada do conhecimento	T	2012
BÚRIGO, Lize	A aquisição de competência de acadêmicos de Jornalismo na produção de infográficos jornalísticos online	D	2014
CASTILHO, Carlos	O papel da curadoria na promoção do fluxo de notícias em espaços informativos voltados para a produção de conhecimento	T	2015
ACOSTA M., Danielle R. de	Transição e Inovação: As Potencialidades dos Newsgames para o Jornalismo On-Line	D	2016

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Frete a essas produções acadêmicas, a maior contribuição desta pesquisa é conceber o jornal como um ator em uma rede formada por pessoas (nos níveis micro, meso e macro), instituições públicas e governos. Em outras palavras, o jornal desempenha uma função informativa e simbólica, favorecendo o desenvolvimento de capital social. Assim, novidades (como recessões econômicas e mudanças tecnológicas) influenciam não apenas adaptações no produto e na forma de fazê-lo, mas como informações e símbolos são disseminados por essa publicação e percebidos pela sociedade. Por isso, o jornal é visto aqui como um produto inserido em um sistema e, ao mesmo tempo, em constante diálogo com ele. De forma que os atores da rede tem influência sobre o jornal, assim como o jornal exerce pressões sobre esses atores.

1.6 PARADIGMA E MÉTODOS DE PESQUISA

A pesquisa se apoia no paradigma da complexidade, de Edgar Morin. Apesar de o autor não ter sistematizado os pressupostos filosóficos em um modelo, ele forneceu reflexões em diversas obras sobre as dimensões de ontologia, epistemologia e metodologia. Com base nessas reflexões detalhadas no capítulo 2, foi possível estabelecer os alicerces da visão de mundo adotada neste estudo.

Especificamente sobre a metodologia, Morin propôs o caminho da religação dos saberes. Nesse sentido, nós optamos por uma abordagem interdisciplinar. Circunscrito pela religação dos saberes, encontram-se outros três princípios metodológicos: o dialógico, o recursivo e o *hologramático*.

Além desses caminhos propostos por Morin, explicados no capítulo 2, empregamos metodologias adicionais. Assim, em linhas gerais, utilizamos uma abordagem qualitativa, com a finalidade teórica, com objetivo geral de ser exploratória e delineamento bibliográfico.

Portanto, para concluir nosso objetivo de pesquisa à luz do paradigma e da metodologia, coletamos os dados por meio de uma revisão de literatura integrativa e entrevistas individuais, em profundidade e semiestruturadas com especialistas selecionados intencionalmente. A análise das entrevistas utilizou o método de comparação constante.

Em resumo, os pressupostos filosóficos e os métodos de coleta e análise de dados permitiram entender os fenômenos em seu próprio contexto e estabelecer diálogos entre eles. Isso foi importante para trabalhar em um campo em rápida transformação, como o Jornalismo, e em que existem muitas opiniões divergentes, como é o caso do Capital Social.

Por fim, para garantir que os métodos usados na pesquisa são confiáveis e as conclusões válidas, nos baseamos nos critérios propostos por Merriam (2009) de credibilidade, consistência e “*transferibilidade*”.

1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta pesquisa está estruturada em sete capítulos. Depois desta introdução, o segundo capítulo apresenta a escolha do paradigma e do método. Esta seção versa sobre o paradigma da complexidade e propõe uma organização das dimensões de ontologia, epistemologia e metodologia. Avançamos para explicitar os métodos escolhidos para a investigação e os critérios de confiabilidade usados.

Em seguida, o capítulo 3 esclarece o método utilizado para encontrar os trabalhos avaliados na revisão sistemática integrativa.

Dois capítulos se dedicam a discutir os achados dos artigos recuperados pelas estratégias. O capítulo 4 aborda quais são as causas e as consequências da crise dos jornais impressos. Para isso, partimos dos aspectos tecnoeconômicos, avançamos pelas mudanças percebidas no produto e terminamos com a interpretação dos jornalistas sobre a crise.

A partir do cenário pouco otimista decorrente da transformação nos jornais impressos, o capítulo 5 esquematiza como o uso de jornais impressos está associado aos indicadores que revelam a presença de capital social. Em outras palavras, busca entender o potencial do jornal de promover a cooperação por meio do fortalecimento de normas, confiança, laços sociais e participação cívica e política.

O capítulo 6 apresenta as perspectivas dos entrevistados sobre a crise dos jornais impressos, suas consequências e como eles podem influenciar a cooperação entre as pessoas para atingir objetivos e superar problemas em comum. Ainda neste capítulo, discutimos esses achados em comparação com a literatura.

Por fim, no capítulo 7 fazemos uma recapitulação dos principais pontos da dissertação e oferecemos sugestões para pesquisas futuras nesse campo interdisciplinar.

2 PARADIGMA E MÉTODO DE PESQUISA

Diante da possibilidade interdisciplinar de conectar os campos da crise dos jornais impressos e do capital social, optamos trabalhar com o paradigma da complexidade. Por isso, avançamos neste capítulo para explicar o paradigma e métodos adotados. Como defendido, a filosofia “molda como formulamos o nosso problema de pesquisa e as perguntas da pesquisa e como buscamos as informações para responder às perguntas” (CRESWELL, 2014, p. 30).

Assim, começamos o capítulo explicando em uma visão geral em que consiste o paradigma da complexidade conforme explicitado por Morin. Depois, submergimos em três dimensões do paradigma, a ontologia, a epistemologia e a metodologia. Na segunda seção nos debruçamos especificamente sobre os métodos escolhidos para investigação. Por fim, debatemos os critérios de confiabilidade usados nesta pesquisa.

2.1 PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

Os pressupostos filosóficos da complexidade foram debatidos em muitos livros de Morin (2003, 2008, 2010a, 2010b, 2010c, 2011, 2013). Porém, eles não foram sistematizados em um modelo – um procedimento comum em outros paradigmas, como positivismo, pós-positivismo, interpretativismo, construtivismo social, etc. (CHIZOTTI, 2014; CRESWELL, 2014; MYERS, 2009).

Um primeiro motivo, subentendido da obra de Morin, seria de que ao tomar um paradigma por modelo o pesquisador faria sua investigação atuar como programa, isto é, uma sequência de ações pré-determinadas, que não comporta o aleatório (MORIN, 2003, 2008, 2010a, 2010c).

No entanto, quanto mais se lê sobre esse paradigma, mais se percebe a importância da ideia de estratégia. Ela assume um papel central no pensamento complexo porque assimila o inesperado e incerto. Com ela, o pesquisador é promovido a sujeito consciente, que sabe que a complexidade não é uma receita para decifrar o mundo, mas um meio de dialogar com a realidade (MORIN, 2008, 2010a, 2010c).

Um segundo motivo possível seria evitar engessar esse paradigma em um sistema de ideias fechado. Como os pressupostos são construídos por humanos, eles são passíveis de mudar em decorrência de forças sociais, culturais, históricas e tecnológicas. Daí novamente a importância da estratégia para lidar com o dinamismo da realidade.

Devido a essa lacuna, vamos organizar os pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, propostos por Morin em obras diversas, para que de fato tenhamos um paradigma que possa servir de alicerce para a nossa pesquisa.

2.1.1 Pressupostos Ontológicos

Os pressupostos ontológicos dizem respeito à natureza da realidade e às suas características (CRESWELL, 2014).

A realidade, para a complexidade, é composta de um caos organizador. Isto é, o universo dos fenômenos é concebido como um sistema que comporta, simultaneamente, a ordem, a desordem e a organização. Em outras palavras, não seria possível existir um mundo composto apenas por constância ou por irregularidade. Nem um universo que não comportasse a organização para promover e regular as interações entre os elementos (MORIN, 2008, 2010a, 2010c).

Essa realidade é constituída também por dimensões de tempo e espaço. O tempo, para a complexidade, não se desenvolve de maneira linear e sim retroativa. Isso quer dizer que a causalidade linear (passado → presente → futuro) é substituída por uma causalidade circular, em que a causa atua sobre o efeito, mas o efeito também atua sobre a causa (MORIN, 2003, 2010c, 2013).

Assim, a primeira retroação temporal ocorre entre o passado e o presente. Morin (2010c) observou que, por meio de um olhar histórico, nós selecionamos os acontecimentos passados que desenvolveram o presente, mas a cada novo presente nós modificamos também o nosso entendimento do passado.

Uma segunda retroação ocorre entre o presente e o futuro. O presente é cheio de possibilidades predominantes e marginais. E, porque a evolução não é determinística e sim feita de rupturas, não é possível prever o futuro. Ainda assim, a projeção de um futuro possível influencia a compreensão do presente (MORIN, 2010b, 2010c).

Em termos espaciais, discute-se a relação retroativa entre localidade e globalidade, pois tudo o que acontece em uma esfera interage com a outra (MORIN, 2003, 2008, 2010a, 2010b, 2013). Dessa ligação deriva que as soluções políticas atuais têm de superar os limites administrativos locais, pois os problemas surgem em escala transnacional e até planetária (MORIN, 2003).

Deste modo, a ciência não pode ser considerada como reflexo do real, mas uma tradução feita por intermédio do nosso cérebro e dos instrumentos materiais que inventamos (MORIN, 2008, 2010a, 2010b).

Isso significa que os dados em que se baseiam as teorias científicas são objetivos, mas não a teoria (MORIN, 2010b, 2011).

2.1.2 Pressupostos Epistemológicos

Os pressupostos epistemológicos se referem ao que é conhecimento, como se chega ao conhecimento verdadeiro e qual a relação existente entre o pesquisador e o seu objeto de estudo (CHIZOTTI, 2014; CRESWELL, 2014; SOMMERMAN, 2006).

Conhecer é organizar as informações a partir de estruturas teóricas. Como essa organização é feita por meio da mente, o conhecimento está enraizado em uma cultura e sociedade. Porém, ele não é apenas produto, mas atua também como produtor dessa realidade sociocultural (MORIN, 2008, 2010a, 2010c, 2011).

Para nós, a concepção de conhecimento de Morin se aproxima da adotada pela visão *autopoietica*. Nessa perspectiva, conhecer é uma ação coletiva, inserida em um contexto e que, simultaneamente, exerce mudança no sujeito e no objeto do conhecimento (MACHADO; FIALHO, 2016). Existem três evidências no pensamento de Morin que nos encorajaram a enxergar essas semelhanças.

O primeiro ponto de semelhança aparece na noção de noosfera defendida por Morin. A noosfera é o mundo das ideias, mitos e símbolos por intermédio do qual nos comunicamos com o mundo exterior. Ela é criada a partir das interações sociais e culturais e, por isso, constitui um complexo ao lado da *psicosfera* (a esfera dos espíritos individuais) e da *sociosfera* (a esfera da sociedade). De forma resumida, nós criamos individual e coletivamente o mundo das ideias que nos cria (MORIN, 2011).

Dessa primeira evidência deriva a segunda, o fato de um sistema de ideias ser auto-eco-produtor. Por exemplo, a ciência é produtora e produto das suas descobertas e essa autoprodução ocorre em um ecossistema – nesse caso, o ecossistema é o contexto histórico, social e cultural. É esse próprio contexto que cria também as condições de autonomia para o sujeito pensar os fenômenos (MORIN, 2008, 2010a, 2011).

A terceira evidência nasce do entendimento de que o objeto do conhecimento não é o mundo, mas a relação recursiva entre nós e o mundo. Assim, nós produzimos o mundo que nos produz (MORIN, 2010a).

O conhecimento verdadeiro não deve se basear apenas na razão, mas em dois pares de termos recursivos. De um lado, a racionalidade e

empirismo; de outro, a imaginação e verificação. Em resumo, a razão organiza o conhecimento que é refutado pela observação e as novas descobertas empíricas possibilitam novas construções racionais. Paralelamente, a imaginação cria hipóteses que a verificação seleciona e a partir dessas verificações novas hipóteses são imaginadas (MORIN, 2008, 2010a).

Na busca pelo conhecimento, o sujeito e objeto devem ser entendidos de forma relacional, pois um existe em função do outro (MORIN, 2008, 2010a, 2010c). E ambos devem ser estudados em seu contexto (MORIN, 2003, 2010a, 2010b, 2013).

2.1.3 Pressupostos Metodológicos

Os pressupostos metodológicos tratam dos procedimentos utilizados pelo investigador para aplicar determinado método (CHIZOTTI, 2014; CRESWELL, 2014; RICHARDSON, 1999; WOLCOTT, 2001). Sendo que o método é a ferramenta em si, o caminho para chegar a determinado objetivo (WOLCOTT, 2001).

A fundamentação do conhecimento complexo parte da religação dos saberes; dessa necessidade de articular as diferentes dimensões do conhecimento (MORIN, 2010a). No entanto, o pesquisador deve ter consciência da impossibilidade de alcançar um saber totalizante (MORIN, 2008, 2010a, 2010b). Entre outros motivos, essa consciência nasce dos limites do cérebro biológico e da mente sociocultural, que sofre processos de normalização e *imprinting* (MORIN, 2003, 2010a).

O conhecimento totalizante seria possível apenas se existisse como recorrer a um meta-ponto de vista para explicar o sistema no qual estamos inseridos. Mas para poder examinar esse meta-ponto de vista seria necessário outro meta-ponto de vista e assim sucessivamente. Desse modo, é possível para o pesquisador criar um distanciamento relativo da sociedade (por exemplo, ao estudar comparativamente culturas diferentes), mas não existe como atingir um ponto de exterioridade absoluto a esse sistema para explicá-lo totalmente (MORIN, 2008, 2010a, 2011).

Nesta pesquisa, religamos os saberes por uma abordagem interdisciplinar – na acepção de troca, diálogo e cooperação entre as disciplinas (MORIN, 2003; SOMMERMAN, 2006). Nesse sentido, liga-se com a própria origem da palavra complexidade (do latim, *complexus*), que significa “o que é tecido em conjunto” (MORIN, 2013).

Circunscritos pela religação dos saberes, existem outros três princípios para abordar a realidade complexa: o dialógico, o recursivo e

o *hologramático*. Juntos, eles buscam superar a simplificação, como a eliminação da contradição, hiperespecialização e o isolamento do objeto de seu contexto original (MORIN, 2008, 2010a, 2010b).

Em resposta à lógica clássica, o princípio dialógico assume e associa a contradição existente entre duas proposições, sejam elas complementares ou antagônicas (MORIN, 2008, 2010a, 2010b, 2011, 2013). A contradição não existe de forma independente no mundo, é uma tradução cerebral para essas situações que se apresentam como paradoxo, antagonismo e complementaridade (MORIN, 2011).

O segundo princípio, o da recursividade, compreende os processos “em que os efeitos e os produtos são necessários para sua própria produção e causa” (MORIN, 2013, p. 10). Tome por exemplo os indivíduos, que são produtores de uma sociedade e ela própria retroage sobre os indivíduos por meio da cultura (MORIN, 2008, 2010b).

Por último, o princípio *hologramático* propõe que as partes estão no todo e o todo está nas partes – é uma alternativa para o pensamento que analisa apenas as partes (reducionismo) ou apenas a totalidade (holismo) (MORIN, 2008, 2010a, 2010b). Esse princípio possibilita entender que existem ricas interações entre o todo e as partes. O todo pode ser maior do que a soma das partes ao criar qualidades que não estavam presentes nas partes individualmente. Ao mesmo tempo, o todo pode ser menor do que as partes, quando inibe as qualidades presentes em cada parte (MORIN, 2010a, 2010b).

2.2 MÉTODO DE PESQUISA

Para analisarmos como a crise dos jornais impressos se relaciona com capital social e os indicadores associados a ele, nós escolhemos trabalhar com metodologias e métodos que dialogassem com o paradigma da complexidade.

Classificamos essa seção da parte mais ampla para a mais específica para melhor organização e compreensão (GIL, 2010). Especificamente sobre a metodologia, este estudo utilizou a abordagem qualitativa, com a finalidade de gerar um resultado teórico (pesquisa básica), objetivo geral de ser exploratório e adotou delineamento de pesquisa bibliográfica.

A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir compreender os fenômenos culturais e sociais em seu contexto (MERRIAM, 2009; MYERS, 2009; RICHARDSON, 1999). Essa abordagem contribuiu principalmente para enriquecer o campo de capital social, já que a maior parte das pesquisas era quantitativa.

Quanto à sua finalidade, a pesquisa define-se como básica, já que o resultado da investigação é conceitual (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2005; GIL, 2010; MERRIAM, 2009;). No entanto, ao afirmarmos que o resultado é teórico não queremos dizer que buscamos somente o acúmulo de saber. Acreditamos que profissionais que trabalham nesse meio de comunicação podem se beneficiar para tomar decisões fundamentadas em outros critérios que não apenas econômicos ou tecnológicos.

Quando focamos em descrever as características da crise dos jornais impressos e do capital social e em estabelecer relações entre esses dois fenômenos, estamos nos apoiando nas propriedades da pesquisa exploratória (KÖCHE, 2015; RICHARDSON, 1999). Porém, é preciso ter em mente que a pesquisa exploratória não tem como objetivo fornecer uma resposta definitiva ao problema (GIL, 2010).

Por fim, quanto ao delineamento, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica, já que a fonte primária de conhecimento advém da literatura científica (KÖCHE, 2015). O principal objetivo ao utilizarmos a pesquisa bibliográfica é analisar posições diversas (GIL, 2010) e sistematizar o estado da arte (KÖCHE, 2015).

Para dar conta do nosso objetivo de pesquisa à luz do paradigma e da metodologia, seguimos os seguintes procedimentos de coleta e análise de dados:

- Levantamento bibliográfico;
- Entrevistas;
- Transcrição das entrevistas;
- Codificação das entrevistas.

2.2.1 Levantamento Bibliográfico

O levantamento bibliográfico foi feito por uma revisão sistemática integrativa nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, conforme detalhado no capítulo 3. Esse material foi analisado a partir dos temas que emergiram da própria literatura, o que nos permitiu observar a natureza multidimensional do nosso objeto de pesquisa.

2.2.2 Entrevistas

A entrevista, como o próprio nome sugere, relaciona os pontos de vista entre duas pessoas (BRINKMANN, 2013). Especificamente, esse método de coleta de dados permitiu recolher visões diversas sobre a crise dos jornais impressos e o capital social. Com o método de análise,

foi possível trabalhar sistematicamente com as perspectivas dos entrevistados e contrastá-las com os achados da literatura.

Nós aplicamos entrevistas individuais, em profundidade e semiestruturadas. A entrevista individual permitiu compreender os diferentes pontos de vista dos entrevistados (GASKELL, 2012; MERRIAM, 2009). A modalidade em profundidade mostrou sua utilidade ao deixar o entrevistado à vontade para falar e refletir sobre as perguntas (GASKELL, 2012), além de possibilitar integrar as perspectivas a um contexto. O roteiro semiestruturado proporcionou o acesso a novos caminhos abertos pelo entrevistado e a exploração de aspectos confusos ou contraditórios que surgiram durante a entrevista (BRINKMANN, 2013; MERRIAM, 2009; MYERS, 2009). Todas as entrevistas foram consideradas piloto no sentido de permitir que perguntas fossem reformuladas ou adicionadas conforme as reações dos entrevistados. No Apêndice B, é possível conferir as oito questões integradas nas entrevistas.

Em vez de amostragem intencional, que remete à abordagem quantitativa, usamos o conceito de seleção intencional proposto por Gaskell (2012). Isso significa que os indivíduos foram escolhidos porque “podem intencionalmente informar uma compreensão do problema de pesquisa e o fenômeno central no estudo” (CRESWELL, 2014, p. 129-30).

Os critérios principais para a seleção foram a formação em Jornalismo e trajetórias profissionais que pudessem se refletir num espectro de opiniões diferentes. Conforme mostrado no quadro a seguir, os entrevistados escolhidos foram Marcelo Rech, Carlos Castilho, Leonel Camasão, Nilson Lage, Maria José Braga e Patricia Guimarães Gil. As entrevistas foram realizadas por ligação telefônica via Skype e presencialmente. As entrevistas duraram cerca de uma hora; porém, uma delas durou 45 minutos e outra, 2h30min.

Para determinar quantas entrevistas seriam necessárias, usamos o critério da saturação, quando nenhuma informação nova surge de novas entrevistas (MERRIAM, 2009).

Quadro 2 – Entrevistados selecionados intencionalmente

Data	Entrevista	Residência	Experiência com jornalismo e cargo atual	Meio
10/01/2017	Marcelo Rech	Porto Alegre (RS)	38 anos. Presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ), vice-presidente editorial do grupo RBS e presidente do fórum mundial de editores (WEF)	Ligação telefônica por Skype
12/01/2017	Carlos Castilho	Canela (RS)	51 anos. Editor-chefe do Observatório da Imprensa	Skype
13/01/2017	Leonel Camasão	Florianópolis (SC)	11 anos. Diretor do Conselho Fiscal do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina	Presencial
16/01/2017	Nilson Lage	Florianópolis (SC)	62 anos Professor universitário aposentado	Presencial
17/01/2017	Maria José Braga	Goiânia (GO)	30 anos. Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)	Ligação telefônica por Skype
18/01/2017	Patricia Guimarães Gil	São Paulo (SP)	19 anos. Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)	Ligação telefônica por Skype

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

2.2.3 Transcrição das Entrevistas

As entrevistas foram gravadas a partir de um dispositivo digital e transcritas com o auxílio de um processador de texto no computador. A

transcrição, realizada pela própria autora da dissertação, teve o objetivo de produzir um texto para análise.

2.2.4 Análise dos Dados

A análise foi conduzida junto à coleta de dados (MERRIAM, 2009). Com isso, permitimos que o conhecimento adquirido em uma etapa acrescentasse à outra, principalmente aperfeiçoando as perguntas.

Utilizamos o método de codificação de comparação constante. O objetivo dessa codificação é identificar padrões nos dados, descrevendo e interpretando esses padrões. Porém, sem chegar à construção de uma teoria substantiva, como na Teoria Fundamentada (MERRIAM, 2009).

A codificação em si começou com a leitura da primeira transcrição para atribuir códigos a pedaços de dados. Depois dessa leitura, buscamos padrões recorrentes e criamos categorias provisórias a partir da abstração desses padrões nos dados. Procedemos da mesma maneira com a segunda transcrição, porém tendo como base o texto, a lista de categorias e as observações da primeira. O sistema de códigos foi sendo refinado conforme novas transcrições foram analisadas (MERRIAM, 2009).

Esse método foi especialmente produtivo para entender como os elementos se relacionavam (SILVERMAN; MARVASTI, 2008) e como se associavam ao contexto em que foram coletados (TAYLOR; BOGDAN, 1984).

É importante frisar que uma análise rudimentar dos dados já tinha sido iniciada a partir das entrevistas, que por ser semiestruturada possibilitou seguir raciocínios desenvolvidos pelos entrevistados (BRINKMANN, 2013). A gravação e a transcrição da entrevista deram continuidade a esse processo, pois pudemos ouvir novamente os áudios e confrontá-los com análises preliminares (SILVERMAN; MARVASTI, 2008).

Para garantir maior sinceridade nos relatos dos entrevistados, informamos a eles que suas respostas não seriam vinculadas a seus respectivos nomes. Por isso, utilizamos um sistema de siglas E1, E2, E3, E4, E5 e E6. Além disso, essa apresentação não representa a ordem em que foram entrevistados. Por fim, qualquer substantivo, adjetivo ou pronome que pudesse identificar o gênero do entrevistado foi usado no masculino.

2.3 CRITÉRIOS DE CONFIABILIDADE

Existe um debate em curso na academia sobre como garantir que os métodos usados na pesquisa são confiáveis e as conclusões válidas. O principal desafio para os pesquisadores qualitativos têm sido refletir sobre a adequação dos critérios de validade interna, confiabilidade e validade. Diante das poucas alternativas aos critérios quantitativos, recorreremos àqueles propostos por Merriam (2009): credibilidade, consistência e “*transferibilidade*”.

2.3.1 Credibilidade

Como afirmado anteriormente, a complexidade incorpora o sujeito à investigação, pois considera que o objeto do conhecimento é a relação nós-mundo. Além disso, concebe o conhecimento em um contexto histórico, social e cultural.

Diante dessas considerações, para entender como as descobertas correspondem à realidade empregamos a reflexividade, a triangulação dos dados e o envolvimento sistemático com a coleta e análise dos dados (MERRIAM, 2009).

A reflexividade foi trabalhada a partir do uso dos pronomes pessoais e verbos para indicar o ponto de vista da equipe formada por mim e meus orientadores. Além dessas reflexões que permearam os capítulos, ao fim de cada etapa discutimos os achados e nosso posicionamento em relações a eles.

As próximas duas técnicas ajudaram a estabelecer e entender o contexto dos fenômenos estudados. A triangulação dos dados foi tratada a partir da confrontação dos achados da literatura e das entrevistas. E, por fim, a coleta e análise sistemática dos dados foram desenvolvidas na revisão de literatura, nas entrevistas e na codificação de comparação constante.

2.3.2 Consistência

O mais importante nesta dissertação é considerarmos “se os resultados estão consistentes com os dados coletados” (MERRIAM, 2009, p. 221), pois o critério de consistência não dialoga com o paradigma da complexidade. A consistência se relaciona à possibilidade de outros pesquisadores encontrarem os mesmos resultados ao replicarem o estudo. Porém, a complexidade considera que o mundo

está em constante evolução (ou seja, em simultâneo desenvolvimento e regressão) e uma ação lançada ao mundo interage com e retroage sobre o meio (MORIN, 2010a).

2.3.3 “Transferibilidade”

Esse critério diz respeito à possibilidade de generalização das descobertas para outras situações. Considerando que essa pesquisa defende o pesquisador consciente, seria imprudente afirmar que as descobertas desta pesquisa podem ser generalizadas para qualquer contexto. Porém, usamos a estratégia da descrição detalhada em todas as etapas da pesquisa de forma a possibilitar a outros pesquisadores apropriar-se deste estudo como lhe convier.

2.4 DISCUSSÕES E CONCLUSÃO

Neste capítulo detalhamos o paradigma da complexidade a partir das dimensões de ontologia, epistemologia e metodologia. Depois, explicitamos escolhas adicionais de metodologia e os métodos usados na investigação. Por fim, debatemos os critérios de confiabilidade e como eles foram incorporados à pesquisa.

Em resumo, esse conjunto formado pelos pressupostos filosóficos e os métodos foi escolhido por permitir entender os fenômenos em seu contexto. Isso foi especialmente importante para deixar emergir as percepções de crise nos diários, para trabalhar com fenômenos em transformação e para trabalhar com diferentes dimensões e níveis de análise de capital social.

No próximo capítulo, explicitaremos o método utilizado para encontrar os trabalhos aliados na revisão sistemática integrativa.

3 REVISÃO SISTEMÁTICA INTEGRATIVA

A revisão de literatura é uma etapa essencial da pesquisa científica e por meio dela é possível identificar o estado da arte, lacunas no conhecimento e contribuições para determinado campo de investigação (BENTO, 2012). A necessidade de realizar um mapeamento da literatura se justifica pelo número crescente de publicações a cada ano (CORDEIRO et al., 2007; PAUTASSO, 2013).

Podem-se dividir as revisões entre narrativa e sistemática. A revisão narrativa visa estabelecer o “estado da arte” de dada área do conhecimento. Em outras palavras, ela busca a fundamentação teórica a partir da síntese de estudos relevantes. No entanto, não há um método definido para selecionar esses estudos, isto é, a escolha é arbitrária.

Já a revisão sistemática, pelo contrário, tem um método definido para buscar, selecionar e avaliar os estudos e seu objetivo é responder a uma questão de pesquisa. Os resultados encontrados na busca sistemática podem ser analisados por meio de diferentes abordagens, criando subtipos de revisão sistemática. Estudos primários podem ser analisados por meio de tratamento estatístico (meta-análise) ou por uma síntese qualitativa (metassíntese, *grounded theory*, metaetnografia). Já a revisão sistemática integrativa, como o nome sugere, integra estudos teóricos e empíricos (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011; CORDEIRO et al., 2007; CRONIN; RYAN; COUGHLAN, 2008; LOPES; FRACOLLI, 2008; ROTHER, 2007; WHITTEMORE; KNAFL, 2005).

Conforme descreveram Cordeiro et al. (2007), as revisões sistemáticas começaram a ser publicadas no início do século 20 e foram consolidadas na área da Saúde principalmente após a década de 1980. É por essa razão que muitos estudos que explicaram o método estão concentrados nesse campo. Uma das exceções é o artigo de Botelho, Cunha e Macedo (2011), focado nos estudos organizacionais.

Nesta pesquisa optou-se pela revisão integrativa por sua natureza de permitir analisar ao mesmo tempo pesquisas quantitativas e qualitativas (WHITTEMORE; KNAFL, 2005). Acreditamos que essa modalidade de revisão seja útil ao “sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente” (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014, p. 9). Essa qualidade da revisão integrativa é especialmente interessante para buscas interdisciplinares, cujo propósito é criar pontes entre campos (PAUTASSO, 2013).

A revisão integrativa, como explicado anteriormente, é um dos subtipos da revisão sistemática e, por isso, possui método. Nesta dissertação usamos o explicitado por Botelho, Cunha e Macedo (2011). Ele pode ser resumido em seis etapas:

- Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa;
- Estabelecimentos do critério de inclusão e exclusão;
- Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados;
- Categorização dos estudos selecionados;
- Análise e interpretação dos resultados;
- Apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Neste capítulo, serão esclarecidas as três primeiras etapas, referentes à busca e à seleção dos trabalhos. Já as etapas analíticas, de apresentação e discussão dos resultados, serão mostradas nos dois capítulos seguintes.

Conforme apresentado no capítulo de introdução, existe um campo rico para estudos voltados para analisar como a crise dos jornais impressos se relaciona com o capital social. Portanto, há a necessidade de compreender como os pesquisadores abordaram a crise dos jornais impressos até o presente momento, principalmente depois de 2008, quando os jornais impressos sentiram os efeitos da crise econômica na queda de circulação e de anunciantes. Ao mesmo tempo, é necessário levantar como foram investigados os efeitos dos jornais sobre os indicadores que revelam a presença de capital social. Por isso, as perguntas dessa revisão são:

- 1) *Quais são as causas e as consequências da crise dos jornais impressos?*
- 2) *Em que consiste o capital social? Qual o papel do jornal no desenvolvimento dele?*

A busca pelos artigos foi realizada em duas bases de dados, a *Scopus*¹⁶ e a *Web of Science (WoS)*¹⁷, que foram escolhidas por sua relevância internacional, reunindo, respectivamente 57 milhões e 90 milhões de registros entre livros, capítulos de livro, artigos revisados por pares e trabalhos publicados em anais de eventos.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.elsevier.com/solutions/scopus>>. Acesso em: 15 out. 2015.

¹⁷ Disponível em: <<http://wokinfo.com/citationconnection>>. Acesso em: 15 out. 2015.

As buscas seguiram basicamente a mesma estratégia, definida em linhas gerais por:

- Tipo: artigos revisados por pares publicados em periódicos acadêmicos;
- Áreas temáticas: como esta dissertação está fundamentada no paradigma da complexidade de Edgar Morin, buscou-se filtrar ao mínimo as áreas pesquisadas dentro de Ciências Sociais e Humanas. O objetivo era permitir a emergência de pesquisas que trabalhassem a partir das perspectivas multi, inter e transdisciplinar.
- Data de publicação: entre os anos de 2011 e 2016;
- Idiomas: inglês, francês, espanhol e português;

Devido às regras de pesquisa específicas de cada base, foi necessário adaptar as estratégias de busca para a *Scopus* e *Web of Science*. Basicamente usamos a truncagem para recuperar termos na forma singular e plural e substituir a grafia de um caractere, os operadores booleanos para procurar termos simultaneamente e os operadores de proximidade para buscar termos separados por até cinco palavras de distância.

As buscas na *Scopus* foram feitas nos campos título, resumo e palavra-chave. Já na *Web of Science* também foi acrescentado o campo palavras-chave criadas (*keyword plus*). Foram utilizadas três bases de dados dentro da *Web of Science*: Principal Coleção do *Web of Science* (focada na literatura acadêmica mundial); KCI - Base de dados de periódicos coreanos (que contém artigos multidisciplinares); e *SciELO Citation Index* (focada na literatura acadêmica em periódicos de acesso aberto da América Latina, Portugal, Espanha e África do Sul).

Para fins de clareza, as estratégias de buscas foram separadas de forma que primeiro serão exibidos os resultados de todas as rodadas de busca referentes à crise do jornal impresso e, posteriormente, os resultados de todas as rodadas de busca relacionados ao capital social.

3.1 A CRISE DO JORNAL IMPRESSO

A primeira rodada de buscas por artigos que esclarecessem as causas e as consequências da crise dos jornais impressos foi realizada no dia 10 de julho de 2016. Esse levantamento obedeceu aos critérios gerais expostos anteriormente.

Quadro 3 – Crise dos jornais: artigos recuperados na primeira rodada de buscas na base de dados *Scopus*

Estratégias	Scopus
newspaper AND cris?s	262
newspaper AND cris?s AND “social capital”	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quadro 4 – Crise dos jornais: artigos recuperados na primeira rodada de buscas na base de dados *Web of Science*

Estratégias	WoS
newspaper* AND cris?s	274
newspaper* AND cris?s AND “social capital”	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Os critérios de inclusão para identificar os estudos pré-selecionados foram os artigos que debateram sobre os jornais com fim comercial, em um recorte local ou global e a partir de algum desses aspectos: econômico, político, tecnológico, social e cultural.

Já os critérios de exclusão foram artigos que se restringiram a avaliar o modelo de negócio de jornais impressos na sua versão digital, analisar o uso das versões digitais dos impressos, investigar como os diários migraram para o ambiente digital, observar a adoção de tecnologia nas redações e, por fim, focar na mudança nas rotinas profissionais com a adoção de tecnologias digitais.

Os artigos foram selecionados para a leitura completa a partir da apreciação do título, resumo e palavras-chave. Em casos em que houve dúvida sobre a pertinência do trabalho, optou-se por ler a introdução, a metodologia e a conclusão do artigo. Com essa prática, objetivou-se diminuir possíveis vieses na seleção dos artigos (FERREIRA, 2002). Com isso, foram considerados 18 artigos nessa primeira rodada de buscas.

A segunda rodada de buscas foi estruturada a partir dos termos utilizados pelos autores nesses artigos selecionados. Elas foram realizadas no dia 18 de julho de 2016 nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*.

Para as novas estratégias, foram utilizados os mesmos filtros explicitados nas buscas anteriores, ou seja, artigos publicados em periódicos, em quatro idiomas (inglês, francês, espanhol e português), nas mesmas áreas temáticas. Além disso, foram usados os mesmos critérios de inclusão e exclusão.

Quadro 5 – Crise dos jornais: artigos recuperados na segunda rodada de buscas na base de dados *Scopus*

Estratégias	Scopus
press W/5 cris?s	84
(“print* press” OR “print* media” OR “print* news media”) AND cris?s	43
(press W/5 cris?s) AND “social capital”	0
(“print* press” OR “print* media” OR “print* news media”) AND cris?s AND “social capital”	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quadro 6 – Crise dos jornais: artigos recuperados na segunda rodada de buscas na base de dados *Web of Science*

Estratégias	WoS
press NEAR/5 cris?s	50
(“print* press” OR “print* media” OR “print* news media”) AND cris?s	26
(press NEAR/5 cris?s) AND “social capital”	0
(“print* press” OR “print* media” OR “print* news media”) AND cris?s AND “social capital”	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Novamente, os artigos foram selecionados a partir da leitura do título, resumo e palavra-chave. Nesta segunda rodada foram escolhidos mais 2 artigos.

Por fim, a terceira rodada de buscas foi estruturada a partir da leitura das referências bibliográficas citadas nos 20 artigos selecionados anteriormente. Nesse caso não foi considerado um recorte temporal. Assim, foram recuperados 2 artigos, totalizando 22 artigos.

3.2 O USO DE JORNAIS IMPRESSOS E O CAPITAL SOCIAL

A primeira rodada de buscas por artigos que relacionassem jornal impresso e capital social foi feita em 10 de julho de 2016. Também foram consideradas as mesmas bases de dados, os mesmos filtros das estratégias anteriores, porém foi necessário ampliar o tempo de busca para todos os anos, pois não havia volume de artigos. Assim, as estratégias para essa primeira rodada foram:

Quadro 7 – Capital social: artigos recuperados na primeira rodada de buscas na base de dados *Scopus* e *WoS*

Estratégias	Resultados
<i>Scopus</i> - (newspaper OR “mass media”) AND “social capital”)	57
<i>WoS</i> - (newspaper* OR “mass media”) AND “social capital”)	66

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

O critério de inclusão foi os artigos que abordaram a relação entre o uso de jornal impresso e o capital social, independentemente da direção de influência.

Já os critérios de exclusão foram os artigos que analisaram a cobertura de notícias do jornal impresso sobre uma questão associada ao capital social; investigaram como o uso de internet influencia o consumo de jornal impresso; utilizaram a lente teórica do pluralismo estrutural, já que essa teoria está relacionada com controle social; analisaram os efeitos do consumo de notícias sobre o comportamento de saúde das pessoas.

Nessa primeira rodada de buscas, foram considerados 16 artigos para análise. Como foi possível observar pelos dados, houve uma ligeira tendência de crescimento ao longo de cerca de 20 anos. Porém, houve ano sem nenhuma publicação dentro dos critérios de inclusão estabelecidos.

A segunda rodada de buscas foi estruturada a partir dos termos utilizados pelos autores nesses artigos considerados anteriormente. Como foram recuperadas poucas pesquisas na primeira rodada, especificaram-se os termos a partir de três indicadores que estiveram mais presentes nos artigos: participação cívica e política, confiança e rede social.

Para as novas estratégias, foram utilizados os mesmos filtros explicitados nas buscas anteriores, ou seja, artigos publicados em periódicos, em quatro idiomas (inglês, francês, espanhol e português), nas mesmas áreas temáticas. Além disso, foram usados os mesmos critérios de inclusão e exclusão. Devido ao volume maior de artigos, foi adicionado o recorte temporal de artigos publicados entre os anos de 2011 e 2016.

As buscas foram realizadas no dia 18 de julho de 2016 na *Scopus* e *Web of Science*.

Quadro 8 – Capital social: artigos recuperados na segunda rodada de buscas na base de dados *Scopus*

Estratégias	Scopus
("political engagement" OR "political participation" OR "civic engagement" OR "civic participation") AND "newspaper"	46
("trust" OR "social trust" OR "interpersonal trust" OR "community trust" OR "institutional trust") AND "newspaper"	67
("social network" OR "sociability" OR "interpersonal network" OR "neighborliness" OR "social ties" OR "community network" OR "community ties") AND "newspaper"	92

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quadro 9 – Capital social: artigos recuperados na segunda rodada de buscas na base de dados *Web of Science*

Estratégias	WoS
("political engagement" OR "political participation" OR "civic engagement" OR "civic participation") AND "newspaper*"	24
("trust" OR "social trust" OR "interpersonal trust" OR "community trust" OR "institutional trust") AND "newspaper*"	31
("social network" OR "sociability" OR "interpersonal network" OR "neighborliness" OR "social ties" OR "community network" OR "community ties") AND "newspaper*"	20

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Novamente, os artigos foram selecionados a partir da leitura do título, resumo e palavra-chave. Nesta segunda rodada foram escolhidos mais 20 artigos.

Por fim, a terceira rodada de buscas foi estruturada a partir da necessidade de incorporar estudos teóricos na revisão. O motivo para isso foi o alto número de artigos empíricos recuperados nas duas rodadas – foram 33 de um total de 36 (92%). Assim, embora tenha havido um aprofundamento pelo aspecto empírico, houve uma lacuna de embasamento teórico. Essa fundamentação é importante, porque serve para estabelecer o recorte nas pesquisas e fornece apoio para as escolhas das medidas operacionais de capital social. Deste modo, foram incorporados quatro livros e um capítulo de livro nesta última rodada.

Para concluir, o método usado para análise e interpretação dos resultados foi a divisão por temas que emergiram da própria literatura analisada (CARNWELL; DALY, 2001; CRONIN; RYAN; COUGHLAN, 2008).

Em resumo, neste capítulo foram sistematizadas as buscas e os critérios para a inclusão dos artigos na revisão de literatura. Nos dois

próximos capítulos os achados serão apresentados e discutidos conforme os dois conjuntos de perguntas estabelecidos.

4 A CRISE DOS JORNAIS IMPRESSOS

Quando se trata dos jornais impressos, a maioria de nós prontamente concorda que eles estão em crise. Essa concordância, no entanto, termina no momento em que se busca identificar as causas, as consequências, os aspectos mais pertinentes ou mesmo qual a solução mais adequada – e isso sem considerar a polêmica pergunta: os jornais impressos têm futuro?

Como é possível perceber, esse é um tópico que instiga debate dentro e fora da academia. É nesse contexto que nasce essa revisão de literatura. Seu objetivo principal é sistematizar as principais contribuições teóricas e empíricas de pesquisadores. Ao fim deste capítulo, pretendemos ter respondido o primeiro conjunto de perguntas da revisão:

Quais são as causas e as consequências da crise dos jornais impressos?

O capítulo se inicia com a discussão das causas econômicas e tecnológicas identificadas para a crise. Em seguida são apresentadas as consequências mais amplas e dois casos em que foram percebidas mudanças em editorias. Após, são abordadas questões referentes à qualidade e independência do conteúdo e ao trabalho do jornalista. Além disso, são evidenciadas as características físicas do produto e como os jornalistas interpretaram a crise.

4.1 AS CAUSAS DA CRISE

Houve um consenso entre os pesquisadores de que havia uma crise nos jornais, mas eles se restringiram majoritariamente às causas tecnoeconômicas (ACEITUNO-ACEITUNO et. al., 2014; BUSTO SALINAS, 2013; CABEZUELO-LORENZO, 2013; FORTUNATI; TAIPALE; FARINOSI, 2015; LUENGO CRUZ, 2013, 2014; MARCOS RECIO; GARCÍA-ALONSO; PARRA VALCARCE, 2014; RAMÍREZ DE LA PISCINA et al., 2014; SALAMON, 2015).

Por essa perspectiva, os autores argumentaram que houve uma diminuição na receita gerada pela circulação e pela publicidade. O comportamento da circulação foi visto como estrutural, pois já era uma tendência em países como a Austrália, Espanha e Estados Unidos entre o fim da década de 1980 e meados da década de 1990 (CARSON, 2014; CASERO-RIPOLLÉS; IZQUIERDO-CASTILLO, 2013; CHYI; LEWIS; ZHENG, 2012).

Em números, nos Estados Unidos havia 356 leitores por mil habitantes na década de 1950. Cinquenta anos depois, essa quantidade caiu para 198 (PICARD, 2008). Do outro lado do Oceano Atlântico, a Espanha também sentiu essa redução. Depois de atingir o auge de 107 leitores por mil habitantes em 1995, essa quantidade caiu para 93 em 2007 – longe dos 423 da Finlândia ou dos 376 da Suécia (ARMENTIA VIZUETE, 2011).

Já a redução da publicidade foi vista como conjuntural por Prado (2015), pois teria ocorrido em decorrência da recessão econômica mundial, em 2008, que impactou o mercado publicitário e reduziu o investimento em anúncios nos jornais.

No entanto, Picard (2008) refutou essa visão conjuntural em um detalhado estudo, pois mostrou que a relação entre o gasto com publicidade nos jornais impressos e o Produto Interno Bruto (PIB) norte-americano enfraqueceu entre os anos de 1950 e 2005. Assim, o gasto com publicidade cada vez menos acompanhou o movimento de alta e queda da economia. Em 2001, pela primeira vez em 50 anos, ele não se recuperou depois de uma recessão, como o PIB o fez. Para piorar, a partir de 2000, a taxa de inflação foi superior ao gasto com publicidade em quase todos os anos, exceto em 2004. Ou seja, “a inflação abocanhou os ganhos feitos naqueles anos” (PICARD, 2008, p. 713). Apesar de ser um levantamento datado, essas constatações demonstraram que havia uma tendência maior em curso antes mesmo dos impactos da recessão econômica de 2008.

Na Espanha, por exemplo, os jornais impressos tiveram uma perda de € 766,3 milhões (-20,8%) em investimento publicitário no ano de 2012 (CABEZUELO-LORENZO, 2013).

Esse panorama de perda também foi constatado no âmbito das comunidades autônomas espanholas. Na Catalunha, ainda que a preferência fosse pelas publicações catalãs, perderam-se 112 mil leitores diários (-27,3%) e a receita publicitária diminuiu cerca de € 190,6 milhões (-59,2%) entre os anos de 2000 e 2012 (PRADO, 2015).

Já na Galícia foi constatado que a crise dos jornais afetou também aqueles de distribuição gratuita. De sete periódicos criados a partir de 2000, apenas *20 minutos* e *Terras de Santiago* continuavam a ser distribuídos em 2013. A crise econômica foi tida como a principal causa para o fechamento dos jornais, já que eles dependiam completamente de publicidade (LÓPEZ GARCÍA; RODRÍGUEZ BELLÓN; DE MATEO PÉREZ, 2014).

Diante desse cenário pouco otimista, acadêmicos reconheceram que o jornal impresso não tinha futuro (GILEWICZ, 2015; MARCOS

RECIO; GARCÍA-ALONSO; PARRA VALCARCE, 2014). A lógica por trás do argumento foi de que mesmo que os jornais conseguissem aumentar a receita na internet, não seria o suficiente para cobrir o rombo financeiro. Haja vista o caso dos Estados Unidos, onde a receita publicitária dos impressos caiu 55,2% e nos meios digitais cresceu apenas 18,8% entre 2006 e 2012 (MARCOS RECIO; GARCÍA-ALONSO; PARRA VALCARCE, 2014).

As tecnologias digitais aumentaram a oferta de conteúdo gratuito e a competitividade por publicidade. Isso minou a lógica tradicional dos jornais de gerar receita cobrando pelo conteúdo e capitalizar publicidade pelo massivo alcance de audiência (ACEITUNO-ACEITUNO et. al., 2014; CASERO-RIPOLLÉS; IZQUIERDO-CASTILLO, 2013).

Ainda mais importante é a competição desigual na internet, já que os jornais disputam por publicidade com corporações gigantes, como a *Google* (LARRAÑAGA RUBIO, 2011). No primeiro semestre de 2012, os anunciantes tinham investido mais na *Google* mundialmente (US\$ 20 bilhões) do que nos meios impressos dos Estados Unidos (US\$ 19,2 bilhões). Embora Felix Richter, autor do gráfico original, tenha ressaltado a limitação dos dados reunidos, ficou evidente a transformação no mercado publicitário entre 2004 e 2012.¹⁸

4.2 AS CONSEQUÊNCIAS DA CRISE

Para superar esses desafios, as empresas desenvolveram algumas estratégias: demitir jornalistas; descontinuar a edição impressa; migrar a versão impressa para a digital; reduzir os dias da semana publicados; aumentar a concentração das empresas sobreviventes por meio de aquisições; adotar a convergência de meios de comunicação diferentes de uma mesma empresa; unir editorias de meios de comunicação diferentes; desenvolver novos aplicativos para consumir notícias em dispositivos móveis; promover financiamento nos modelos de *crowdfunding* (ARMENTIA VIZUETE, 2011; CASERO-RIPOLLÉS; IZQUIERDO-CASTILLO, 2013; CHYI; LEWIS; ZHENG, 2012; MARCOS RECIO; GARCÍA-ALONSO; PARRA VALCARCE, 2014; REINARDY, 2011; SALAMON, 2015; USHER, 2015).

Outra forma de cortar custos tem sido a mudança de local das redações dos jornais impressos. De acordo com estimativas citadas do *Tow Center for Digital Journalism*, da Universidade Columbia, 35

¹⁸ Disponível em: <<https://www.statista.com/chart/709/googles-ad-revenue-since-2004>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

grandes jornais mudaram os locais de suas redações nos Estados Unidos nos últimos anos (USHER, 2015).

Para Usher (2015), que investigou a mudança do *The Miami Herald*, em 2013, as movimentações das redações para outros prédios representou um sinal visível do declínio dos jornais impressos – principalmente porque foram realizadas para versões menores de seus prédios antigos e, em alguns casos, para locais mais distantes.

Ainda sobre o caso do *The Miami Herald*, os jornalistas se sentiram frustrados, porque perceberam que a cobertura de notícias tinha se alterado em decorrência da mudança. Além disso, existia um temor de que as pessoas iriam se esquecer do jornal, pois o prédio antigo simbolizava uma voz importante e, sem a presença física dele, as pessoas poderiam não acreditar mais na importância do jornal.

Já como forma de reestabelecer a viabilidade econômica do negócio, sugeriu-se que o ensino de empreendedorismo poderia incentivar o autoemprego e o intraempreendedorismo (ACEITUNO-ACEITUNO et. al., 2014).

4.3 OS EFEITOS EM EDITORIAS

Para além da crise no produto como um todo, foram percebidas mudanças em seções específicas dos jornais impressos. No caso do jornalismo cultural, Hellman e Jaakkola (2011) relataram transformações no diário finlandês *Helsingin Sanomat*. Segundo os autores, as matérias estavam deixando de se basearem em avaliação e opinião (características do paradigma estético) para se enraizarem na abordagem factual, informativa e padronizada (características do paradigma jornalístico).

Cortiñas Rovira e Alonso Marcos (2014) observaram que as seções de ciência perderam espaço nos meios de comunicação. Apenas nos jornais impressos, essa seção era oferecida em 95 jornais norte-americanos em 1989. Ao longo dos anos caiu, até alcançar 19 diários em 2012. Outras estratégias adotadas foram a redução no número de páginas do caderno e a mudança de foco de ciência para saúde e bem-estar físico.

Esses últimos pesquisadores acreditaram que essas mudanças não se explicavam apenas pela crise econômica mundial e pela crise no modelo de jornalismo, mas pela transformação nos paradigmas socioculturais. Conforme eles argumentaram, a ciência se demonstrava resistente às mudanças que privilegiaram um aumento de notícias focadas em entretenimento e com apelo emocional.

4.4 A QUALIDADE DO CONTEÚDO

Diante das quedas da receita e da circulação observadas em alguns países ocidentais, poderíamos esperar como consequência a diminuição na qualidade e na independência do produto. Afinal, menos receita e funcionários no impresso e mais investimento nas plataformas digitais deveriam se traduzir em jornais piores. Porém, como demonstraram acadêmicos, essa relação não foi tão direta assim.

Ramírez de la Piscina et al. (2014) investigaram o índice de qualidade das notícias dos jornais europeus *Financial Times*, *Corriere della Sera*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, *Le Monde* e *El País*. A análise foi feita a partir do conceito de *media performance* desenvolvido pelo teórico da comunicação Denis McQuail e abrangeu ambos o formato e o conteúdo de textos do gênero informativo publicados entre os anos de 2001 e 2012.

Tomados em conjunto, os cinco jornais apresentaram tendência de queda no índice, de um valor médio de 5,55 pontos (2001) para 5,21 (2012). Porém, tomados individualmente, apenas dois apresentaram uma clara tendência de queda, o italiano *Corriere della Sera* e o inglês *Financial Times*.

A hipótese de que a queda de circulação impactaria o índice de qualidade não foi verificada. Embora as vendas totais desses cinco jornais tenham caído 27,42% no período analisado, o comportamento do índice de qualidade não seguiu o mesmo padrão. O alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, por exemplo, apresentou uma queda de circulação, mas aumentou seu índice de qualidade de notícia.

De maneira semelhante, Carson (2014) constatou que a queda de receita nos jornais australianos não estava relacionada com a diminuição na quantidade de matérias investigativas produzidas. Tomados em sua totalidade, os dados demonstraram que houve crescimento nesse tipo de matéria no país entre os anos 1956 e 2011. Para a autora, isso é parcialmente explicado pela iniciativa dos editores em procurar alternativas para continuar a produzir esse material, já que o jornalismo investigativo demanda mais recursos para ser produzido do que notícias factuais. Como exemplo, ela citou a iniciativa de veículos de empresas diferentes se unirem para produzir esse conteúdo que isoladamente não seria mais possível ao jornal impresso nem à televisão.

Por outra linha, Busto Salinas (2013) avaliou a independência do trabalho jornalístico com relação aos interesses comerciais dos jornais. A autora se apoiou na hipótese de que os jornais privilegiariam fazer

matérias dos releases enviados por seus anunciantes ao se sentirem pressionados devido à queda da receita e crescente competitividade. Porém, esse raciocínio não se comprovou.

Em sua análise, feita durante dois meses de 2012, ela estudou os releases de nove empresas de setores econômicos diversos e a publicidade e as notícias publicadas em seis jornais espanhóis (locais, regionais e nacionais). Contrário a sua expectativa, a empresa que teve melhor aproveitamento na publicação de releases enviados foi a *Apple*, que não publicou nenhum anúncio em nenhum dos jornais e teve oito dos nove releases enviados publicados. Para efeitos de comparação, a *Microsoft* também não publicou nenhum anúncio nos jornais e teve apenas quatro dos 48 releases publicados.

Segundo a autora, os resultados mostraram que “a noticiabilidade continuou a ser um dos principais aspectos considerados ao selecionar releases de imprensa” (BUSTO SALINAS, 2013, p. 81).

4.5 A PRESSÃO SOBRE OS JORNALISTAS

Autores perceberam efeito da crise na situação de trabalho dos jornalistas. Em suma, os resultados sugeriram atenção principalmente com os estagiários e profissionais mais novos.

Como explicou Reinardy (2011), tornou-se comum o jornalismo figurar nas listas de profissões mais estressantes, com uma rotina dividida entre atender prazos, demandas de furos e expectativas dos editores e leitores. Nos últimos anos, essas pressões aumentaram em decorrência da crise e da adoção de novas tecnologias.

De forma a entender como essas pressões alteravam o nível de esgotamento profissional, Reinardy (2011) avaliou 770 jornalistas a partir de um questionário que mediu os níveis de exaustão, cinismo e eficácia – ou, em termos técnicos, *Maslach Burnout Inventory - General Survey (MBI-GS)*.

No geral, os profissionais apresentaram níveis de esgotamento profissional maior do que em pesquisas anteriores, com alto grau para cinismo e moderado para exaustão e eficácia. Esses níveis são alarmantes, visto que, conforme explicou o autor, o esgotamento é uma condição sem cura, cuja única solução é deixar o trabalho.

Especificamente sobre as diferenças entre os grupos etários, os mais velhos estavam entre os que apresentaram menores níveis de esgotamento profissional, enquanto os jornalistas mais novos foram os que registraram os maiores níveis. Paralelo a isso, os mais novos também foram os que afirmaram maior probabilidade de deixar o jornal

impresso – 74,5% dos entrevistados com 34 anos ou menos responderam que não sabem ou que têm a intenção de saírem da profissão.

Por sua vez, Salamon (2015) investigou a condição de trabalho nos programas de estágio de jornais canadenses. Ao examinar as vagas oferecidas para estudantes e recém-formados, o autor constatou que apenas seis jornais pagavam o salário-base da profissão; os outros sete analisados pagavam abaixo ou não remuneravam.

Frente a essa diferença, o autor afirmou que os estagiários foram desvalorizados e explorados, pois a maioria das empresas não pagou o salário-base mesmo tendo condição de fazê-lo, como outras tinham demonstrado ser possível. Afinal, todos os seis grupos midiáticos proprietários dos treze jornais avaliados tiveram lucro em 2013.

4.6 JORNAL IMPRESSO E JORNAL ONLINE: PREFERÊNCIAS E DIFERENÇAS

Se não era a qualidade que estava diminuindo a quantidade de leitores, poderia ser a preferência por jornais online. Para analisar a relação entre a leitura de jornais online e a diminuição de venda dos impressos, Larrañaga Rubio (2011) observou os dados de dez países europeus, como Alemanha, Dinamarca, Espanha e Finlândia. E, para neutralizar a influência econômica, ele examinou os anos entre 2003 e 2007.

Por meio de uma análise estatística, Larrañaga Rubio (2011) descobriu que os leitores de jornais online só explicariam 16% da queda de vendas anuais em 2007. Mas ele constatou que quanto maior o uso da internet, menor o uso do jornal impresso.

De forma semelhante, Fortunati, Taipale e Farinosi (2015) procuraram entender de que maneira o jornal impresso e o online era objetos diferentes, em vez de examinar as funções comunicativas e informativas desses meios. Para isso, eles investigaram os dois objetos, a identidade deles por meio da fisicalidade e os produtos imateriais que geravam (como conhecimento, relacionamento e resposta emocional) com base nas teorias da microssociologia dos objetos e neomaterialismo – ambas concebem os meios de comunicação como objetos; a primeira geralmente focada para a evolução dos meios enquanto objetos e a segunda voltada para a materialidade do objeto e seu uso.

Em suma, os autores enfatizaram que os grupos midiáticos erraram ao vender os dois produtos como similares, visto que foi demonstrado que eles têm características diferentes. Assim, de acordo

com os autores, a solução não passaria por substituir os jornais impressos por online, mas em entender os hábitos e necessidades dos leitores.

4.7 A INTERPRETAÇÃO DOS JORNALISTAS

Em uma tentativa de romper com o raciocínio tecnoeconômico dominante, Luengo Cruz (2013, 2014) investiu em uma abordagem cultural para extrair significados de artigos e textos de blog sobre a crise no jornal norte-americano *The Times-Picayune* e no espanhol *El País*.

Em maio de 2012, quando o *The Times-Picayune* anunciou que iria ser publicado apenas três vezes na semana, Nova Orleans se tornou a primeira grande cidade norte-americana sem um jornal diário. Para além das justificativas econômicas, os textos expressaram preocupação, pois o jornal tinha fortalecido a comunidade ao expor escândalos de corrupção na cidade (LUENGO CRUZ, 2013, 2014).

Em outubro do mesmo ano, o *El País* demitiu cerca de um terço de seus funcionários. O jornal também se justificou na crise do mercado e na adoção de novas tecnologias. Já para os críticos dessa demissão em massa, a independência editorial do jornal estava comprometida e o papel do jornal como local de debates, ameaçado (LUENGO CRUZ, 2014).

De forma semelhante, Chyi, Lewis e Zheng (2012) investigaram a cobertura sobre a crise dos jornais no *Wall Street Journal* e o *The New York Times* entre 2008 e 2010. Os resultados da análise mostraram que os jornalistas focaram em mudanças de curto prazo, forneceram poucos dados contextuais (como a crise dos jornais em outras partes do mundo), privilegiaram as fontes oficiais em detrimento dos leitores e a maior parte teve um tom pessimista, invocando metáforas de morte. Para os autores, os jornalistas exageraram em sua reação à crise, o que pode ter afetado como os leitores percebiam o futuro dos jornais.

Por outra abordagem, Gilewicz (2015) olhou para as últimas edições de jornais norte-americanos para aprofundar como os jornalistas interpretavam o seu papel social e cultural. Para isso, ele considerou dois jornais que fecharam no início da década de 1980 e outros dois que fecharam em 2009, todos os quais atuavam em região metropolitana e foram fechados durante algum período de recessão econômica.

Segundo o autor, nessas últimas edições os jornalistas fizeram uso de dois tipos de memória para interpretar a crise, a retrospectiva e a prospectiva. A memória retrospectiva diz respeito a usar o passado para explicar o presente. As técnicas usadas pelos quatro jornais foram

similares, mostrando a reimpressão de capas passadas e histórias sobre a carreira dos jornalistas e sobre o papel daquele jornal no mundo.

Ao combinarem as capas de acontecimentos memoráveis – como o assassinato do ex-presidente norte-americano John F. Kennedy – e as histórias sobre os jornalistas e o jornal, essas edições reforçaram um argumento: “Lembrar-se de grandes eventos, então, é lembrar-se dos jornais. E lembrar-se dos jornais é lembrar-se de sua facilidade em interpretar o mundo.” (GILEWICZ, 2015, p. 677).

A memória prospectiva, por sua vez, está relacionada com a projeção de uma memória futura com base no presente. Como os jornalistas não poderiam mais exercer sua autoridade jornalística e histórica no futuro, eles pediam aos leitores para se lembrarem do jornal e das notícias divulgadas como parte da história da cidade.

Gilewicz (2015) frisou ainda que o fim dos jornais físicos representava também a desmaterialização daquelas comunidades de jornalistas e de leitores. Em outras palavras, os jornais impressos eram a peça-chave de um ritual firmado entre os jornalistas e os leitores. Os jornalistas envolvidos na produção de sentido e os leitores, no consumo dessas notícias. Os leitores, mesmo que negociassem individualmente os significados das notícias, aceitavam de maneira geral o significado mais amplo e reconheciam a função dos jornalistas.

4.8 DISCUSSÕES E CONCLUSÃO

Como exposto no início desta análise, os artigos recuperados definiram a crise dos jornais impressos a partir de um recorte tecnoeconômico. Geralmente, os pesquisadores se ativeram ao quadro mais amplo de que os jornais enfrentavam um duplo desafio: a adoção de novas tecnologias e a queda das receitas de publicidade e circulação. Essa constatação está de acordo com os resultados encontrados na revisão de literatura de Siles e Boczkowski (2012).

Mesmo com essa abordagem mais homogênea, alguns pontos de reflexão sobre as consequências surgiram ao analisar os textos lado a lado. O artigo de Picard (2008), por exemplo, observou o enfraquecimento da relação entre os gastos publicitários e o PIB norte-americano ao longo dos anos. Apesar de o autor não o ter dito, seus dados sugeriam que os jornais iriam depender cada vez mais da receita de circulação para continuar operando, uma vez que a de publicidade estava comprometida.

Especificamente sobre o comportamento de queda da leitura, os pesquisadores constataram que não foi devido à qualidade da notícia

(RAMÍREZ DE LA PISCINA et al., 2014). No entanto, os estudos sobre o crescente esgotamento profissional (REINARDY, 2011) e sobre a precariedade dos programas de estágio (SALAMON, 2015) podem ser indícios de que isso pode mudar em breve.

Por enquanto, os jornalistas continuam a exercer sua função de guardião dos interesses dos cidadãos (CARSON, 2014) e seguem criteriosos quanto à seleção de releases (BUSTO SALINAS, 2013) – embora não seja possível afirmar a partir dos dados apresentados, por exemplo, se os releases estão sendo publicados na íntegra ou se a quantidade de publicação desse tipo de texto aumentou ao longo dos anos.

Com relação às tecnologias digitais, embora tenham sido ressaltadas as diferenças entre o jornal impresso e o online (FORTUNATI; TAIPALE; FARINOSI 2015) e que os leitores do online não justificavam a perda de leitores dos diários (LARRAÑAGA RUBIO, 2011), é fato que a internet impôs desafios ao oferecer conteúdo gratuito e aumentar a competitividade por publicidade (ACEITUNO-ACEITUNO et. al., 2014; CASERO-RIPOLLÉS; IZQUIERDO-CASTILLO, 2013).

Em termos de conteúdo do impresso, os pesquisadores observaram mudanças nas editorias de cultura e ciência. A editoria de cultura estava mais voltada para o paradigma jornalístico (HELLMAN; JAACKOLA, 2011), enquanto a de ciência perdeu espaço ou mudou o foco para saúde e bem-estar físico (CORTIÑAS ROVIRA; ALONSO MARCOS, 2014). É razoável esperar que essas transformações estejam ocorrendo em outras seções, o que indicaria que o produto impresso como um todo está se transformando.

Nessa perspectiva, Siles e Boczkowski (2012) sugeriram que nem todos os países estavam passando por crise nos jornais impressos e aqueles que estavam, vivenciavam as transformações em graus de intensidade variados e adaptadas às heranças históricas e contextos atuais.

Por fim, os artigos que focaram no discurso metajornalístico contribuíram para entender o jornal como parte de um sistema interpretativo, do qual leitores e jornalistas fazem parte (GILEWICZ, 2015). Entendendo crise como momentos de ruptura, o que acontece quando uma das partes de um sistema informativo e interpretativo começa a “falhar”? Pensando nessa pergunta que o próximo capítulo inicia.

5 O USO DE JORNAL IMPRESSO E O CAPITAL SOCIAL

O capítulo anterior tratou da transformação em curso nos jornais impressos, que se manifesta principalmente pela perda de relevância no mercado. Porém, as raras incursões dos pesquisadores nas questões socioculturais mostraram a necessidade de se investigar como uma crise nesse meio afeta a sociedade para além das mudanças no produto.

O propósito desse capítulo é dar um passo neste sentido ao esquematizar como o uso de jornais impressos está relacionado com os indicadores que revelam a presença de capital social. O foco recai mais especificamente no potencial do jornal de promover a cooperação por meio de fortalecimento de normas, confiança, laços sociais e sistemas de participação.

Diante da falta de pesquisas que relacionassem a crise dos jornais impressos ao capital social, as perguntas norteadoras desta segunda etapa da revisão de literatura são:

Em que consiste o capital social? Qual o papel do jornal no desenvolvimento dele?

Iniciamos pela exposição de diferentes perspectivas sobre o capital social. Em seguida, aprofundamos em quatro indicadores associados ao capital social: norma, confiança, rede social e participação cívica. Por fim, identificamos as contribuições das pesquisas para o entendimento do papel do jornal no desenvolvimento de capital social.

5.1 O QUE É CAPITAL SOCIAL?

Apesar de sua crescente popularidade, o capital social é um conceito cuja definição é controversa entre os pesquisadores. Isso porque se trata de um ativo investigado por diferentes áreas do conhecimento. Para Higgins, que investigou os fundamentos teóricos desse ativo, “não poderíamos falar de uma teoria do capital social, e sim de diversas acepções de uma mesma expressão” (2005, p. 51).

A origem do conceito data do início do século 20, mas as contribuições atuais para a construção do *corpus* de capital social se baseiam em três nomes principais: os sociólogos Pierre Bourdieu e James Coleman e o cientista político Robert Putnam (ARAÚJO, 2010; BEAUDOIN, 2009, 2011b; BEAUDOIN; THORSON, 2004; HIGGINS, 2005; MATOS, 2009).

Bourdieu se diferenciou dos outros dois pesquisadores por ter concebido o capital social como um recurso passível de apropriação e atrelado ao sistema de classes sociais. Para ele, os recursos disponíveis ao indivíduo por meio de seus contatos dependem da posição ocupada por ele na rede e, portanto, as desigualdades sociais tendem a ser reproduzidas (BEAUDOIN, 2011b; HESS, 2013, 2015; HIGGINS, 2005; KIKUCHI; COLEMAN, 2012; MATOS, 2009; ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011).

Coleman se aproximou de Bourdieu ao considerar o capital social como um recurso do indivíduo, mas se distanciou ao afirmar que esse recurso gera benefícios para o indivíduo e para a comunidade (KIKUCHI; COLEMAN, 2012). Para Coleman, o capital social é produtivo, pois tem a função de criar bens que sem a presença dele não seria possível. Isso ocorre quando elementos sociais – como normas, expectativas e informação – funcionam como recursos. Ademais, ele só existe nas relações entre as pessoas (ARAUJO, 2010; BEAUDOIN, 2011b; HIGGINS, 2005; MATOS, 2009).

O trabalho de Coleman inspirou Putnam a conceber o capital social como um bem comunitário. Para o cientista político, nas comunidades cívicas a cooperação para superar os problemas coletivos advém das relações sociais baseadas na confiança e em regras de reciprocidade (ARAUJO, 2010; BEAUDOIN, 2007, 2009; MATOS, 2009; BEAUDOIN; THORSON, 2004, 2006; HIGGINS, 2005; PUTNAM, 2005).

Diante dessas concepções, nós assumimos que o capital social é um ativo intangível, desenvolvido por meio da cooperação entre as pessoas, para atingir objetivos e superar problemas coletivos – como ter o ar menos poluído ou cidades mais seguras. Ele é resultado da soma de recursos atuais ou potenciais disponíveis por meio dos laços e redes sociais. Esses recursos compreendem não apenas as normas e a confiança, mas também apoio emocional, oportunidades, informação, etc. O capital social não é propriedade particular de uma pessoa ou grupo. Portanto, os resultados de sua produção são aproveitados por todos, não apenas pelos indivíduos envolvidos no processo (ARAUJO, 2010; BAKER, 2000; BEAUDOIN, 2011b; PUTNAM, 2005; ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

A esta altura, cabe ressaltar que as ações baseadas nas normas e na confiança não necessariamente produzem efeitos benéficos, como alertou Matos (2009). Afinal, as regras podem beneficiar apenas um grupo e os vínculos de confiança se restringir aos contatos habituais. Nesses casos, o capital social se manifesta por meio de resultados

negativos, como as relações assimétricas e de dominação, que são frequentes em grupos mafiosos.

Embora os argumentos de Matos (2009) sejam verdadeiros, os resultados negativos do capital social não são o foco dessa dissertação. Como também sustentado por Araujo (2010), o tema central neste estudo são os benefícios da ação voltada para o bem comum; e não as relações que favorecem o desmembramento da participação coletiva.

Nas próximas subseções, vamos nos aprofundar nas contribuições das normas, confiança, redes sociais e participação cívica e política para a cooperação. As exposições buscam o diálogo entre as reflexões teóricas e os achados empíricos.

5.1.1 Normas

As normas são regras sociais que servem de referência para o comportamento e são internalizadas pelas pessoas por meio de condicionamento, socialização e sanção pelo não cumprimento (PUTNAM, 2005). Conforme enumerou Araujo (2010), elas “dão sentido à sociedade, orientam as ações, tornam previsíveis determinados comportamentos, conferem textura e densidade à sociedade.” (p. 25).

Como estamos interessados especificamente nas normas que facilitam a cooperação, as normas de reciprocidade se destacam. Elas são importantes para a formação de capital social, pois estabelecem regras para a troca de recursos entre as pessoas. O respeito a elas e a aplicação de punições aos que não as obedecem estabiliza a confiança entre os membros. A penalidade ao transgressor pode ser apenas social, como o isolamento por descumprir as regras ou gerar desconfiança (ARAUJO, 2010; MATOS, 2009; PUTNAM, 2005).

Quando a troca é por itens de igual valor, a reciprocidade é chamada de balanceada. Já nos casos em que a troca se baseia em uma ação tomada com vistas à retribuição no futuro, a reciprocidade é chamada de generalizada. O próprio Putnam afirmou que a “reciprocidade generalizada é um componente altamente produtivo do capital social. As comunidades em que essa regra é obedecida têm melhores condições de coibir o oportunismo e solucionar os problemas da ação coletiva” (2005, p. 182).

5.1.2 Confiança

A origem para a confiança pode nascer a partir de valores e etnia similares, mas são as normas que asseguram a confiança generalizada.

Isto é, as pessoas confiam porque preveem o comportamento umas das outras a partir das normas compartilhadas entre elas (ARAUJO, 2010; MATOS, 2009; PUTNAM, 2005). Obedecer às regras e ter confiança de que os outros também irão fazê-lo são padrões que diferenciam as comunidades cívicas das menos cívicas:

A vida coletiva nas regiões cívicas é facilitada pela expectativa de que os outros provavelmente seguirão as regras. Sabendo que os outros agirão assim, o mais provável é que o cidadão faça o mesmo, satisfazendo assim às expectativas deles. Nas regiões menos cívicas, quase todos esperam que os demais violem as regras. Parece tolice obedecer às regras do trânsito, às leis do fisco ou às normas previdenciárias quando se espera que os demais venham a desobedecê-las. (...) Então você também engana, e assim as cívicas e funestas expectativas de todos acabam se confirmando (PUTNAM, 2005, p. 124).

Acadêmicos geralmente mediram a confiança social por uma combinação entre a confiança interpessoal e a confiança na comunidade. A confiança interpessoal é um valor aprendido na infância e está relacionada com a percepção das pessoas sobre como os outros agem. Já a confiança na comunidade avalia a percepção das pessoas sobre os locais onde vivem (BEAUDOIN; THORSON, 2004; TSFATI; ARIELY, 2014).

Descobertas empíricas mostraram que a confiança social promoveu ações cívicas, como votação e voluntariado (BEAUDOIN; THORSON, 2004), e promoveu laços sociais, principalmente com pessoas da mesma etnia (BEAUDOIN, 2011b).

Outros estudos lançaram luz sobre a importância da confiança na vida política para a participação cívica e política. Apesar de Putnam não ter abordado esse aspecto da confiança em seu livro *Comunidade e democracia*, ele afirmou que a popularidade de um governo democrático depende da sensibilidade dele em relação às demandas dos cidadãos e a eficácia na utilização de recursos. Assim, é possível teorizar de que a percepção das pessoas sobre a atuação do governo pode impactar a vontade delas de participar da vida em comunidade.

Os trabalhos nesse campo mediram a confiança a partir de três tópicos: a confiança na capacidade do governo de fazer o que é certo; a confiança em políticos e funcionários públicos de serem honestos e

fazerem o que é importante; e a confiança nas instituições públicas (ARENDR; BRANTNER, 2015; LIVINGSTONE; MARKHAM, 2008; NEWTON, 1999; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

O único estudo que ligou confiança política à participação, de maneira geral, constatou que apesar de a confiança no governo e nos políticos ter estimulado as pessoas a votar, foi a falta de confiança que as motivou agir civicamente (LIVINGSTONE; MARKHAM, 2008).

5.1.3 Rede Social

A rede social é a estrutura por onde os recursos fluem. Por isso, consta em todas as definições de capital social. Ela pode ser composta por laços pessoais ou profissionais e o acesso ao capital social será definido de acordo com a quantidade, a qualidade e a diversidade desses vínculos (BAKER, 2000). Isto é, o volume de capital social seria refletido pela quantidade de vínculos sociais formais e informais – como ser membro de associações como a Rotary e ter boas relações com vizinhos (ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011).

Contudo, embora qualquer relação possa fortalecer os laços entre as pessoas, apenas aquela voltada para o bem comum – baseada em normas de reciprocidade e confiança – contribui efetivamente para a cooperação (MATOS, 2009).

Normalmente, as relações entre os indivíduos são distinguidas de acordo com os tipos de ligação entre eles. O capital social de ligação envolve os laços entre pessoas parecidas. Por isso, ele ajuda a reforçar a identidade do grupo e facilita o acesso a recursos internos a esse grupo (BEAUDOIN, 2007, 2011b; BOWD, 2011; MATOS, 2009). Já o capital social de ponte se constrói entre pessoas de grupos sociais distintos – definidos em termos de renda, etnia, idade, etc. Ele se diferencia por ser inclusivo e facilitar o acesso a recursos externos ao grupo (BEAUDOIN, 2007, 2011b; BOWD, 2011).

Alguns pesquisadores defenderam ainda um terceiro tipo, chamado de capital social de conexão. Enquanto os tipos anteriores enfatizaram as relações horizontais, este ressalta a existência de laços verticais, pois conecta pessoas e grupos comuns a outros em posições de poder (BOWD, 2011; HESS, 2015).

Apesar da falta de estudos sobre rede social, existe uma carência de reflexões sobre sua medição. Como detalhado por Kikuchi e Coleman (2012), a principal fraqueza das pesquisas foi medir simultaneamente dimensões diferentes, ignorando as particularidades de cada variável em termos do esforço e do planejamento que exigiam.

Trabalhos empíricos verificaram que o indicador de rede social teve um impacto positivo sobre a participação cívica e as medidas individuais de votação e voluntariado (BEAUDOIN; THORSON, 2004; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

Especificamente sobre os tipos de laços sociais, pessoas com mais vínculos formais, redes mais homogêneas e mais densas participaram mais na vida cívica (ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011). Já os laços entre pessoas diferentes tiveram resultados positivos ao evitar as transgressões de jovens e ao promover níveis de saúde melhores entre as pessoas de etnias diferentes (BEAUDOIN, 2007, 2011a).

5.1.4 Participação Cívica e Política

Ao concluir que a participação cívica explicou o desempenho dos governos regionais italianos melhor do que os dados econômicos, Putnam (2005) demonstrou a força dos sistemas de participação para a construção de capital social. Essa relação foi tão intensa que “teria sido possível prever com extraordinária exatidão o êxito ou o fracasso do governo regional na Itália nos anos 80 tomando por base o grau de participação cívica existente quase um século antes” (PUTNAM, 2005, p. 160).

Distingue-se a participação entre as dimensões cívica e política. Isto é, as ações voltadas para a comunidade e as focadas em influenciar o governo (MATOS, 2009). Como exemplos do primeiro caso, podemos citar o voluntariado e associações de moradores. No segundo, votar e fazer parte de um partido político.

À parte das particularidades de cada pesquisa sobre a ênfase em dimensões cívicas ou políticas, estruturamos a discussão a seguir a partir da observação que os textos identificaram os aspectos que favoreciam a ação e as medições da participação em si. No primeiro caso, figuram o interesse e conhecimento político, a eficácia interna e a discussão interpessoal. No segundo, filiação à associação e votação.

Pelas perspectivas teórica e empírica, as pessoas que tinham maior conhecimento e interesse político e que se sentiram mais capazes de influenciar resultados políticos foram mais propensas a participar de atividades cívicas (ARENDETT; BRANTNER, 2015; KANG; KWAK, 2003; LIVINGSTONE; MARKHAM, 2008; ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011).

A conversação que promove o capital social tem de estar comprometida com conquistar o benefício público. Ela contribui para a

participação ao criar redes, ajudar a interpretar a realidade e favorecer a troca de perspectivas. Em uma democracia, onde a troca de informações é vital para seu funcionamento, estar capacitado para conversar com pessoas com opiniões diferentes pode enriquecer o processo de tomada de decisões (BORAH et al., 2013; MATOS, 2009; ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011).

Putnam (2005) sustentou que fazer parte de associações cívicas ou políticas estimula os sentimentos de cooperação e responsabilidade comum. Quando a medida de filiação à associação não integrou os indicadores de participação cívica ou de rede social, observou-se que as pessoas com mais vínculos formais se envolveram mais em outras atividades cívicas (ROJAS, SHAH, FRIEDLAND, 2011).

Entre os estudos recuperados na revisão, não se aprofundou na relação entre a votação e outras medidas de participação. Mas a percepção de queda nas eleições nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e na maior parte dos países que elegem o parlamento da União Europeia preocupou acadêmicos em relação à saúde da democracia (ARENDDT; BRANTNER, 2015; LIVINGSTONE; MARKHAM, 2008). Esse argumento se torna ainda mais forte em locais onde o voto é facultativo, pois se subentende a existência de fatores que promovem o comparecimento às urnas além da obrigação.

5.2 O JORNAL E O DESENVOLVIMENTO DE CAPITAL SOCIAL

Ainda que uma democracia saudável peça por cidadãos bem informados e meios de comunicação que forneçam essas informações (CHAN; LEE, 2014; HAYES; LAWLESS, 2015), as pesquisas voltadas para esclarecer o papel do jornal na construção de capital social ficaram em segundo plano. Nosso levantamento, por exemplo, recuperou apenas 16 artigos que estabeleceram essa relação.

Isso é especialmente curioso, já que Putnam popularizou esse conceito na década de 1990 após responsabilizar a programação de entretenimento da televisão pelo declínio de capital social nos Estados Unidos. Paralelo ao aumento do consumo de televisão, ele observou que houve uma diminuição na leitura de jornal e no interesse em notícias (BEAUDOIN; THORSON, 2004, 2006; MATOS, 2009; NEWTON, 1999).

Para contornar essa lacuna, alguns pesquisadores criaram novos conceitos, como o de *capital social mediado* para destacar o potencial dos meios de comunicação em produzir e distribuir os recursos (HESS, 2013, 2015). Também foi proposto o de *capital social comunicativo*, em

que o tamanho da rede foi ligado ao volume de informações (ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011). Houve ainda o de *capital comunicacional*, que abordou o ponto de interseção entre a comunicação e o capital social (MATOS, 2009).

A partir dos resultados apresentados nos artigos teóricos e empíricos, estruturamos os achados entre o modelo de efeitos e o modelo de exposição seletiva. O primeiro modelo diz respeito às pesquisas que conceberam que o consumo de jornal pode gerar consequências. O segundo está relacionado ao entendimento de que as pessoas escolhem intencionalmente o meio ou conteúdo aos quais irão se expor.

5.2.1 Modelo de efeitos

Costuma-se dizer que o jornal impresso tem o potencial de atuar como cão de guarda dos interesses dos cidadãos ao fornecer informações sobre as questões políticas. Porém, entende-se também que o consumo de jornal pode promover o capital social ao disseminar informação que incentiva a discussão entre as pessoas; apoiar e recriminar comportamentos com base nas regras sociais; fortalecer a confiança; e promover a participação cívica – seja votar nas eleições, ser membro de uma associação ou dedicar-se ao voluntariado (BEAUDOIN, 2011a; CERON; MEMOLI, 2015; CHRISTMANN et al., 2015; KANG; KWAK, 2003; KIM, 2009; NEWTON, 1999; PASEK et al., 2006; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001; SHAKER, 2014; TSFATI; ARIELY, 2014).

Além dos recursos informativos, alguns autores sugeriram que os meios de comunicação podem exercer uma função simbólica. Isto é, podem promover uma identidade compartilhada e um sentimento de pertencimento. Esse papel simbólico é importante nas cidades maiores em que as pessoas só conhecem um número limitado de residentes na comunidade e também em cidades menores em que o jornal local tem o potencial de conectar pessoas e reforçar a identidade local (BOWD, 2011; PASEK et al., 2006; ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

5.2.1.1 Normas

Poucos estudos investigaram a contribuição do jornal para fortalecer normas e sanções. Apesar de não serem sobre as normas de

reciprocidade, dois trabalhos indicaram o potencial dessa linha de pesquisa.

O primeiro sustentou que o efeito das notícias sobre as relações sociais dependeria de como as pessoas percebem as representações das etnias nos meios de comunicação tradicionais (jornal e televisão). Entre essas representações, estariam a veiculação das normas descritiva e injuntiva. Ou seja, a percepção da frequência e da adequabilidade de um comportamento, respectivamente (BEAUDOIN, 2011b).

Embora os dados tenham indicado a existência de uma diferença entre as etnias, não seria possível justificá-la apenas nas representações nos meios de comunicação. Uma explicação alternativa seria considerar essa diferença como evidência do acesso desigual das etnias a outros recursos – como educação, por exemplo.

O segundo trabalho investigou a relação do consumo de jornal com o estigma, que são construções sociais que desempenham uma função de proteção dentro do grupo. Os resultados mostraram que conforme aumentava o nível de estigma em relação a pessoas portadoras do vírus HIV em uma comunidade aumentava também a relação entre o uso de jornal e o nível de estigma individual (RIMAL; CHUNG; DHUNGANA, 2015).

Embora os autores tenham concluído que o jornal cumpre sua função em desconstruir estigmas ao apresentar pontos de vista diferentes, os achados da pesquisa permitem inferir o oposto: a relação entre o nível de estigma individual e a leitura de jornal aumentou nas comunidades com maior nível de estigma justamente porque o jornal reforçou a norma sobre a adequabilidade de se relacionar com pessoas estigmatizadas.

5.2.1.2 Confiança

A partir do exposto até aqui, é possível teorizar que os jornais favorecem a cooperação porque disseminam normas e sanções de maneira padronizada para as pessoas, favorecendo assim a confiança de que elas conhecem e respeitam as regras.

Trabalhos atestaram que os leitores de jornal tiveram uma relação positiva com a confiança interpessoal e na comunidade. Isso foi percebido mesmo entre os mais jovens, que eram menos propensos a ler jornais (BEAUDOIN, 2007; BEAUDOIN; THORSON, 2004; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001; TSFATI; ARIELY, 2014).

Pelo aspecto político, o consumo de jornal estava associado a maior confiança no governo, instituições públicas e nos políticos. Essa relação foi verificada em locais com diferentes tipos de governo: República Checa, China, Taiwan, Jordânia e Grã-Bretanha (CABELKOVA; HEJLOVA; STRIELKOWSKI, 2015; MARTIN, 2011; NEWTON, 1999; WU, 2014).

No entanto, a confiança no governo foi diminuída quando os jornais tiveram posição ideológica contrária a do governo em exercício; e esse efeito foi amplificado após incorporar a ideologia dos cidadãos. Com isso, os autores confirmaram a hipótese deles de que os meios de comunicação podem atuar como “câmaras de eco” que reforçam as ideias pré-existentes dos indivíduos (CERON; MEMOLI, 2015).

A forma como os jornais enquadram as notícias também pode ter impacto na confiança. Quando os jornais enquadraram a campanha política como jogo estratégico, a confiança nos jornais e nos políticos foi enfraquecida (HOPMANN; SHEHATA; STRÖMBÄCK, 2015). Quando as notícias abordaram as falhas políticas, mesmo que de forma balanceada, provocaram níveis mais baixos de satisfação com a democracia – mas não de confiança no governo. Isto é, as pessoas apoiavam menos o sistema como um todo, porém isso não afetava o reconhecimento delas de um governo específico (CHRISTMANN et al., 2015).

Estudos observaram que quanto mais as pessoas liam o jornal, mais elas confiavam nesse meio (HOPMANN; SHEHATA; STRÖMBÄCK, 2015; TSFATI; ARIELY, 2014). Além disso, entre os leitores mais velhos, a falta de confiança em instituições públicas promoveu a ação cívica (SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

5.2.1.3 Rede Social

Pelas contribuições discutidas, é possível argumentar que os jornais atuam como fonte de informação e disseminação de símbolos que aproximam as pessoas para cooperar por meio de associações formais e vínculos informais.

De acordo com Hess (2013, 2015), os meios de comunicação estariam em uma posição de poder ao ter a capacidade de produzir capital social e também controlar o fluxo de informação. Para ela, essa produção ocorre quando os meios promovem a ideia de comunidade e conectam as pessoas em redes sociais horizontais e verticais.

Trabalhos empíricos constataram que o uso de jornal relacionou-se positivamente com os laços sociais. Isso foi verdade para pessoas de

etnias similares e diferentes, mas não para a amizade entre jovens e adultos (BEAUDOIN, 2007, 2009, 2011a, 2011b; BEAUDOIN; THORSON, 2004, 2006; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

Também foi observado que pessoas com redes de contato maiores e que prestavam mais atenção às notícias tiveram maior participação cívica (ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011).

5.2.1.4 Participação Cívica e Política

A principal ideia que liga o consumo de jornal a efeitos benéficos da vida cívica é a teoria do engajamento cognitivo. Essa teoria argumenta que a motivação e o acesso à informação e educação mobilizam os cidadãos de maneira cognitiva e comportamental (LIVINGSTONE; MARKHAM, 2008; NEWTON, 1999).

Pelo aspecto cognitivo, pesquisadores observaram que os leitores de jornal tiveram níveis mais altos de interesse e conhecimento político e eficácia interna (ARENDDT; BRANTNER, 2015; CHAN; LEE, 2014; HAYES, LAWLESS, 2015; MOELLER et al., 2014; NEWTON, 1999; PASEK et al., 2006). Porém, mais do que o consumo habitual de jornal, as pessoas que sentiam um dever em acompanhar as notícias tiveram maior interesse na política (LIVINGSTONE; MARKHAM, 2008).

Pelo aspecto comportamental, os leitores de jornal foram mais propensos a participar cívica e politicamente. Principalmente nas formas mais tradicionais, como assinar petição, participar de passeata, encontrar-se com pessoas da comunidade, fazer parte de organizações públicas e voluntariar (BAKKER; VREESE, 2011; BEAUDOIN; THORSON, 2004, 2006; KANG; KWAK, 2003; KIM, 2009; NAMKOONG; FUNG; SCHEUFELE, 2012).

Aliás, nos países subsaarianos, o investimento em prensas no século 19 provocou efeitos na ação cívica na atualidade. As pessoas que moravam próximas de onde no passado havia existido uma missão protestante com uma prensa participavam mais em passeatas (CAGÉ; RUEDA, 2016).

Especificamente sobre votação, os resultados indicaram sistematicamente que o consumo de jornal foi associado ao comparecimento às urnas. Além disso, cidadãos que tiveram uma maior diversidade de interesses sobre questões públicas foram mais propensos a votar (ARENDDT; BRANTNER, 2015; BEAUDOIN; THORSON, 2004; CHAN; LEE, 2014; GENTZKOW; SHAPIRO; SINKINSON, 2011; HAYES; LAWLESS, 2015; LIVINGSTONE; MARKHAM, 2008; MATOS, 2009).

O efeito do jornal sobre a eleição presidencial norte-americana enfraqueceu entre os anos de 1869 e 2004, mas não sobre a eleição no Congresso. Essa relação forte permaneceu mesmo com a introdução do rádio e da televisão. Além disso, em mercado sem nenhuma fonte de informação, a entrada do primeiro jornal teve um efeito amplo sobre a votação (GENTZKOW; SHAPIRO; SINKINSON, 2011).

A importância do jornal local também foi percebida por Hayes e Lawless (2015), que mostraram que os cidadãos expostos a um baixo volume de cobertura política tiveram menos conhecimento sobre os políticos e candidatos ao Congresso e foram menos propensos a votar. Esses achados sustentaram o embasamento teórico deles de que as informações sobre a política local norte-americana dependem dos jornais locais.

Assim, o fechamento de impressos locais pode significar a perda de uma voz poderosa para a democracia (HESS, 2015). Consistente com esse ponto de vista, Shaker (2014) constatou que o fechamento de dois jornais locais nas cidades norte-americanas de Denver e Seattle, em 2009, provocou a queda de participação nas duas dimensões estudadas aqui.

Finalmente, o último aspecto abordado da participação cívica é sua relação com a comunicação. Pesquisas anteriores constataram que as pessoas que conversavam com mais frequência sobre assuntos que elas acompanhavam foram mais propensas a ter mais interesse na política e participar da vida em comunidade (HO et al., 2011; LIVINGSTONE; MARKHAM, 2008; ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011).

No livro *Capital Social e Comunicação*, Matos (2009) argumentou que a comunicação tem um papel importante na formação de capital social. As discussões interpessoais voltadas para o desenvolvimento de capital social devem estar comprometidas com o interesse coletivo e o benefício público. Nesse sentido, o jornal tem o potencial de prover informações que complementem as discussões cívicas.

Como muitas vezes essa troca de ideias engloba pontos de vista conflitantes, alguns pesquisadores investigaram a importância de valorizar a opinião do interlocutor. Eles constataram que os adolescentes que eram leitores de jornal se engajavam em conversas com pessoas de opinião diferente, mas não percebiam o valor delas (BORAH et al., 2013).

5.2.2 Modelo de exposição seletiva

Apesar de a maioria dos estudos recuperados ter adotado o modelo de efeitos, existe outra perspectiva teórica que afirma que as pessoas escolhem o conteúdo que vão consumir e prestar atenção, chamada de exposição seletiva. Em um estudo comparativo, Beaudoin (2007) encontrou apoio somente para o modelo de efeitos.

No entanto, outras investigações encontraram apoio para o modelo de exposição seletiva ao se utilizarem da teoria do uso e gratificações. De acordo com essa teoria, as pessoas consomem um meio ou conteúdo porque esperam ganhar algo em troca – como consumir notícias para obter informação e programas de entretenimento para divertir-se. De maneira geral, os dados apoiaram essa teoria ao mostrar que as pessoas com necessidades informativas mais elevadas usaram uma combinação dos meios de comunicação, não importando qual era sua fonte principal de informação (RIMAL; CHUNG; DHUNGANA, 2015; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

5.3 DISCUSSÕES E CONCLUSÃO

Ao final do capítulo anterior, o cenário mais abrangente apontado por pesquisadores foi de que as forças econômicas e tecnológicas haviam provocado consequências para o produto, mesmo que pesquisadores não tenham percebido um padrão na deterioração da qualidade das notícias ou na diminuição das matérias investigativas. A partir dos artigos que avaliaram as interpretações dos jornalistas sobre a crise, perguntamos o que aconteceria quando o jornal impresso deixasse de cumprir suas funções informativa e interpretativa.

Por isso, a princípio, buscávamos entender os efeitos da crise dos jornais impressos sobre o desenvolvimento de capital social. Porém, nenhum dos artigos recuperados abordou especificamente esse tema. Apenas o texto de Lee Shaker (“*Dead Newspapers and Citizens’ Civic Engagement*”, de 2014) se aproximou dessa proposta ao identificar que o fechamento de jornais diminuiu a participação cívica.

Diante dessa lacuna, esse capítulo iniciou com duas propostas. A primeira foi estabelecer um marco do que consiste o capital social frente a tantas definições teóricas e medições operacionais. A segunda foi mapear como o jornal impresso pode ajudar na construção desse ativo pelas suas funções informativa e simbólica.

De forma sucinta, nós afirmamos que o capital social é um ativo intangível desenvolvido por meio da cooperação entre as pessoas para

atingir objetivos e superar problemas coletivos – como ter cidades mais seguras. Ele é resultado da soma de recursos atuais ou potenciais disponíveis por meio das relações sociais.

A partir do exposto no capítulo, evidenciou-se o potencial do jornal impresso para influenciar todos os quatro indicadores que evidenciam a presença de capital social. Pela sua função primária de fornecer informação, os jornais suprem as necessidades das pessoas de saberem os fatos. Pela sua função secundária de disseminar símbolos, eles aproximam as pessoas em torno de uma identidade em comum.

Em nossa perspectiva, por conseguir entregar o mesmo conteúdo para sua audiência, o jornal possibilita a disseminação das normas de maneira uniforme, inclusive as que orientam para a ação cooperativa. Ele pode auxiliar na internalização dessas regras sociais ao disseminar mensagens repetidas sobre a adequação ou não de um comportamento, ao servir de fonte para as conversas e ao dar ênfase à recompensa pelo bom comportamento e à punição pelo mal. Ao transmitir as normas dessa maneira, o jornal motiva o sentimento de confiança de que todos conhecem as regras e são punidos por transgredi-las.

Pesquisas empíricas discutiram a função das normas a partir da investigação de como a percepção sobre as representações nos meios de comunicação influenciava o comportamento das pessoas (BEAUDOIN, 2011b) e como o jornal influenciava a desconstrução de estigmas por meio das informações que disponibilizava (RIMAL; CHUNG; DHUNGANA, 2015).

Em relação à confiança, leitores de jornal tiveram uma relação positiva com a confiança interpessoal e na comunidade (BEAUDOIN, 2007; BEAUDOIN; THORSON, 2004; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001; TSFATI; ARIELY, 2014). Por sua vez, a confiança estava relacionada a ações cívicas, como votação e voluntariado (BEAUDOIN; THORSON, 2004).

O consumo de jornal também estava associado a maior confiança no governo, nas instituições públicas e nos políticos (CABELKOVA; HEJLOVA; STRIELKOWSKI, 2015; MARTIN, 2011; NEWTON, 1999; WU, 2014). Porém, a confiança no governo foi diminuída quando os jornais tiveram posição ideológica contrária a do governo em exercício (CERON; MEMOLI, 2015).

À medida que aumentava a leitura de jornal, crescia a confiança delas nesse meio. Como sugerido por Tsfati e Ariely (2014), isso ocorreu porque parte da mensagem transmitida pelos jornais é de que eles são confiáveis. Porém, propomos uma explicação complementar de que o uso contínuo do jornal sensibiliza os leitores sobre o potencial e

limitações desse meio. Dessa forma, a experiência acumulada no longo prazo promove a confiança no jornal e nas notícias veiculadas por ele.

O jornal, como discutido no capítulo, influenciou positivamente as redes sociais. Nós teorizamos que esse efeito está relacionado com as funções informativa e simbólica. Tomando como base o apresentado por Hess (2013, 2015), é possível esperar que os impressos exerçam ambas as funções quando aproximam as pessoas para cooperarem em objetivos em comum. Nesse caso, eles fornecem informações e promovem a identidade compartilhada que favorecem a adesão do leitor a associações formais e o estabelecimento de vínculos informais.

O último indicador de presença de capital social abordado nesse capítulo foi a participação cívica e política. Isto é, tomar parte em atividades para tornar a comunidade um lugar melhor e em ações focadas para influenciar as decisões do governo (MATOS, 2009). Essas ações de caráter cívico e político aumentam a probabilidade de cooperação entre os indivíduos, de acordo com Putnam (2005).

Em resumo, acadêmicos constataram que as pessoas que tinham maior interesse e conhecimento político, se sentiam mais eficazes, faziam parte de associações e conversavam com mais frequência sobre as questões que elas se informavam foram mais propensas a participar da vida cívica e política de sua comunidade.

Conforme vários estudos mostraram, os leitores de jornal foram mais propensos a participar cívica e politicamente. Eles apresentaram níveis mais altos de interesse em e conhecimento de política, além de se sentirem mais eficazes e comparecem às urnas.

A conclusão a partir do exposto neste capítulo é de que as pessoas leem o jornal porque confiam e se identificam com o conteúdo em algum grau. A experiência contínua favorece a aceitação das normas e sanções veiculadas pelo jornal. O impacto do jornal sobre essas normas e sanções deve ser mais forte nas comunidades menores, em que a publicação faz parte da rotina das pessoas de forma mais íntima.

Ao veicular essas normas e sanções de maneira padronizada, o jornal cria um ambiente favorável para a confiança social. Afinal, as pessoas confiam que as pessoas conhecem e respeitam as regras e que os transgressores são punidos. Pela dimensão política, o jornal atua como um vidro – como sugerido por Ceron e Memoli (2015) – pelo qual é possível observar e avaliar a atuação dos governos, instituições públicas e políticos.

Pela dimensão das redes sociais, tomando como base as reflexões de Hess (2013, 2015), o jornal tem a capacidade de nutrir as relações

entre as pessoas ao disseminar informações e símbolos que fortalecem vínculos e facilitam a adesão a grupos comunitários e políticos.

Por último, o jornal promove a participação cívica e política ao fornecer informação que consolida o conhecimento e a formação crítica. Ao dar voz para as pessoas e as necessidades da comunidade, ele pode atuar como amplificador e promover um círculo virtuoso. De forma que quanto mais o jornal informa e dá voz a sua comunidade, mais os cidadãos participam e reconhecem a relevância do jornal.

Os achados, portanto, indicaram a importância do jornal impresso para o desenvolvimento de todos os quatro indicadores associados ao capital social.

No próximo capítulo, vamos explorar o conteúdo das entrevistas com especialistas e aprofundar a análise estabelecendo um diálogo das entrevistas com os achados na literatura.

6 A CRISE DOS JORNAIS IMPRESSOS E O CAPITAL SOCIAL

O cenário estabelecido até aqui mostrou que mudanças econômicas e tecnológicas afetaram o jornal. Ao mesmo tempo, a leitura desse meio estava ligada ao desenvolvimento de capital social por meio de seus indicadores. Por isso, o propósito deste capítulo é relacionar a crise dos jornais impressos com o capital social.

Iniciamos com o quadro de categorias que emergiram dos relatos dos entrevistados. Em seguida, são apresentados esses achados organizados por ordem de aparição no quadro.

Quadro 10 – Categorias, subcategorias, propriedades e dimensões dos relatos das entrevistas (continua)

Categoria	Subcategoria	Propriedades	Dimensões
Transformações no produto	Forças econômicas	Explicita aspectos econômicos conjunturais e estruturais que afetam o produto	Queda e migração da publicidade Custos de produção do impresso Queda de circulação Crise econômica no Brasil Desenvolvimento do capitalismo
	Forças tecnológicas	Explora como a internet compete com a entrega de notícias imediatas e as mudanças que isso acarreta para o jornalista	Ubiquidade das notícias Competição pela notícia imediata Investimento na análise e curadoria de informação Mudanças na mentalidade e nas habilidades profissionais

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quadro 11 – Categorias, subcategorias, propriedades e dimensões dos relatos das entrevistas (continuação)

Categoria	Subcategoria	Propriedades	Dimensões
Transformações no produto	Forças ideológicas	Indica as pressões exercidas na ideologia da profissão	Compromisso com serviço público, ética, imediatismo, verdade e imparcialidade
Transformações nas relações com o Estado	Relação de mediação	Indica a atuação do jornal como mediador entre o Estado e os cidadãos	Divulgação dos atos do Estado Necessidade de alcançar o cidadão sem mediação Visibilidade às demandas do cidadão
	Regulação e liberdade de imprensa	Discute a função do Estado em regular o jornal	Responsabilidade da regulação Garantia da liberdade de imprensa
	Dependência financeira e ideológica	Explora as diferentes dimensões da noção de independência	Dependência da publicidade estatal Ideologia comprometida por interesses políticos e do mercado
	Garantia da existência dos jornais	Debate o papel do Estado para a existência da imprensa	Garantia da existência e pluralidade de vozes
Transformações nas relações com os leitores	Consequências para a sociedade	Evidencia como as transformações nos jornais impressos afetam os indivíduos	Fechamento de jornais Concentração de propriedade dos meios

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quadro 12 – Categorias, subcategorias, propriedades e dimensões dos relatos das entrevistas (continuação)

Categoria	Subcategoria	Propriedades	Dimensões
Transformações nas relações com os leitores	Consequências para a sociedade	Evidencia como as transformações nos jornais impressos afetam os indivíduos	Livre trânsito para mentiras Queda na qualidade da informação Mudança na paisagem urbana Alteração do hábito de leitura
	Relação de consumo	Explicita os motivos que influenciam a leitura de jornal	Fator da idade e do hábito Fisicalidade do objeto Tipos de leitores
	Relação de identificação	Explora os aspectos que favorecem o compartilhamento de identidade	Fortalecimento da identidade compartilhada Criação de identificação com o jornal
	Relação de confiança	Discute o papel da confiança como bem e como processo	Confiança nas informações Construção de confiança no jornal
	Relação de troca com o jornal	Explicita como o jornal e os leitores se comunicam por uma perspectiva tradicional e como podem constituir uma relação inovadora	Comunicação reativa e proativa Meios de contato tradicionais

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quadro 13 – Categorias, subcategorias, propriedades e dimensões dos relatos das entrevistas (conclusão)

Categoria	Subcategoria	Propriedades	Dimensões
Transformações nas relações com os leitores	Relação de troca com o jornal	Explícita como o jornal e os leitores se comunicam por uma perspectiva tradicional e como podem constituir uma relação inovadora	Relação de parceria e mútua influência Conexão entre as bolhas
	Fomento à cooperação	Salienta as possibilidades de o jornal favorecer a cooperação	Troca de informações Estímulo à cooperação Campanhas e eventos institucionais

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

6.1 TRANSFORMAÇÕES NO PRODUTO

Os entrevistados evidenciaram as transformações no produto em decorrência de forças econômicas, tecnológicas e ideológicas. Eles ressaltaram aspectos conjunturais e estruturais da economia, os desafios impostos pela internet e como o contexto altera o compromisso dos jornalistas com as ideologias da profissão.

6.1.1 Forças econômicas

A queda de receita publicitária foi umas das forças econômicas mais citadas pelos entrevistados. Como muitos impressos são financiados por publicidade, o enfraquecimento da seção de classificados (E3, E6) e a migração de anúncios para ambientes digitais (E1, E3, E4, E5) tiveram um impacto direto na força dessas empresas (E3), acompanhado pelo fechamento de títulos e demissão de jornalistas (E1, E4, E5).

Por sua vez, a publicidade na internet é mais barata (E4). Estima-se que cada dólar ganho pelo jornal com a publicidade digital significou a perda de pelo menos US\$ 7 no campo analógico (E3). Além disso,

existe um problema com a concentração das receitas geradas na internet entre as empresas *Google* e *Facebook* (E3).

Na visão de E3, o custo de produção do jornal impresso é insano e a publicidade subsidiava essas despesas:

Ele tem um custo muito alto. Tem um sujeito que vai à Noruega, bota uma semente, planta uma árvore, faz um pinheiro, corta aquele pinheiro, leva para formar celulose, vira uma pasta de papel, forma papel, coloca em bobina, bota dentro de um navio, atravessa o Atlântico, desembarca num porto, tira aquelas bobinas, leva aquelas bobinas no caminhão, bota no caminhão até o jornal, o jornal passa uma tinta preta ou colorida, picota aquela bobina e leva até o ponto final de cada casa (E3).

Por conta do custo de produção caro (E4, E6), principalmente quando comparado com a internet, alguns jornais impressos estão progressivamente transformando suas edições impressas para digitais (E3). No entanto, E4 alertou que apenas os grandes jornais estão sendo bem sucedidos em fazer essa transição para a internet.

Além das dificuldades impostas pela publicidade e tecnologia, somam-se ao contexto econômico a queda de circulação no mundo (E5, E6) e a crise econômica no Brasil (E1).

Por uma dimensão estrutural, E2 indicou que essas mudanças estão relacionadas ao desenvolvimento do capitalismo, que expõe questões como a flexibilização do capital e das relações de trabalho. “Como a gente tem um capitalismo em grande transformação, a gente vive numa fase de conflito de estabelecimento de quais são as relações que de fato vão ou sustentar ou explicar o funcionamento da mídia. A gente vive um momento de muita dúvida.”

6.1.2 Forças tecnológicas

As mudanças tecnológicas tiveram reflexo na presença da notícia na vida das pessoas, o que aumentou a competição pela notícia imediata, mas trouxe possibilidades de mudança na notícia que é entregue pelos jornais impressos. Porém, E2 sugeriu cautela ao relacionar o desenvolvimento da internet comercial e a crise dos jornais impressos por meio de uma ligação de causa e consequência, pois é difícil saber qual fenômeno ocorreu primeiro.

O contexto percebido pelos entrevistados foi de que a internet e as mídias sociais tornaram as notícias ubíquas (E4) e o jornal um produto facilmente perecível (E3). Com isso, os jornais perderam progressivamente espaço para dar as notícias imediatas (E4) e relevância informativa para a comunidade (E5).

Por isso, os entrevistados defenderam que existe uma grande competição entre as notícias que estão nos impressos e na internet (E1, E2, E4). Essa competição se traduz em uma superficialidade das notícias impressas para tentar concorrer com as mídias sociais e eletrônicas (E1) ou em tentativas sucessivas de inovação sem que seja possível estabelecer uma comunidade de leitores vinculada a qualquer um dos formatos testados (E2).

Para se diferenciar do conteúdo da internet, os entrevistados sugeriram que os jornais podem investir na qualidade do jornalismo (E1) e trabalhar as informações de uma maneira mais analítica (E1, E4, E5, E6).

Essa busca por um tratamento aprofundado dialoga com a percepção de E5 de que as notícias têm a tendência de se tornarem cada vez mais um fator gerador de conhecimento e deixarem de ser uma commodity, um produto que as pessoas compram e consomem.

Outro caminho de diferenciação seria os jornais investirem na curadoria de informação (E3). Ao contrário da internet, na qual é possível navegar dias à deriva, o jornal pode gerir o tempo do leitor de uma maneira eficaz ao oferecer um pacote de informações selecionadas por uma equipe profissional, técnica e independente (E3). Para E5, porém, o jornalista do impresso não seria capaz de atuar desse modo, pois ele é um empacotador do material que recebe.

A mudança na produção de notícias implica em uma mudança nas habilidades dos jornalistas. Ela gera uma demanda para o profissional buscar especializações em determinados temas (E5, E6) e aprofundar a sua cultura (E5, E6). “O caráter analítico dos jornalistas também vai ter que ser fundamentalmente determinado pelo conhecimento que ele tem. Ele vai ter que ser um profissional que tem muito mais cultura geral e específica” (E5).

Além disso, E6 sustentou que a linguagem usada também passará por transformação, pois a rapidez de produção da notícia imediata exige simplificação do texto, enquanto a notícia analítica permite investir nas sutilezas de sentido entre as palavras. “O que acontece com o jornalismo atual é que ele tende a ser cada vez mais sofisticado em termos de linguagem. Ele tende a ser cada vez mais científico e cada vez mais literário.”. Por isso, também tende a ser menos acessível no geral (E6).

Na perspectiva de E5, não apenas os jornalistas irão recorrer à especialização, mas os próprios jornais. Para o entrevistado, a tendência é os grandes jornais se especializarem em assuntos nacionais e globais, enquanto os pequenos jornais se voltarão cada vez mais para os acontecimentos locais e hiperlocais – o que E6 chamou de “questões de vizinhança”. Em decorrência desses dois movimentos, os jornais regionais perderão espaço conforme os jornais pequenos se consolidarem em suas próprias comunidades, formando uma “constelação de jornais locais trabalhando cada um em cima de sua realidade específica” (E5).

6.1.3 Forças ideológicas

Os relatos evidenciaram que as mudanças econômicas e tecnológicas pressionam a ideologia profissional do jornalista. Entrevistados perceberam mudança nas noções de serviço público, ética, imediatismo, verdade e imparcialidade.

De acordo com a perspectiva de E2, a imprensa livre tem a função de divulgar as questões que são de interesse público. Isto é, as informações sobre a vida política e sobre como a economia é conduzida e as políticas públicas concebidas. Porém, E2 também reconheceu a dificuldade de identificar essa imprensa livre do mercado e poderes políticos.

No contexto brasileiro, E1 criticou a atuação política dos grandes jornais brasileiros em relação aos governos. Na visão do entrevistado, ao invés de os jornalistas fazerem defesa ou oposição ao governo, eles deveriam ter uma atuação ética. Isso significaria fornecer elementos para que o cidadão possa avaliar por si próprio se aquele governo é ou não bom.

Para E5, a produção de notícias analíticas, identificadas na seção anterior, também força a mudança da mentalidade de imediatismo informativo. Com a concorrência na internet, esse imediatismo perde sentido, de acordo com o entrevistado.

O compromisso dos jornais com a verdade enfrenta dois desafios. O primeiro desafio, apontado por E5, diz respeito ao entendimento de que a informação não pode ser considerada pura, já que passa por um tratamento e está sujeita a uma série de circunstâncias. Por isso, as notícias não devem ser tomadas como verdade absoluta e os jornalistas devem proporcionar a contextualização para que elas possam ser avaliadas pelo leitor.

O segundo desafio, apontado por E1 e E3, está em facilitar para os leitores a identificação entre acontecimento e notícia falsa. Para E3, isso se tornou especialmente relevante em um contexto em que as pessoas convivem diariamente com notícias falsas compartilhadas por meio da internet.

A grande armadilha das *fake news* é que eu recebo aquele conteúdo endossado por alguém em quem eu confio: pai, meu irmão, filho, amigo, colega de trabalho... Ela vem com um endosso de confiança embora seja absolutamente falsa ou distorcida em sua origem. Então, cria esse conflito. Eu não estou recebendo de um desconhecido essa informação, estou recebendo de uma pessoa que gosta de mim, que não tem nenhuma razão para querer me iludir, me enganar. A não ser o fato de ela ter sido enganada por alguém já. E ela acredita que aquela informação que ela está passando é verdadeira. Esse fenômeno do compartilhamento ele é realmente uma grande armadilha para a difusão da desinformação (E3).

Para três entrevistados (E1, E4, E5), a imparcialidade política não existe nos meios de comunicação em geral. Conforme explicou E5, diante do aumento da quantidade e diversidade informativas, o compromisso com a atuação imparcial se tornou mais difícil. No passado, quando eram menos opções, os jornalistas poderiam tentar buscar essa isenção.

6.2 TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES COM O ESTADO

Os relatos destacaram a relação de interdependência existente entre os jornais e o Estado. Por um lado, os jornais assumiram uma posição de mediação entre o Estado e a população. Por outro, a publicidade estatal promoveu a dependência dos jornais. Além disso, discutiu-se o papel do Estado em regular a mídia e garantir a liberdade de imprensa. Por fim, entrevistados alertaram que o fechamento de jornais provoca danos à democracia.

6.2.1 Relação de mediação

Por um lado, o Estado precisa dos jornais para divulgar seus atos, porque ele não consegue entregar diretamente muitas das informações de interesse público para a sociedade (E2, E4). Por outro lado, E2 argumentou que a imprensa tem um papel de dar visibilidade às demandas do cidadão. Ou seja, ela liga o cidadão comum às esferas de poder, nas quais as decisões são tomadas.

E2 sustentou que o Estado tem de encontrar formas para criar um canal direto de comunicação com os cidadãos. Para isso, os entrevistados indicaram duas maneiras: investir especificamente na publicidade de serviço público, como divulgar as consultas públicas disponíveis (E2), e fortalecer as mídias públicas (E1).

6.2.2 Regulação e liberdade de imprensa

Os entrevistados discutiram a responsabilidade do Estado na regulação dos meios de comunicação (E1, E3, E4). Para E1, em comparação com outros setores, existe uma falta de regulação para os meios de comunicação no Brasil. Em seu entendimento, eles “agem livremente sem qualquer tipo de obrigação social e isso é prejudicial para a democracia” (E1). No entanto, E3 alertou que o Estado não deve usar o sistema de leis e afins para perseguir jornalistas ou veículos de comunicação.

Em democracias, os governos e os governantes deveriam ser comprometidos com garantir a liberdade de imprensa (E1, E2, E3) e respeitar a opinião divergente, mesmo quando não concordam com elas (E3). Segundo E1 e E2, o governo não poderia fazer a interferência que muitas vezes faz.

6.2.3 Dependência financeira e ideológica

De acordo com o relato de E4, a publicidade estatal é um componente importante da vida financeira dos jornais no Brasil. Ela criou uma forte relação de dependência, de tal forma que sem ela muitos jornais fechariam. O Estado ainda fornece outros incentivos por meio das isenções fiscais e das compras de exemplares para disponibilizar nos prédios públicos. “É uma relação que tem consequências para a democracia e para o debate público” (E4).

Nesse cenário de mudanças, existe uma dificuldade de estabelecer qual é o papel de uma imprensa livre em um governo

democrático, pois ela está ideologicamente contaminada por interesses do mercado e do poder político, de acordo com E2 e E5. A perda de autonomia se tornou mais complexa em um contexto de recursos mais esparsos (E2).

Mais do que ser dependente desses agentes, E6 argumentou que os grandes jornais, em todo o mundo, atuam para “manter um sistema político a serviço de grupos econômicos muito fortes”. Diante dessa estrutura de poder mundial, chamada de globalização, os jornalistas não são livres para publicar qualquer coisa como as pessoas são na internet (E6).

6.2.4 Garantia da existência dos jornais

O fechamento de jornais gera impactos para a democracia (E3, E4). Enquanto para E4 significava menos debate público e diversidade de opinião, para E3 representava uma “erosão da vigilância da sociedade sobre os poderes públicos de uma forma geral”.

E2 defendeu que, se os jornais são importantes para o funcionamento da democracia, o Estado deve viabilizar meios para a existência da imprensa em países onde ela está ameaçada. Em situações normais, E4 acrescentou que o Estado poderia fomentar a pluralização de atores midiáticos.

6.3 TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES COM OS LEITORES

Entrevistados destacaram os efeitos das transformações no produto e traçaram um perfil das pessoas que ainda leem notícias impressas. Em algumas situações, esse consumo promove uma relação de identificação com o jornal e com outros leitores. Em outras, o jornal proporciona um diferencial ao oferecer a confiança na informação acurada como um bem.

Embora existam diversos canais de comunicação com os jornais, alguns entrevistados criticaram a limitação de como essa interatividade ocorre na prática. Entretanto, a tendência apontada é de que os jornalistas se comunicarão cada vez mais com seus leitores, criando caminho para obter críticas e sugestões e se juntarem em torno de interesses em comum. Ao analisar como a relação com o jornal pode fomentar a cooperação, o quadro traçado é de que o jornal tem potencial para desenvolver ações nesse sentido, mas que ainda não o faz.

6.3.1 Consequências para a sociedade

Os entrevistados E4 e E5 destacaram a existência de um processo recursivo que se inicia com a queda de receita nos jornais. Essa diminuição de receita provoca cortes de funcionários, editorias e coberturas nas redações. Com menos pessoas trabalhando e acumulando funções, as notícias têm menos qualidade e profundidade. Essa piora na qualidade diminui o poder de atração dos jornais – o que nos faz voltar à queda na receita.

Sejam vistos como processos correlacionados ou recursivos, dois entrevistados expuseram pontos de vista extremos quanto às consequências dessa crise dos jornais para a sociedade. O entrevistado E5 foi categórico ao afirmar que não existem, porque as pessoas migraram para a internet. Porém, E1 alertou justamente para o fato de que, mesmo que as pessoas não consigam sentir, as consequências são graves.

Nos depoimentos dos entrevistados que identificaram consequências, uma das mais citadas disse respeito ao fechamento de jornais, com a diminuição da pluralidade de fontes de informação disponíveis para a sociedade (E1, E3, E4). Essas respostas também foram exprimidas por meio de metáforas como a perda de um olhar ou de uma voz.

A situação específica do Brasil foi lembrada por dois entrevistados que chamaram atenção para a possibilidade de se intensificar a concentração de propriedade dos meios de comunicação (E1, E4). No caso dos pequenos municípios, ao perderem os jornais locais “aquelas comunidades ficam mais desassistidas de informação local ou até mesmo de outro olhar para além do olhar dos grandes conglomerados.” (E4).

Além disso, o jornalismo atua como uma barreira contra as mentiras e o fechamento de jornais significaria a facilidade de trânsito para elas (E3). “Se eu não tenho mais nenhuma barreira de contenção, as informações mentirosas vão transitar ainda de uma forma completamente livre e sem nenhuma contestação” (E3).

Para E1 e E2, a dificuldade de identificar fontes confiáveis é real, ainda mais com a convivência com a pós-verdade – “um jeito bom de dizer mentira” (E2):

Acho que dá para apontar alguns movimentos que estão correlacionados, como a nossa dificuldade em identificar a verdade, a nossa dificuldade em ponderar uma notícia equilibrada, a nossa dificuldade em confiar numa imprensa e no que ela está trazendo; porque a gente não identifica mais uma imprensa livre de todos esses poderes [políticos e econômicos] e ao mesmo tempo ter que conviver com a pós-verdade que circula na internet (E2).

Outro efeito apontado pelos entrevistados foi com relação à queda na qualidade da informação (E1, E2, E3, E4). Para E1, a imprensa confunde seus leitores ao divulgar informações superficiais, às vezes sem apuração e que faz uso do entretenimento.

Segundo E4, a queda na qualidade ocorre porque os jornalistas se sentem mais pressionados com a diminuição de vagas de trabalho disponíveis. Com isso, eles ficam mais sujeitos a falhas éticas ou ao publiteditorial – também chamado de informe publicitário. “Você vai afrouxando aos poucos os critérios do que é notícia, de quanto o departamento comercial influencia... Isso ao longo do tempo vai piorando a qualidade do jornalismo que é produzido.”

Na visão de E1 essa flexibilização é decorrência da “juvenilização” das redações. Isto é, o aumento da rotatividade de mão de obra com demissão de jornalistas mais experientes e a admissão de jornalistas mais jovens para diminuir os custos com salários. De acordo com o entrevistado, “as pessoas sem experiência, sem segurança e sem formação política são mais flexíveis em sua atuação profissional e isso reflete na qualidade do produto”.

Por fim, outras duas consequências foram ressaltadas pelo entrevistado E6. A primeira foi a mudança na paisagem urbana com a diminuição de bancas, que já foram consideradas pontos de referência e hoje quase não existem mais no Brasil. A segunda, foi a mudança nos hábitos de leitura, pois as pessoas liam o jornal diariamente.

6.3.2 Relação de consumo

A idade foi mencionada como um dos principais motivos para as pessoas consumirem jornal. Para E5, as pessoas acima de 50 anos consomem por um hábito. E4 acrescentou à idade a preferência pela experiência tátil oferecida na leitura.

A fisicalidade também foi citada por outro entrevistado, que observou ainda que algumas pessoas leem jornal por terem se adaptado à leitura imersiva (E3).

Por uma perspectiva cultural, duas falas destacaram a reação psicológica que as pessoas têm com a informação em seu formato impresso (E1, E3). “A pessoa tem na mão uma prova do fato que ela está analisando, um documento que pode ser guardado para a posteridade. Isso dá segurança para as pessoas.” (E1).

E2 distinguiu entre o leitor mais e menos politizado para explicar o que cada público busca nas páginas do jornal. Em sua opinião, o cidadão mais politizado – independentemente do nível de escolaridade dele – consome jornal porque consegue se informar sobre as questões políticas em geral. Conforme aumenta o nível de escolaridade do indivíduo, a tendência é ele ler mais informação analítica e os artigos de opinião como maneira de se informar e consolidar sua opinião sobre temas polêmicos.

Já o cidadão menos politizado tende a consumir informação mais próxima ao universo dele. Por isso, a imprensa local cumpre melhor essa função, porque além de informá-lo sobre essas questões específicas, proporciona a visibilidade social – “um papel importante, especialmente para as minorias” (E2).

6.3.3 Relação de identificação

De acordo com os relatos dos entrevistados (E2, E3, E4, E6), os jornais podem fortalecer a identidade compartilhada entre as pessoas quando elas têm em comum: interesses (como gostar de carros), características físicas (como a etnia ou gênero), identificação com uma ideologia (como preferência política), participação em um mesmo grupo (como os formadores de opinião) ou viver na mesma comunidade geográfica (como França).

Aliás, o hábito de consumir o mesmo jornal e a preferência manifestada por aquela publicação específica revelam como as pessoas se identificam em torno de uma maneira de consumir notícias (E2). Esses leitores podem ter posições políticas diferentes e discordarem entre si, mas o fato de lerem o mesmo jornal os une (E3).

Eles podem discordar veementemente, e discordam, sobre o mundo; mas a unificação, em um hábito, em uma mesma atitude, já é um fator de junção social. Eu acho que cria uma possibilidade colaborativa de buscar acordos, posições comuns que levem a determinadas soluções sociais (E3).

Especificamente sobre as comunidades geográficas, E2 observou que não existe apenas uma cultura uniforme, como a cultura francesa ou a gaúcha. Por isso, os jornais não seriam capazes de construir uma identidade compartilhada entre os leitores. Mas, essas publicações podem ajudar a consolidar essa identidade ao reunir elementos que são próprios de determinada região – como a história, folclore e as manifestações culturais – e “insistir numa forma de retratar esses elementos comuns” (E2).

Em regiões mais afastadas das grandes capitais, E2 e E4 reconheceram que os leitores criam uma identificação com o jornal local. “O morador de um pequeno município tem identidade com seu jornal, porque é um dos poucos veículos que ele tem à disposição que vai falar da cidade dele, da realidade dele, das notícias que acontecem onde ele vive.” (E4)

Porém, da mesma forma que se cria essa identificação, E4 afirmou que é possível perder esse sentimento com o veículo. Como exemplo, foi citado o caso de um jornal local que teve uma evasão de assinantes após ser vendido para empresários que não eram da cidade.

6.3.4 Relação de confiança

De acordo com E3, as pessoas consomem jornal porque confiam de que aquela informação é a mais próxima da realidade e não está baseada em outros interesses. No entanto, E4 argumentou que um indivíduo pode ler jornal não porque ele sinta confiança, mas sim porque é a única fonte de informação disponível.

Conforme explicou E3, a confiança sempre foi importante para a relação dos leitores com o jornal, mas atualmente se tornou um valor essencial – até mesmo para a convivência social. Isso porque a informação ficou mais sujeita à manipulação e distorção quando se transformou em algo de fácil acesso. Com isso, as notícias falsas ganharam outra proporção, como indicaram as votações no Brexit e no presidente norte-americano Donald Trump.

Nesse sentido, E2 refletiu sobre como a confiança, aliada à qualidade da informação, afeta o capital social:

O problema da qualidade da informação noticiada é grave e se a gente relacionar isso com capital social... É muito complicado tentar pensar em colaboração, em confiança – elementos do capital social –, se você não tem confiança na informação que circula e que deveria ser compartilhada por uma comunidade de interesses... [pois] em cima dessa informação essa comunidade traça seus objetivos e seus pontos em comum, seus pontos de colaboração (E2).

O processo de construção de confiança é marcado por concordâncias e discordâncias, mas o saldo final é positivo. Por isso, essa relação não é episódica e precisa de anos de experiência com aquela marca – às vezes, a confiança pode ser transmitida como um valor entre as gerações. Os jovens, por exemplo, desenvolveram essa relação com a internet (E3).

6.3.5 Relação de troca com o jornal

A partir dos relatos dos entrevistados, evidenciaram-se duas relações de troca com o jornal. Elas podem ser agrupadas em uma perspectiva tradicional e outra inovadora.

Por uma perspectiva tradicional, E2 diferenciou as duas direções em que se dá a comunicação com o jornal. A primeira é quando a imprensa procura o cidadão para dar visibilidade a uma demanda. Nesse caso, esse indivíduo assume um papel reativo, em que expressa sua opinião ou revela a realidade em que vive a partir da iniciativa do jornalista. A segunda é quando o cidadão assume um papel proativo e procura a imprensa para expressar suas demandas. De maneira geral, conseguir se fazer ouvir é mais difícil, ainda mais se esse indivíduo não estiver vinculado a órgãos, como uma associação.

Nesse sentido proativo, as principais maneiras de os leitores entrarem em contato com o jornal é por meio do espaço da carta dos leitores (E1), e-mails e telefonemas (E3) e o recurso quase extinto do *ombudsman*, que atua no jornal recebendo críticas e sugestões dos leitores (E1). E2 acrescentou as mídias sociais como facilitadoras desse diálogo.

E4 criticou a mentalidade dos editores que resumem essa relação de comunicação com o jornal em duas ações: ou o leitor se faz ouvir ou deixa de assinar o jornal. Para E4, os jornais devem envolver seus leitores em processos mais participativos para continuar existindo, como formar um conselho de leitores sem as pessoas serem indicadas apenas pelo próprio jornal.

E1 também criticou a postura de interatividade como a política de publicar conteúdo – como comentário ou foto – divulgado pelos leitores em seus perfis pessoais nas mídias sociais e de a produção de conteúdo pelo indivíduo ser considerada jornalismo. “O cidadão pode presenciar um fato, mas ele não está capacitado para fazer a intermediação para narrar esse fato para toda a sociedade. Esse é papel do jornalista”, concluiu.

Por uma perspectiva inovadora, dois entrevistados argumentaram que os jornalistas têm cada vez mais contato com seus leitores em um contexto com novas ferramentas tecnológicas e a porosidade dos canais de comunicação com os jornais (E3, E5). Se antes esse profissional tinha que se basear na sua visão e interpretação do que interessava ao público (E3), atualmente ele pode se organizar em comunidades de informação com seus leitores (E5).

Criar esse canal de relação com os leitores pode ajudar o jornalista a: obter informações e proporcionar mais diversidade na seleção de matérias (E3); ter “mais propriedade para atingir e chegar ao público” (E3); fidelizar a audiência (E5); e consolidar sua função profissional como especialista (E5).

Segundo E5, essas comunidades são formadas por quem têm uma relação identificação com o jornal ou com o jornalista. Esses leitores enviam críticas e sugestões para novas iniciativas, criando uma relação de parceria entre eles e de mútua influência. No entanto, E5 diferenciou como funcionam essas comunidades com o jornal online. Nesses casos, os leitores atuam não apenas com a colaboração de informações, mas também com o apoio financeiro, como pagamento de assinaturas. Para as pessoas aceitarem participar de uma comunidade nessas condições elas têm de ter um sentimento de pertencimento e parceria com o projeto.

Apesar desse dinamismo no ambiente online, o aumento na quantidade e diversidade de informações provocou a formação de grupos comunicantes uns com os outros, chamados de bolhas ou câmaras de eco (E3, E5). Esses grupos reúnem “as pessoas [que] vivem dentro de uma mesma linha de pensamento e expulsam as opiniões e os pensamentos dissidentes” (E3). Os jornais impressos também podem ser

considerados câmaras de eco, porém seriam de um tipo mais poroso (E3). Afinal, eles têm a pluralidade como um de seus valores, que é expressa por meio das diferenças de visões, posições e opiniões. Essa pluralidade permitiria ao jornal atuar como um espaço de troca entre essas bolhas ou câmaras de eco (E3).

6.3.6 Fomento à cooperação

O jornal informa as pessoas sobre os acontecimentos em sua comunidade e ajuda a formar o pensamento delas sobre essas questões (E1, E3). Esses temas abordados estimulam a troca de informações e opiniões dentro de uma comunidade (E3), mas para o entrevistado E5 esse estímulo à conversação é cada vez menor.

Para E3, o jornal não é uma ferramenta de solução em si e, sozinho, ele não é capaz de fazer uma transformação. Porém, ele pode favorecer elementos que levem à cooperação quando: aponta problemas; dá espaço para múltiplas vozes; ouve especialistas; explora os diferentes impactos da questão; busca soluções; indica bons exemplos dentro ou fora da cidade; etc. (E1, E2, E3, E4). Na visão de E2, isso ocorre quando ele deixa de ser apenas uma vitrine das polêmicas e assume uma função de mediação.

Idealmente, ao apresentar as questões dessas maneiras, a imprensa potencializaria a visibilidade dada às questões, criaria uma situação favorável para a intercompreensão entre os agentes envolvidos e até para a resolução dos problemas (E2, E4). Na realidade, porém, E4 argumentou que o enquadramento dado às notícias políticas cria uma desesperança e inibe a participação das pessoas na vida pública. Já E2 argumentou que esse papel mediador tem sido feito de uma maneira muito tradicional via matéria impressa ou eventos institucionais.

Os entrevistados lembraram campanhas temáticas publicadas em jornais brasileiros a respeito das leis de trânsito, duplicação de estradas, educação e segurança (E1, E2, E3, E4). Para E4, as que são escolhidas não são polêmicas e obedecem a consensos sociais.

Na perspectiva de dois entrevistados, os jornais não abordam as causas com conflitos de interesses (E4, E6). Os relatos indicaram que, embora algumas causas não sejam escolhidas por envolver interesses econômicos poderosos, como o mercado imobiliário, outras ignoradas envolvem apenas interesses locais conflitantes (E4, E6). No âmbito local, são questões que “não se chega nunca a um acordo e que sempre resulta em prejuízo para todo mundo” (E6).

6.4 DISCUSSÕES E CONCLUSÃO

Nesta seção, vamos traçar um panorama do objeto de pesquisa a partir dos achados da literatura, os relatos dos entrevistados e outras fontes de informação relevantes.

Ainda que o jornal não seja a fonte de informação mais importante para a sociedade, seu consumo foi sistematicamente associado aos indicadores que revelam a presença de capital social. Por isso, existe uma situação de alerta ao constatar-se que o fechamento de jornais provocou a diminuição da participação cívica e política (SHAKER, 2014).

Mesmo sem o fechamento de jornais, a percepção de que eles perderam o referencial informativo (E5) nos levou a observar como os jornais são pressionados a ocupar um novo espaço que não esteja pautado pela notícia imediata.

O cenário desenhado pelos entrevistados indicou as transformações no produto em decorrência de forças econômicas, tecnológicas e ideológicas. As forças econômicas estavam ligadas a três processos principais. O primeiro disse respeito à queda da receita publicitária, que no Brasil está relacionada principalmente a receita advinda dos classificados (E3, E6). Artigos da revisão de literatura também indicaram a perda de rendimentos publicitários em países como Estados Unidos e Espanha (PICARD, 2008; PRADO, 2015).

Como dissemos na introdução, o cenário desenhado pela *World Association of Newspapers and News Publishers* (WAN-IFRA) mostrou esse mesmo comportamento em quase todo o mundo. Entre os anos de 2014 e 2015, apenas na América Latina a publicidade cresceu modestamente. Nas outras regiões, registrou-se diminuição: na Austrália e Oceania, na Ásia e Pacífico, na América do Norte e na Europa.¹⁹

O segundo processo de mudança foi a migração da publicidade do impresso para os ambientes digitais (E1, E3, E4, E5), que veio acompanhada por uma concentração dos rendimentos entre algumas empresas (E3).

De acordo com o relatório anual da *Interactive Advertising Bureau* (IAB), conduzido pela *PricewaterhouseCoopers* (PWC), a receita de publicidade na internet nos Estados Unidos foi de US\$ 59,6 bilhões em todo o ano de 2015 – um crescimento de 20,4% em relação ao ano anterior. Especificamente sobre o último trimestre de 2015, o

¹⁹ Disponível em: <<http://www.wan-ifra.org/articles/2016/06/12/full-highlights-of-world-press-trends-2016-survey>>. Acesso em: 15 ago. 2016

rendimento foi de cerca de US\$ 17,4 bilhões. Desse montante, 75% estavam concentrados entre dez empresas.²⁰

Por fim, a queda da circulação de jornais (E5, E6) representou o terceiro indicativo de mudança econômica. Segundo o relatório da *WAN-IFRA*, discutido na introdução, a circulação diária cresceu apenas na Ásia em 2015 e diminuiu na América do Norte, América Latina, Oriente Médio e África, Europa e Austrália e Oceania.²¹

Pesquisadores observaram essa tendência ocorrer em países como a Austrália, Espanha e Estados Unidos entre o fim da década de 1980 e meados dos anos 1990 (CARSON, 2014; CASERO-RIPOLLÉS; IZQUIERDO-CASTILLO, 2013; CHYI; LEWIS; ZHENG, 2012).

Conforme indicado no capítulo 1, no Brasil também foi registrada a diminuição de circulação nos 25 maiores jornais auditados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC) em 2015.²²

Com a queda constante de publicidade nos impressos, o retorno menor nos anúncios em ambientes digitais e a circulação reduzida, a matemática se tornou cruel para os leitores. Afinal, o elevado custo de produção obriga o corte de gastos no produto ou a repassar os custos para o valor do exemplar. Assim, a qualidade das notícias pode ser afetada e os jornais se tornarem cada vez menos acessíveis para a população em geral.

As formas mais frequentes de cortar custos afetam diretamente o produto: demitir jornalistas, descontinuar a versão impressa, reduzir o número de páginas publicadas, etc. Outra forma menos divulgada, mas igualmente prejudicial, é integrar coberturas de editorias e às vezes redações inteiras de dois veículos de uma mesma empresa. Esse tipo de movimento diminui a riqueza de pontos de vista, ajudando a tornar a cobertura em algo mais homogêneo.

A percepção de que há uma queda na qualidade da informação (E1, E2, E3, E4) foi expressa pela proximidade com o departamento comercial (E4) e da substituição de profissionais mais experientes por novatos (E1).

O estudo de Ramírez de la Piscina et al. (2014) apresentou reflexões importantes em relação ao monitoramento da qualidade da

²⁰ Disponível em: <http://www.iab.com/wp-content/uploads/2016/04/IAB_Internet_Advertising_Revenue_Report_FY_2015-final.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

²¹ Idem ao item 18.

²² Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

notícia. Um dos pontos fortes do estudo foi medir a dimensão social dos jornais. Diante dos níveis baixos nesse indicador, os autores concluíram: “Todos os jornais analisados parecem ter esquecido a função social que historicamente se tem atribuído ao jornalismo como guardião dos interesses da cidadania” (p. 272).

Ainda sobre a qualidade da informação, Carson (2014) constatou que os jornais australianos não diminuíram a produção de matérias investigativas entre os anos de 1956 e 2011. Porém, para a autora, isso foi parcialmente explicado por iniciativas dos editores – o que, na nossa visão, não parece ser sustentável em longo prazo.

Sobre a proximidade entre os jornalistas e o departamento comercial, Busto Salinas (2013) verificou que os jornais não privilegiavam os releases que chegavam das empresas anunciantes do jornal. No entanto, há espaço para investigar como os jornais usam esse conteúdo e se há diferença no enquadramento quando o release é de um anunciante.

Dois pesquisas dialogam com o processo de “juvenilização” apontado por E1. A constatação de que os jornalistas mais novos apresentaram níveis maiores de esgotamento profissional nos Estados Unidos (REINARDY, 2011) e a situação dos jovens profissionais mal remunerados no Canadá (SALAMON, 2015) podem ser manifestações de um mesmo fenômeno. Afinal, é razoável esperar que os novatos se sintam inseguros em várias situações inéditas para eles e que sem a referência dos mais experientes se sintam mais estressados, estado intensificado pela polivalência e pelos salários menores.

De forma complementar, as forças tecnológicas incorporam mais desafios ao jornal impresso. A internet acirrou a competição pelas notícias imediatas (E1, E2, E4), além de oferecer conteúdo gratuito e aumentar a competitividade por publicidade (ACEITUNO-ACEITUNO et. al., 2014; CASERO-RIPOLLÉS; IZQUIERDO-CASTILLO, 2013).

Por nossa perspectiva, quanto mais os jornais alimentam seus sites e mídias sociais com conteúdo gratuito, mais eles consolidam a internet como uma fonte de informação e mais eles alimentam o que Casero-Ripollés e Izquierdo-Castillo (2013) chamaram de cultura da gratuidade. Ou seja, nutrem a própria situação que os desfavorece.

Mais exemplos de serviços que fazem os sites noticiosos perderem dinheiro são os agregadores de notícias e os motores de busca (LARRAÑAGA RUBIO, 2011). A reunião de notícias em um *feed* permite que a leitura de um site seja feita em outro ambiente. Além disso, serviços como o *Google Notícias* permitem acessar sites que

oferecem conteúdos similares ou idênticos e não tenham sistemas de cobrança como o *paywall*.

Lage (2011) e Baldessar (2003) ressaltaram a importância da informatização em modelar os profissionais em um posto de polivalência. Nas duas últimas décadas do século XX, os profissionais se reuniram em torno do que Lage (2011) chamou de uma versão editorial do *toyotismo*, pois eles executam desde a apuração até a diagramação.

Na nossa perspectiva, o jornal não consegue competir com a internet no sentido de velocidade ou produtividade. A característica física do jornal é seu fator limitante, mas também é justamente seu diferencial, pois proporciona uma experiência sensorial e cognitiva única com o produto. De acordo com os relatos, o consumo de jornal está associado a uma preferência pela experiência tátil (E4), leitura imersiva (E3) e prova documental (E1).

A pesquisa de Fortunati, Taipale e Farinosi (2015) mostrou como experiência física era diferente com os jornais impressos e o online. Sobre a experiência sensorial ao manusear o produto, eles destacaram sensações ligadas ao tato, ao olfato, à audição e à visão. Por fim, por ser um produto completo, o estilo de leitura do jornal é caracterizado pela continuidade.

A informação em seu formato impresso funciona como um documento (E1) e a dimensão física do jornal transmite as noções de autenticidade e informação verificável (FORTUNATI; TAIPALE; FARINOSI, 2015). Além disso, a forma do jornal é o ponto de encontro entre o passado e o presente:

Certos elementos constantes têm valor particular, porque significam o compromisso com o passado comum à indústria dos jornais: a forma retangular e o tamanho incômodo dos veículos standard, que nos obriga a abrir os braços para virar as páginas, asseguram às novidades do dia-a-dia a confiabilidade da tradição (LAGE, 2001, p. 6).

Além de estar presente no objeto, a memória pode estar presente no conteúdo das notícias, como verificou Gilewicz (2015). A memória retrospectiva e a memória prospectiva podem desempenhar uma função no desenvolvimento de capital social. Enquanto a memória retrospectiva cria uma base documental de bons exemplos para as pessoas espelharem

suas ações, a memória prospectiva ajuda a orientar a participação ao traçar possíveis desdobramentos a partir do cenário atual.

Junto com as mudanças provocadas pelas forças econômicas e tecnológicas, há as transformações nas forças ideológicas. Entre os compromissos da profissão citados, estão o interesse público (E2), a verdade (E1, E3), a ética (E1) e a imparcialidade (E1, E4, E5).

Os fechamentos de jornais (E1, E3, E4) e a queda na qualidade da informação (E1, E2, E3, E4) dificultam a existência de uma imprensa independente dos interesses do mercado e dos poderes políticos (E2) e pode afetar o compromisso dos jornais em entregar informações de interesse público.

A intimidade entre os jornais e o mercado conduz a um afrouxamento da separação entre notícias e informes publicitários (E4). Já a proximidade com a política conduz a deslizes éticos, como agir em defesa ou oposição a determinados governos (E1).

Com o aumento de informações, cresceu o fenômeno de notícias falsas e a dificuldade em estabelecer o que é verdade e o que é mentira (E2). Houve também o crescimento de pontos de vista e, assim, a impossibilidade da imparcialidade (E5). Lage (2001) destacou que as notícias sempre consideraram as crenças e perspectivas individuais. Porém, atualmente busca-se mascará-las por meio de técnicas, já que não há como eliminá-las.

Diante dessas questões, como é possível o leitor basear seus julgamentos e orientar suas ações para a vida pública a partir das notícias de um jornal impresso se não é possível confiar no que está apresentado ali?

A resposta mais orgânica para essa pergunta consiste em diferenciar o que o jornal é do que ele pode ser. Afinal, como sugeriu E2, a função do jornal pode se modificar de acordo com o contexto histórico.

Tradicionalmente, o jornal promove a cooperação por meio de notícias publicadas isoladamente ou de forma agrupada em campanhas temáticas, além de organizar eventos que promovam o debate (E1, E2, E3, E4). Para atingir isso, o jornal: aponta problemas; cria propostas de ação coletiva; dá espaço para múltiplas vozes; ouve especialistas; explora os diferentes impactos da questão; busca soluções; indica bons exemplos; gera pressões sobre os agentes sociais para que o problema seja resolvido; etc. (E1, E2, E3, E4).

Para E2 e E4, ao tratar as questões dessas maneiras, a imprensa potencializaria a visibilidade dada às questões, criaria uma situação favorável para a intercompreensão entre os agentes envolvidos e até para

a resolução dos problemas. Porém, eles afirmaram que a função dos jornais em promover a ação cooperativa representa ainda apenas um ideal. De forma semelhante, Lage (2011) observou que há limitações na capacidade motivacional dos jornais e na habilidade das pessoas de participar em ações voltadas para a comunidade.

As pesquisas de nossa revisão de literatura mostraram que o consumo de jornal estava relacionado aos indicadores associados ao capital social. Essas constatações foram feitas a partir da análise de notícias veiculadas rotineiramente nessas publicações. Isto é, de maneira geral as notícias não tinham qualquer outra intenção além de informar sobre os acontecimentos e foram produzidas em um modelo em que os jornais detêm o poder de escolher o que vão publicar e como.

Em linhas gerais, foram poucos os trabalhos que mostraram o potencial de se investigar a relação entre o uso de jornal e as normas sociais (RIMAL; CHUNG; DHUNGANA, 2015; BEAUDOIN, 2011b). A maior parte das pesquisas focaram em outros três indicadores. Elas expuseram que os leitores de jornal tiveram uma relação positiva com a confiança interpessoal e na comunidade, com as redes sociais e com a participação cívica e política (BAKKER; VREESE, 2011; BEAUDOIN, 2007; BEAUDOIN; THORSON, 2004, 2006; KANG; KWAK, 2003; KIM, 2009; NAMKOONG; FUNG; SCHEUFELE, 2012; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001; TSFATI; ARIELY, 2014).

A partir da contribuição da literatura e das entrevistas, evidenciou-se que o jornal tem potencial para mudar e trabalhar intencionalmente sobre a ação cooperativa. Isso pode ser alcançado por meio da ideia de comunidades de informação proposta por E5. Porém, essa comunidade não seria apenas um meio para os jornais impressos obterem informações, como propôs o entrevistado, nem apenas para ouvir as críticas, sugestões e demandas dos leitores.

No nosso entendimento, as comunidades de informação se diferenciam da estrutura atual por reorganizar as relações em redes horizontais. Esse tipo de estrutura possibilita o acesso igual aos recursos, além de permitir que os atores da rede se enxerguem como iguais. Assim, o jornal estaria sujeito às mesmas regras sociais e punições que qualquer outro membro da rede. Esse tipo de relacionamento favorece as pessoas se identificarem e confiarem no jornal de uma maneira que promove o desenvolvimento de capital social.

As redes horizontais podem se organizar a partir do envolvimento das pessoas internas ou externas ao grupo. No primeiro caso, chamado de capital social de ligação, reforça-se a identidade do grupo e a fluidez

de recursos entre esses laços sociais. No segundo, chamado de capital social de ponte, o acesso a recursos externos ao grupo é favorecido (BEAUDOIN, 2007, 2011b; BOWD, 2011; MATOS, 2009).

Não são todas as pessoas que se envolveriam nesse tipo de iniciativa. Provavelmente, quem se dedicaria a esse empreendimento seriam as pessoas que reconhecem a função do jornal como um espaço de debates, têm uma relação de identificação e confiança com ele e querem se sentir parceiras desse tipo de projeto.

A identificação com o jornal começa pelo fato de as pessoas lerem e manifestarem uma preferência por consumir uma publicação específica (E2, E3). Mas ela vai além de seu papel informativo, pesquisadores sugeriram que os meios de comunicação podem promover uma identidade compartilhada e um sentimento de pertencimento (BOWD, 2011; PASEK et al., 2006; ROJAS; SHAH; FRIEDLAND, 2011; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

No entanto, esse modelo em que os jornalistas interpretam o mundo e os leitores aceitam esse significado (GILEWICZ, 2015) em geral parece não dar conta da complexidade atual. Baldessar (2003) já questionava essa função em um contexto em que “as novas tecnologias da informação desencadearam uma discussão sobre a identidade e a sobrevivência das profissões que eram responsáveis pela mediação simbólica.” (p. 92).

A especialização dos jornais menores em assuntos locais (E5) também pode aumentar o potencial dos jornais servirem como fonte de informação pela proximidade dos assuntos com a realidade vivida pelo leitor. Pelo menos no que diz respeito à participação política, estudos indicaram que o consumo de jornal local teve força para influenciar o comparecimento às urnas para as eleições dos representantes ao congresso norte-americano (GENTZKOW; SHAPIRO; SINKINSON, 2011; HAYES; LAWLESS, 2015;).

Quando a confiança na qualidade da informação se transformou em um bem, no sentido de que ela possui um valor de troca, os jornais adquiram um diferencial da massa de notícias falsas. Para E3, as pessoas precisam confiar que aquela informação é a mais próxima da realidade e independente. Essa relação de confiança com a qualidade das notícias é essencial para o desenvolvimento de capital social. Afinal, as pessoas traçam seus objetivos coletivos com base nessas informações (E2).

De acordo com E3, é necessário tempo para estabelecer uma relação de confiança com o jornal. O processo é marcado por concordâncias e discordâncias dos leitores, mas o saldo final é positivo. Estudos observaram que quanto mais as pessoas liam o jornal, mais elas

confiavam nesse meio (HOPMANN; SHEHATA; STRÖMBÄCK, 2015; TSFATI, ARIELY, 2014).

Os entrevistados sugeriram algumas possibilidades para o jornal impresso se diferenciar do que é produzido na internet, como a atuação focada na análise (E1, E4, E5, E6) e na curadoria de informações (E3). Essas mudanças criarão a demanda por um novo tipo de profissional, que deixará de ter uma mentalidade voltada para o imediatismo (E5) e irá desenvolver uma cultura geral maior e especializar-se em determinados temas (E5, E6).

A mudança de foco para a produção de notícias analíticas – se distanciando da notícia imediatista superficial – favorece a contextualização dos acontecimentos e incorporação de múltiplos pontos de vista. Ao combinar essa mudança com um compromisso ético dos jornalistas, é possível ao jornal fornecer elementos melhores para o cidadão avaliar por si próprio as questões da vida pública. Diante do aumento na quantidade de informações e na velocidade em que elas se atualizam esse reposicionamento do jornal ajuda a orientar o leitor.

Com isso, enriquece-se também o conteúdo das conversações. Vale lembrar que a conversação que promove o capital social tem de estar comprometida com conquistar benefícios públicos (MATOS, 2009) e essa troca muitas vezes envolve lidar com pontos de vista conflitantes:

Os cidadãos virtuosos são prestativos, respeitosos e confiantes uns nos outros, mesmo quando divergem em relação a assuntos importantes. A comunidade cívica não está livre de conflitos, pois seus cidadãos têm opiniões firmes sobre as questões públicas, mas são tolerantes com seus oponentes (PUTNAM, 2005, p. 102).

Embora a noção de verdade única tenha ruído e a parcialidade tenha se tornado evidente, os jornalistas podem reorientar seus ideais. Comprometer-se com a busca da verdade e com oferecer um relato equilibrado parecem mais condizentes com os desafios apresentados pelos entrevistados. Aliás, as comunidades de informação podem favorecer o desenvolvimento de compromissos coletivos com esses ideais, tanto para jornalistas quanto para os outros participantes do grupo. Inclusive, trabalhar para a contenção de notícias falsas, já que o aumento de informações vem acompanhado pelo aumento de desinformações.

A princípio, a crescente pluralidade de fontes de informação pode parecer aumentar a concorrência para os jornais. Porém, no contexto das comunidades informativas, o aumento de informações beneficia ambos o jornal e os leitores, pois significa mais recursos disponíveis. A propósito, pesquisas constataram que pessoas com necessidades informativas mais elevadas usavam uma combinação de meios de comunicação (RIMAL; CHUNG; DHUNGANA, 2015; SHAH; MCLEOD; YOON, 2001).

O reconhecimento do jornal como um espaço de debates (LUENGO CRUZ, 2014) possibilita que os leitores levem a ele causas sociais e contribuam para a resolução de problemas que podem esbarrar em interesses privados. Afinal, nas redes horizontais todos têm o poder de voz e a participação é valorizada.

Um dos facilitadores para o jornal se consolidar como esse espaço de debates é justamente sua ênfase em englobar diferentes opiniões e pontos de vista, diferente do movimento que acontece atualmente nas mídias sociais em que as pessoas se reúnem em grupos chamados de bolhas ou câmaras de eco (E3).

A formação de redes horizontais também beneficia a relação dos cidadãos com o Estado. Os entrevistados apontaram a função do jornal como mediador entre o Estado e a população, dando visibilidade às informações de interesse público que os próprios governos não conseguem entregar diretamente à população (E2, E4) e que os cidadãos comuns não conseguem ter acesso (LAGE, 2011). Por outro lado, na direção oposta, o jornal também conecta as pessoas comuns àquelas que estão no poder (E2).

Segundo Hess (2013, 2015), a mediação do jornal pode tanto favorecer a produção de capital social, quanto controlar o fluxo de informação. Pela nossa perspectiva, reconhecer a existência desse papel é reconhecer que o acesso às informações é assimétrico.

Como as pessoas não tem acesso às informações do governo diretamente, a forma como os meios de comunicação entregam esse conteúdo influencia a percepção que as pessoas têm do governo. A partir das reflexões de Putnam (2005), nós sugerimos que a percepção das pessoas sobre o governo pode impactar a vontade delas de participar da vida em comunidade. E4 argumentou que o enquadramento dado às notícias políticas no Brasil privilegia uma narrativa de crise permanente, o que inibe a participação das pessoas na vida pública.

Estudos mostraram que o consumo de jornal esteve associado a maior confiança no governo, instituições públicas e nos políticos (CABELKOVA; HEJLOVA; STRIELKOWSKI, 2015; MARTIN,

2011; NEWTON, 1999; WU, 2014). Porém, a confiança no governo foi diminuída quando os jornais tiveram posição ideológica contrária a do governo em exercício (CERON; MEMOLI, 2015). Enquadrar as notícias políticas como um jogo estratégico também enfraqueceu a confiança nos políticos e, por tabela, nos jornais (HOPMANN; SHEHATA; STRÖMBÄCK, 2015).

Por isso, o Estado tem de encontrar formas para comunicar-se diretamente com os cidadãos (E2), como investir especificamente na publicidade de serviço público (E2) e fortalecer as mídias públicas (E1).

No nosso entendimento, ao estruturar as relações em redes horizontais, dá-se o poder de voz aos leitores para além dos canais tradicionais de contato com o jornal. Ao mesmo tempo, aquele poder de controlar o fluxo de informações, denunciado por Hess (2013, 2015), se pulveriza entre diferentes atores dessa rede. Isso não significa que os jornais vão abandonar sua posição de mediador de relacionar pessoas comuns àquelas com poder. Na verdade, representaria um equilíbrio.

Ao mesmo tempo, se essas redes horizontais fossem estruturadas a partir de algum tipo de ajuda financeira, seria possível diminuir a dependência dos jornais da publicidade estatal e outras formas de incentivos do Estado enumerados por E4.

A concepção de o jornal atuar como um vidro (CERON; MEMOLI, 2015) possibilita aos cidadãos observarem e avaliarem a atuação dos governos, instituições públicas e políticos. Ao estruturarem-se em redes, os leitores também podem atuar como vigilantes dos excessos do Estado, dificultado que ocorra o identificado por E3, de que o Estado usa o sistema de leis e afins para perseguir os jornais.

Outro aspecto levantado foi a importância do Estado em garantir a existência da imprensa onde ela está ameaçada (E2), já que os cidadãos devem ter direito de receber informação de qualidade – como indicaram Cortiñas Rovira e Alonso Marcos (2014) sobre a situação enfrentada pela editoria de ciência. Já onde sua existência está garantida, o Estado poderia fomentar a pluralização de atores midiáticos (E4), o que seria benéfico para a democracia.

Porém, aumentar a quantidade de fontes de informação não se traduz necessariamente no aumento da variedade de conteúdo, opiniões e pontos de vista. Nesse sentido, observou-se que há uma semelhança entre os veículos que replicam o mesmo conteúdo das agências de notícias (E4), além de uma padronização na forma de abordar certos temas (LAGE, 2011). Além disso, E1 e E4 consideraram que a diversidade no Brasil é ameaçada pela concentração dos meios de comunicação.

A esta altura duas questões precisam ser abordadas. Embora os céticos possam contestar a possibilidade de estabelecer-se uma comunidade deste tipo e de obter resultados com ela, dois fatos mostram o potencial de isso ocorrer. Primeiro, os resultados obtidos com as formas tradicionais de notícias nas pesquisas mostraram que o consumo de jornal já está ligado a resultados positivos nos indicadores associados ao capital social. Assim, a organização em comunidades seria um potencializador para a cooperação voltada para o bem comum.

Segundo, as mídias sociais e as plataformas de *crowdfunding* mostram constantemente que as pessoas se reúnem em torno de causas coletivas. Não são todas as pessoas que participam dessas iniciativas, assim como não seriam todas que estariam dispostas a fazer parte de uma comunidade de informação com o jornal.

Por fim, conforme explicou Matos (2009), a presença dos indicadores de capital social não revela se eles se referem ao desenvolvimento do capital social positivo ou negativo, pois isso está condicionado a como as relações se manifestam em diferentes contextos. “Enquanto o capital social positivo se refere aos resultados que promovem o bem-estar coletivo e aumentam as condições de igualdade e justiça social, o capital social negativo diz respeito aos efeitos assimétricos das relações sociais desiguais e injustas” (MATOS, 2009, p. 161).

No geral, as pesquisas citadas não disponibilizaram o contexto em que essas relações se estabeleceram. Isso não invalida nenhum dos resultados apresentados, mas ajuda a demonstrar novamente o potencial das comunidades de informação, já que elas são estabelecidas em relações horizontais. Como resumiu E2, “quando ela [a mídia] é um agente participante e um agente motivador dessa cooperação, ela se fortalece”.

No próximo capítulo, apresentaremos as considerações finais da pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta dissertação foi analisar como a crise dos jornais impressos se relaciona com o capital social. Em linhas gerais, as transformações percebidas podem afetar negativamente o desenvolvimento de capital social. Porém, ao mesmo tempo, é possível que elas forcem o jornal a ocupar um novo lugar informativo. Um exemplo dado desse novo lugar foram as comunidades de informação, estruturadas a partir de relações horizontais.

Um dos objetivos específicos deste trabalho foi examinar as quais eram as causas e as consequências da crise dos jornais impressos. A partir da literatura constatou-se que as causas foram estabelecidas a partir de forças econômicas e tecnológicas. Acadêmicos observaram a diminuição da publicidade e a queda de circulação em países como Estados Unidos e Espanha. De forma complementar, os pesquisadores entenderam que a internet impôs desafios ao oferecer conteúdo gratuito e aumentar a competitividade por publicidade.

As consequências foram percebidas para o produto como um todo, como fechar o jornal, migrar para a versão digital, reduzir os dias da semana publicados, diminuir o número de páginas, demitir jornalistas, adotar a convergência entre meios de comunicação, mudar o local das redações, etc. Mas também foram percebidas consequências relacionadas a determinadas editorias, especificamente nas de cultura e de ciência.

Apesar de os pesquisadores esperarem que a qualidade e independência do conteúdo tivessem sido comprometidas, isso não ocorreu de maneira uniforme. A média do índice de qualidade da notícia diminuiu em cinco jornais europeus, mas os comportamentos individuais foram diferentes. Também não foi percebida a queda na quantidade de matérias investigativas na Austrália, nem a flexibilização para privilegiar a produção de matérias sobre as empresas que anunciavam nos jornais espanhóis.

Em relação aos profissionais, as pressões dessa crise são sentidas principalmente entre os jornalistas mais novos. Eles apresentaram níveis maiores de esgotamento profissional nos Estados Unidos e muitos que faziam parte dos programas de estágio em jornais canadenses não recebiam salário de acordo com o piso da profissão.

Além disso, evidenciaram-se as diferenças desse produto por suas características físicas e como os jornalistas interpretavam a crise. As discussões referentes à percepção dos jornalistas sobre a crise e fechamento de jornais privilegiaram aspectos econômicos e

tecnológicos. Porém, um dos estudos enfatizou o uso que os jornalistas fizeram da memória para explicarem seu papel social e cultural.

As consequências da crise, no entanto, vão além de somente as mudanças no produto. As raras incursões dos pesquisadores nas questões socioculturais mostraram a necessidade de se investigar como uma crise nesse meio afeta a sociedade.

Para lançar as bases para compreender as consequências socioculturais, esta pesquisa também teve como objetivo específico estabelecer um marco do que consiste o capital social, mapear os indicadores associados ao capital social e evidenciar como o uso de jornal impresso estava associado a eles.

O capital social é um conceito controverso. Nesta pesquisa, definiu-se como a soma de recursos atuais ou potenciais disponíveis por meio dos laços e redes sociais. Ele é um ativo intangível, desenvolvido por meio da cooperação entre as pessoas, para atingir objetivos e superar problemas coletivos. Os resultados são aproveitados por todos e não são propriedades individuais.

A partir do exposto na dissertação, tornou-se claro o potencial do jornal para influenciar todos os quatro indicadores que evidenciam a presença de capital social: normas, confiança, rede social e participação cívica e política. Além dos recursos informativos, alguns pesquisadores chamaram atenção para a função secundária de disseminar símbolos, que pode promover uma identidade compartilhada e o sentimento de pertencimento entre os leitores.

O primeiro indicador de capital social identificado foi o de normas, que são regras sociais que servem de referência para o comportamento. Especialmente, as normas de reciprocidade são as mais importantes para o capital social, pois regem a troca de recursos entre os indivíduos.

As normas compartilhadas entre eles possibilitam às pessoas prever o comportamento umas das outras. O respeito às regras e a aplicação de punições aos que não as obedecem estabiliza a confiança entre os membros. O indicador de confiança foi medido tanto pela sua dimensão social, de confiar uns nos outros, quanto pela dimensão política, de confiar nos políticos, no governo e nas instituições públicas.

Para disseminar as normas e a confiança é necessária uma estrutura. A essa estrutura se dá o nome de rede social. Embora qualquer relação possa fortalecer vínculos entre as pessoas, são aquelas voltadas para o bem comum que realmente contribuem para a comunidade cívica (HIGGINS, 2005; MATOS, 2009).

O último indicador é a participação, que pode ser medida pela dimensão cívica e política. Putnam (2005) sustentou que fazer parte de associações cívicas ou políticas estimula os sentimentos de cooperação e responsabilidade comum. Ao concluir que a participação cívica explicou o desempenho dos governos regionais italianos melhor do que os dados econômicos, o autor demonstrou a força dos sistemas de participação para a construção de capital social.

Os resultados empíricos mostraram que os leitores de jornal tiveram uma relação positiva com: a confiança interpessoal e na comunidade; confiança no governo, nas instituições públicas e nos políticos; redes sociais; e participação cívica e política. Poucos artigos discutiram a função dos jornais para disseminar as normas sociais.

Diante disso, criou-se uma situação de alerta quando Shaker (2014) verificou que o fechamento de dois jornais locais nas cidades norte-americanas de Denver e Seattle, em 2009, provocou a queda de participação nas duas dimensões estudadas aqui. A partir dessa observação, também foi objetivo específico desta dissertação relacionar a crise dos jornais impressos para o capital social. Para isso, baseou-se nos achados da literatura e nos relatos dos entrevistados.

O discurso da crise dos jornais impressos está marcado pela noção de transformação. Existem forças econômicas, tecnológicas e ideológicas que pressionam os jornais a ocuparem um novo espaço informativo que não esteja estabelecido pela notícia imediata.

Ao mesmo tempo, entrevistados indicaram que o foco desse jornal deverá ser na análise e curadoria de informações. Para isso, ele vai precisar de um jornalista especialista, com cultura geral maior e sem a mentalidade do imediatismo.

Com a queda constante de publicidade nos impressos, o retorno menor nos anúncios em ambientes digitais e a circulação reduzida, a matemática se tornou cruel para os leitores. Os entrevistados indicaram como as transformações no produto afetam negativamente os indivíduos, principalmente pela queda na qualidade do produto. Além disso, os entrevistados relataram dificuldades de se identificar uma imprensa independente dos interesses do mercado e dos poderes políticos.

A relação de interdependência entre os jornais e o Estado se manifesta, de um lado, pela posição de mediação adotada pelos jornais, fornecendo informações de interesse público que o Estado não consegue entregar diretamente à população. Por outro lado, entrevistados apontaram que a redução de receita no jornal aumentou a dependência

da publicidade estatal e questionaram a independência ideológica desse jornal.

Os entrevistados apontaram que tradicionalmente o jornal promove a cooperação por meio de notícias publicadas isoladamente ou de forma agrupada em campanhas temáticas, além de organizar eventos que promovam o debate. Porém, alguns relatos afirmaram que a função dos jornais em promover a ação cooperativa representa ainda apenas um ideal.

Os artigos de nossa revisão de literatura mostraram que o consumo de jornal estava relacionado aos indicadores associados ao capital social. Essas constatações foram feitas a partir da análise de notícias rotineiras dessas publicações. Isto é, de maneira geral as notícias não tinham qualquer outra intenção além de informar sobre os acontecimentos.

A partir do apoio da literatura e das entrevistas, evidenciou-se que o jornal tem potencial para mudar e trabalhar intencionalmente sobre a ação cooperativa. Isso pode ser alcançado por meio da ideia de comunidades de informação proposta por E5. Porém, essa comunidade não seria apenas um meio para os jornais impressos obterem informações, como propôs o entrevistado, nem apenas para ouvir as críticas, sugestões e demandas dos leitores.

As comunidades de informação se diferenciam da estrutura atual por reorganizar as relações entre os leitores e o jornal em redes horizontais. Esse tipo de estrutura possibilita o acesso a recursos de maneira igual, além de permitir que os atores da rede se enxerguem como iguais. Assim, o jornal estaria sujeito às mesmas regras sociais e punições do que qualquer outro membro da rede. Esse tipo de relacionamento favorece as pessoas a se identificarem e confiarem no jornal de uma maneira que promove o desenvolvimento de capital social.

Em suma, esta pesquisa contribuiu para ampliar o entendimento sobre as consequências da crise dos jornais impressos para a sociedade. Além disso, esquematizou os efeitos do uso desse meio sobre os indicadores associados ao capital social. Finalmente, evidenciou os caminhos abertos por pesquisadores e entrevistados para que a crise não afete o desenvolvimento de capital social, e sim consiga atuar na promoção desse ativo.

Essa contribuição interdisciplinar foi possível porque a pesquisa baseou-se no paradigma da complexidade pela perspectiva de Morin. O fato de esse paradigma não buscar enquadrar a realidade às ideias, mas

estabelecer um diálogo entre esses dois mundos, permitiu maior liberdade para entender os fenômenos em seu próprio contexto.

Além da religação dos saberes, este estudo fez uso de outros três princípios metodológicos da complexidade: o dialógico, o recursivo e o *hologramático*. A partir disso, recortou-se uma metodologia com abordagem qualitativa, com finalidade teórica, com objetivo geral de ser exploratória e delineamento bibliográfico.

Foram utilizadas duas ferramentas para a coleta de dados, o levantamento bibliográfico e entrevistas em profundidade com especialistas.

Para o levantamento bibliográfico, adotou-se a revisão sistemática integrativa em duas bases de dados internacionais. Essa ferramenta tem um método definido para buscar, selecionar e avaliar os estudos e tem como objetivo responder a uma questão de pesquisa. Nesta dissertação usamos o explicitado por Botelho, Cunha e Macedo (2011). Optou-se por esse tipo de revisão por ela permitir analisar ao mesmo tempo pesquisas teóricas e empíricas.

A partir dos achados na literatura, estabeleceu-se um roteiro semiestruturado de perguntas para as entrevistas. Elas foram realizadas de maneira individual e em profundidade. A característica individual permitiu compreender o ponto de vista do entrevistado sem interferência de outras pessoas. A modalidade em profundidade permitiu deixar o entrevistado à vontade para falar e refletir sobre as perguntas. Por fim, o roteiro semiestruturado proporcionou o acesso a novos caminhos abertos pelo entrevistado e explorar aspectos confusos ou contraditórios que surgiram durante a entrevista.

Foram selecionados seis entrevistados pelo critério de seleção intencional. Os critérios para a seleção foram a formação em Jornalismo e as trajetórias profissionais que pudessem se refletir num espectro de opiniões diferentes.

Cada entrevista foi transcrita e analisada pelo método de codificação de comparação constante. Esse método foi usado por possibilitar identificar padrões nos dados, descrevendo e interpretando esses padrões. Porém, cabe ressaltar que esta pesquisa não teve como objetivo a construção de uma teoria substantiva, como na Teoria Fundamentada.

Esse método foi especialmente produtivo para entender como os elementos se relacionavam e como se associavam ao contexto em que foram coletados. Com o método de análise, foi possível trabalhar sistematicamente com as perspectivas dos entrevistados para posteriormente poder contrastá-las com os achados da literatura.

Sugestões para pesquisa futuras

Devido à abrangência do campo de pesquisa e dos poucos estudos que abordaram a relação entre comunicação e capital social, sugere-se que trabalhos futuros se dediquem a expandir os conhecimentos sobre como os meios de comunicação podem ajudar no desenvolvimento de capital social. Especificamente sobre os indicadores, percebeu-se que a maior parte das investigações se concentrou em participação cívica e política. Novos estudos podem aprofundar o entendimento sobre os indicadores de norma, confiança e rede social. Apesar de esta dissertação não ter investigado como os meios de comunicação podem influenciar os efeitos negativos do capital social, há uma demanda por trabalhos que possam trazer essa contribuição.

Pesquisas citadas nesta análise apontaram que o consumo de conteúdo informativo promove capital social e as pessoas que tinham maior necessidade informativa consumiam uma combinação de meios de comunicação, e não apenas um. Portanto, estudos podem investigar: como o consumo combinado de conteúdo informativo afeta o desenvolvimento de capital social; as semelhanças e diferenças entre os efeitos promovidos pela informação e pelo entretenimento; as particularidades do segmento entretenimento informativo (*infotainment*).

No Brasil, onde há desigualdade social, existe a necessidade de entender a distribuição geográfica de capital social. Para isso, pesquisas podem mapear as características sociodemográficas (faixa etária, gênero, classe social, etnia) para entender a variação de capital social de acordo com essas características e com o consumo dos meios de comunicação. Esse tipo de análise beneficia entender as diferenças entre as regiões e como entregar as informações de interesse público de forma mais eficaz. Isso inclui não apenas os meios de comunicação tradicionais e a internet, mas também os dispositivos móveis.

REFERÊNCIAS

ACEITUNO-ACEITUNO, Pedro et. al. Formación en emprendimiento para periodistas. **El profesional de la información**, v. 23, n. 4, p. 409-414, jul./ago. 2014.

ARAUJO, Maria Celina Soares D^o. **Capital social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Passo-a-passo, 25). 66p.

ARENDET, Florian; BRANTNER, Cornelia. Quality press and voter turnout: Evidence for causal effects and its underlying mechanisms. **Studies in Communication Sciences**, v.15, n. 2, p. 164-172, 2015.

ARMENTIA VIZUETE, José Ignacio. La difícil supervivencia de los diarios ante la agonía del soporte papel. **Ámbitos**, n. 20, p. 11-27, 2011.

BAKER, Wayne. What is social capital and why should you care about it. In:_____. **Achieving Success Through Social Capital: Tapping the Hidden Resources in Your Personal and Business Networks**. São Francisco: Jossey-Bass, 2000. cap. 1, p. 1-25.

BAKKER, Tom P.; VREESE, Claes H. de. Good News for the Future? Young People, Internet Use, and Political Participation. **Communication Research**, v. 38, n. 4, p. 451-470, 2011.

BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas com o computador na redação**. Florianópolis: Insular, 2003. 104 p.

BEAUDOIN, Christopher E. The impact of news use and social capital on youth wellbeing: an aggregate-level analysis. **Journal of Community Psychology**, v. 35, n. 8, p. 947–965, 2007.

_____. Exploring the Association Between News Use and Social Capital: Evidence of Variance by Ethnicity and Medium. **Communication Research**, v. 36, n. 5, p. 611-636, 2009.

_____. Neighborliness with ethnic groups in the United States: modeling its news antecedents and health outcomes. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 88, n. 4, p. 821-842, winter 2011a.

_____. News Effects on Bonding and Bridging Social Capital: An Empirical Study Relevant to Ethnicity in the United States. **Communication Research**, v. 38, n. 2, p. 155-178, 2011b.

BEAUDOIN, Christopher E.; THORSON, Esther. Social capital in rural and urban communities: testing differences in media effects and models. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 81, n. 2, p. 378-399, summer 2004.

_____. The Social Capital of Blacks and Whites: Differing Effects of the Mass Media in the United States. **Human Communication Research**, v. 32, n. 2, p. 157-177, 2006.

BENTO, Antonio. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA** (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), ano 7, n. 65, p. 42-44, maio 2012.

BOOTH, Wayne C.; COLOM, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORAH, Porismita et al. Hearing and Talking to the Other Side: Antecedents of Cross-Cutting Exposure in Adolescents. **Mass Communication and Society**, v. 16, n. 3, p. 391-416, 2013.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, maio/ago. 2011.

BOWD, Kathryn. Reflecting regional life: Localness and social capital in Australian country newspapers. **Pacific Journalism Review**, v. 17, n. 2, p. 72-91, 2011.

BRINKMANN, Svend. **Qualitative interviewing**. Nova York: Oxford University Press, 2013.

BUSTO SALINAS, Lorena. Advertising Pressure on Newspaper Gatekeepers. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 19, p. 75-84, marzo 2013. Número especial.

CABELKOVA, Inna; HEJLOVA, Denisa; STRIELKOWSKI, Wadim. What Factors Predetermine Trust in Mass Media and State Institutions? Evidence from Czech Republic. **The Social Sciences**, v. 10, n. 1, p. 13-19, 2015.

CABEZUELO-LORENZO, Francisco. Cinco años de crisis en el mercado de la comunicación (2008-2013). **Historia y Comunicación Social**, v. 18, p. 703-715, dic. 2013. Edição especial.

CAGÉ, Julia; RUEDA, Valeria. The Long-Term Effects of the Printing Press in sub-Saharan Africa. **American Economic Journal: Applied Economics**, v. 8, n. 3, p. 69-99, 2016.

CARNWELL, Ros; DALY, William. Strategies for the construction of a critical review of the literature. **Nurse Education in Practice**, v. 1, n. 2, p. 57-63, 2001.

CARSON, Andrea. The political economy of the print media and the decline of corporate investigative journalism in Australia. **Australian Journal of Political Science**, v. 49, n. 4, p. 726-742, 2014.

CASERO-RIPOLLÉS, Andreu; IZQUIERDO-CASTILLO, Jessica. Between Decline and a New Online Business Model: The Case of the Spanish Newspaper Industry. **Journal of Media Business Studies**, v. 10, n. 1, p. 63-78, 2013.

CERON, Andrea; MEMOLI, Vincenzo. Trust in Government and Media Slant: A Cross-Sectional Analysis of Media Effects in Twenty-Seven European Countries. **The International Journal of Press/Politics**, v. 20, n. 3, p. 339-359, 2015.

CHAN, Michael; LEE, Francis L. F. Selective exposure and agenda setting: exploring the impact of partisan media exposure on agenda diversity and political participation. **Asian Journal of Communication**, v. 24, n. 4, p. 301-314, 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 144 p.

CHRISTMANN, Anna et al. New Regionalism – Not Too Complex for the Media Watchdog: Media Reporting and Citizens' Perception of Democratic Legitimacy in Four European Metropolitan Areas. **Urban Affairs Review**, v. 51, n. 5, p. 676–707, 2015.

CHYI, Hsiang Iris; LEWIS, Seth C.; ZHENG, Nan. A matter of life and death? **Journalism Studies**, v. 13, n. 3, p. 305-324, 2012.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgões**, v. 34, n. 6, p. 428-431, nov./dez. 2007.

CORTIÑAS ROVIRA, Sergi; ALONSO MARCOS, Felipe. La decadencia de las secciones de ciencia en los medios tradicionales: Análisis de sus causas desde los paradigmas dominantes del pensamiento contemporáneo. **Prisma Social**, n. 12, p. 402-435, jun./nov. 2014.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. 341 p.

CRONIN, Patricia; RYAN, Frances ; COUGHLAN, Michael. Undertaking a literature review: a step-by-step approach. **British Journal of Nursing**, v. 17, n. 1, p. 38-43, 2008.

DEUZE, Mark. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, v. 6, n. 4, p. 442–464, 2005.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n.1, p. 9-11, jan./mar. 2014.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FORTUNATI, Leopoldina; TAIPALE, Sakari; FARINOSI, Manuela. Print and online newspapers as material artefacts. **Journalism**, v. 16, n. 6, p. 830-846, 2015.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. cap. 3, p. 64-89.

GENTZKOW, Matthew; SHAPIRO, Jesse M.; SINKINSON, Michael. The Effect of Newspaper Entry and Exit on Electoral Politics. **American Economic Review**, v. 101, n. 7, p. 2980-3018, dec. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GILEWICZ, Nicholas. To embody and to embalm: The uses of collective memory in the final editions of failed newspapers. **Journalism**, v. 16, n. 5, p. 672-687, 2015.

HAYES, Danny; LAWLESS, Jennifer L. As Local News Goes, So Goes Citizen Engagement: Media, Knowledge, and Participation in US House Elections. **The Journal of Politics**, v. 77, n. 2, p. 447-462, 2015.

HELLMAN, Heikki; JAAKKOLA, Maarit. From aesthetes to reporters: The paradigm shift in arts journalism in Finland. **Journalism**, v. 13, n. 6, p. 783-801, 2011.

HESS, Kristy. Tertius Tactics: “Mediated Social Capital” as a Resource of Power for Traditional Commercial News Media. **Communication Theory**, v. 23, n. 2, p. 112-130, 2013.

_____. Making Connections. **Journalism Studies**, v. 16, n. 4, p. 482-496, 2015.

HIGGINS, Silvio Salej. **Fundamentos teóricos do capital social**. Chapecó: Argos, 2005.

HO, Shirley S. et al. The Role of Perceptions of Media Bias in General and Issue-Specific Political Participation. **Mass Communication and Society**, v. 14, n. 3, p. 343-374, 2011.

HOPMANN, David Nicolas; SHEHATA, Adam; STRÖMBÄCK, Jesper. Contagious Media Effects: How Media Use and Exposure to Game-Framed News Influence Media Trust. **Mass Communication and Society**, v. 18, n. 6, p. 776-798, 2015.

KANG, Naewon; KWAK, Nojin. A multilevel approach to civic participation: individual length of residence, neighborhood residential stability, and their interactive effects with media use. **Communication Research**, v. 30, n. 1, p. 80-106, feb. 2003.

KIKUCHI, Mami; COLEMAN, Cynthia-Lou. Explicating and Measuring Social Relationships in Social Capital Research. **Communication Theory**, v. 22, n. 2, p. 187-203, 2012.

KIM, Eunyi. The Spatial Distribution of Social Capital and Media Activity in the United States. **Korean Social Science Journal**, v. 36, n. 2, p. 67-110, 2009.

KOCHË, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAGE, NILSON. **A estrutura da notícia**. [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011. (Princípios, 29).

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. 3. ed. Florianópolis: UFSC/Insular, 2001.

LARRAÑAGA RUBIO, Julio. Un análisis cuantitativo de la crisis económica en la industria de los periódicos y el grado de desarrollo de la Sociedad de la Información en Europa. **Estudios sobre el mensaje periodístico**, v. 17, n. 2, p. 339-348, 2011.

LIVINGSTONE, Sonia; MARKHAM, Tim. The contribution of media consumption to civic participation. **The British Journal of Sociology**, v. 59, n. 2, p. 351-371, 2008.

LOPES, Ana Lúcia Mendes; FRACOLLI, Lislaine Aparecida. Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 771-8, out./dez. 2008.

LÓPEZ GARCÍA, Xosé; RODRÍGUEZ BELLÓN, Ana; DE MATEO PÉREZ, Rosario. Diarios gratuitos atrapados en la crisis: dos formatos diferentes y un destino incierto. **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 69, p. 435-461, 2014.

LUENGO CRUZ, María. The Times-Picayune y los discursos noticiosos sobre el colapso del periodismo norteamericano. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 19, n. 2, p. 733-749, 2013.

_____. Constructing the Crisis of Journalism: Towards a cultural understanding of the economic collapse of newspapers during the digital revolution. **Journalism Studies**, v. 15, n. 5, p. 576-585, 2014.

MACHADO, Andreia de Bem; FIALHO, Francisco Antonio. As quatro dimensões do conhecimento: cognitivista, conexionista, autopoético e integral - avançando na compreensão sobre a aprendizagem. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 14, n. 2, p. 589-601, ago./dez. 2016.

MARCOS RECIO, Juan Carlos; GARCÍA-ALONSO, Pedro; PARRA VALCARCE, David. La actividad informativa en los medios digitales: ¿sobrevivirán los periódicos impresos sin publicidad? **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 20, n. 1, p. 177-194, enero/jun. 2014.

MARTIN, Justin D. News use and political socialization among young Jordanians. **The International Communication Gazette**, v. 73, n. 8, p. 706-731, 2011.

MATOS, Heloiza. **Capital Social e Comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009. 277 p.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research: a guide to design and implementation**. São Francisco: Jossey-Bass, 2009.

MOELLER, Judith et al. Pathway to Political Participation: The Influence of Online and Offline News Media on Internal Efficacy and Turnout of First-Time Voters, **American Behavioral Scientist**, v. 58, n. 5, p. 689-700, 2014.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. 177 p.

_____. **Ciência com consciência**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a. 350 p.

_____. **Meu Caminho: Entrevistas com Djénane Kareh Tager**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010b. 378 p.

_____. **Para onde vai o mundo?** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010c. 70 p.

_____. **O método 4 - as ideias: habitat, vida, costumes, organização**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Entender o mundo que nos espera. In: MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. **Como viver em tempo de crise?** [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MYERS, Michael D. **Qualitative research in business & management**. 1. ed. Londres: Sage, 2009.

NAMKOONG, Kang; FUNG, Timothy K. F., SCHEUFELE, Dietram A. The Politics of Emotion: News Media Attention, Emotional Responses, and Participation During the 2004 U.S. Presidential Election. **Mass Communication and Society**, v. 15, n. 1, p. 25-45, 2012.

NEWTON, Kenneth. Mass Media Effects: Mobilization or Media Malaise? **British Journal of Political Science**, v. 29, n. 4, p. 577-599, oct. 1999.

PASEK, Josh et al. America's Youth and Community Engagement – How use of mass media is related to civic activity and political awareness in 14- to 22-year-olds. **Communication Research**, v. 33, n. 3, p. 115-135, june 2006.

PAUTASSO, Marco. Ten Simple Rules for Writing a Literature Review. **PLOS Computational Biology**, v. 9, n. 7, p. 1-4, jul. 2013.

PICARD, Robert G. Shifts in newspaper advertising expenditures and their implications for the future of newspapers. **Journalism Studies**, v. 9, n. 5, p. 704-716, 2008.

POLLOCK, John C. Community Structure Approach. **Oxford Bibliographies**, Oxford, 24 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199756841/obo-9780199756841-0110.xml>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

PRADO, Emili. The press in Catalonia: between the digital challenge and nation building. **Media, Culture & Society**, v. 37, n. 1, p. 134-143, 2015.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 260 p.

RAMÍREZ DE LA PISCINA, Txema et al. Periodismo de calidad en tiempos de crisis: Un análisis de la evolución de la prensa europea de referencia (2001-2012). **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 69, p. 248-274, 2014.

REINARDY, Scott. Newspaper journalism in crisis: Burnout on the rise, eroding young journalists' career commitment. **Journalism**, v. 12, n. 1, p. 33-50, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

RIMAL, Rajiv N.; CHUNG, Adrienne H.; DHUNGANA, Nimesh. Media as Educator, Media as Disruptor: Conceptualizing the Role of Social Context in Media Effects. **Journal of Communication**, v. 65, n. 5, p. 863-887, 2015.

ROJAS, Hernando; SHAH, Dhavan V.; FRIEDLAND, Lewis A. A Communicative Approach to Social Capital. **Journal of Communication**, v. 61, n. 4, p. 689-712, 2011.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007.

SALAMON, Errol. (De)valuing Intern Labour: Journalism Internship Pay Rates and Collective Representation in Canada. **TripleC**, v. 13, n. 2, p. 438-458, 2015.

SHAH, Dhavan V.; MCLEOD, Jack M.; YOON, So-Hyang. Communication, context and community: an exploration of print, broadcast, and internet influences. **Communication Research**, v. 28, n. 4, p. 464-506, aug. 2001.

SHAKER, Lee. Community Attachment. **Oxford Bibliographies**, Oxford, 30 sep. 2013. Disponível em: <<http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199756841/obo-9780199756841-0136.xml>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

_____. Dead Newspapers and Citizens' Civic Engagement. **Political Communication**, v. 31, n. 1, p. 131-148, 2014.

SILES, Ignacio; Boczkowski, Pablo J. Making sense of the newspaper crisis: A critical assessment of existing research and an agenda for future work. **New media & Society**, v. 14, n. 8, p. 1375-1394, 2012.

SILVERMAN, David; MARVASTI, Amir. **Doing Qualitative Research**: a comprehensive guide. Thousand Oaks: Sage, 2008.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinar?: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes**. São Paulo: Paulus, 2006.

TAYLOR, Steven J.; BOGDAN, Robert. **Introduction to Qualitative Research Methods**. 2. ed. Nova York: Wiley, 1984.

TSFATI, Yariv; ARIELY, Gal. Individual and Contextual Correlates of Trust in Media Across 44 Countries. **Communication Research**, v. 41, n. 6, p. 760-782, 2014.

USHER, Nikki. Newsroom moves and the newspaper crisis evaluated: space, place, and cultural meaning. **Media, Culture & Society**, v. 37, n. 7, p. 1005-1021, 2015.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

WOLCOTT, Harry F. **Writing Up Qualitative Research**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2001.

WU, Yuning. The Impact of Media on Public Trust in Legal Authorities in China and Taiwan. **Asian Journal of Criminology**, v. 9, n. 2, p. 85–101, June 2014.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Através deste instrumento, o(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A crise dos jornais impressos e os indicadores associados ao capital social”, base de uma Dissertação de Mestrado a ser apresentada pela autora ao Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

O objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre a crise dos jornais impressos e os indicadores associados ao conceito de capital social. O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para contribuir com seu conhecimento sobre o tema.

O(a) senhor(a) foi selecionado(a) intencionalmente e sua participação não é obrigatória, tampouco remunerada. Sua assinatura a este Termo representa seu consentimento e sua adesão à pesquisa. No entanto, a qualquer momento, o(a) senhor(a) pode deixar de participar e retirar seu consentimento.

A entrevista será realizada pela autora do estudo e gravada em áudio. O produto das gravações é de propriedade da autora, independente de seu uso ou não na pesquisa, sendo mantidas por até um ano após a data da entrevista. Findo este prazo poderão ser destruídas. Apenas a autora terá acesso ao conteúdo das gravações, o qual será empregado exclusivamente para fins acadêmicos.

Por questões procedimentais, seu nome será apresentado no texto da Dissertação de Mestrado, seja no campo de agradecimentos e/ou no campo da apresentação da metodologia empregada. Parte do conteúdo de sua entrevista poderá ser transcrito literalmente no campo referente aos resultados do trabalho. Porém, assegura-se que não haverá identificação de autoria do pronunciamento, de modo que os conteúdos das entrevistas serão atribuídos a autores representados por letras (“Entrevistado A”; “Entrevistado B”; etc).

Além da Dissertação de Mestrado, as informações obtidas poderão ser utilizadas para elaboração de artigos científicos e outras publicações similares, sempre obedecendo ao princípio de confidencialidade da opinião do(a) entrevistado (a).

O presente Termo será expedido em duas vias, que deverão ser assinadas pelo(a) senhor(a) e pela autora da pesquisa, permitindo cópia para cada uma das partes. Através do endereço eletrônico da autora, a

qualquer momento o(a) senhor(a) pode manifestar-se sobre o projeto e sua participação.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos que norteiam a minha participação na pesquisa, bem como sobre o projeto em si. Fui informado (a) de que minha participação é voluntária e não remunerada. Autorizo o emprego das informações por mim prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e de tal modo que não haja identificação de autoria. Declaro, ainda, saber que posso retirar-me do estudo a qualquer momento, invalidando o uso das informações que eu tenha fornecido.

Nome completo: _____

CPF/RG: _____ Local: _____

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Autora da Pesquisa: Layse Ventura Coutinho Amaral

E-mail: ventura.layse@gmail.com Identidade: 20.864.633-9 DIC/RJ

Assinatura: _____

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE CONTEÚDO

Roteiro de entrevista

- 1) Qual é a função do jornal impresso no contexto atual?
- 2) Algumas pessoas falam sobre o potencial do jornal de promover uma identidade compartilhada entre as pessoas. O que você pensa sobre isso?
- 3) Diante de tantas opções de meios de comunicação, o que as pessoas buscam no jornal?
- 4) As pessoas que vivem em comunidade têm objetivos e problemas coletivos que dependem da cooperação entre elas para serem alcançados ou superados – como buscar conciliar os interesses de surfistas e pescadores na época de pesca, querer uma cidade mais segura ou mesmo resolver questões de poluição. O jornal impresso ele tem uma função nessas questões que demandam a cooperação entre as pessoas? Se sim, como? Se não, por quê?
- 5) Alguns pesquisadores acreditam que existe uma crise nos jornais impressos. O que você pensa sobre isso?
- 6) Quais são as consequências de uma crise nos jornais impressos? Já é possível observar consequências ou ainda é cedo para isso?
- 7) Considerando o jornal como um dos pontos de uma rede de relações e as pessoas como outros pontos. As pessoas exercem alguma influência sobre os jornais ou é uma via de mão única em que apenas o jornal tem efeitos sobre a sociedade?
- 8) Por fim, em um país democrático, o governo atua de alguma maneira para que os jornais continuem produzindo notícias? Se sim, como? Se não, por quê?